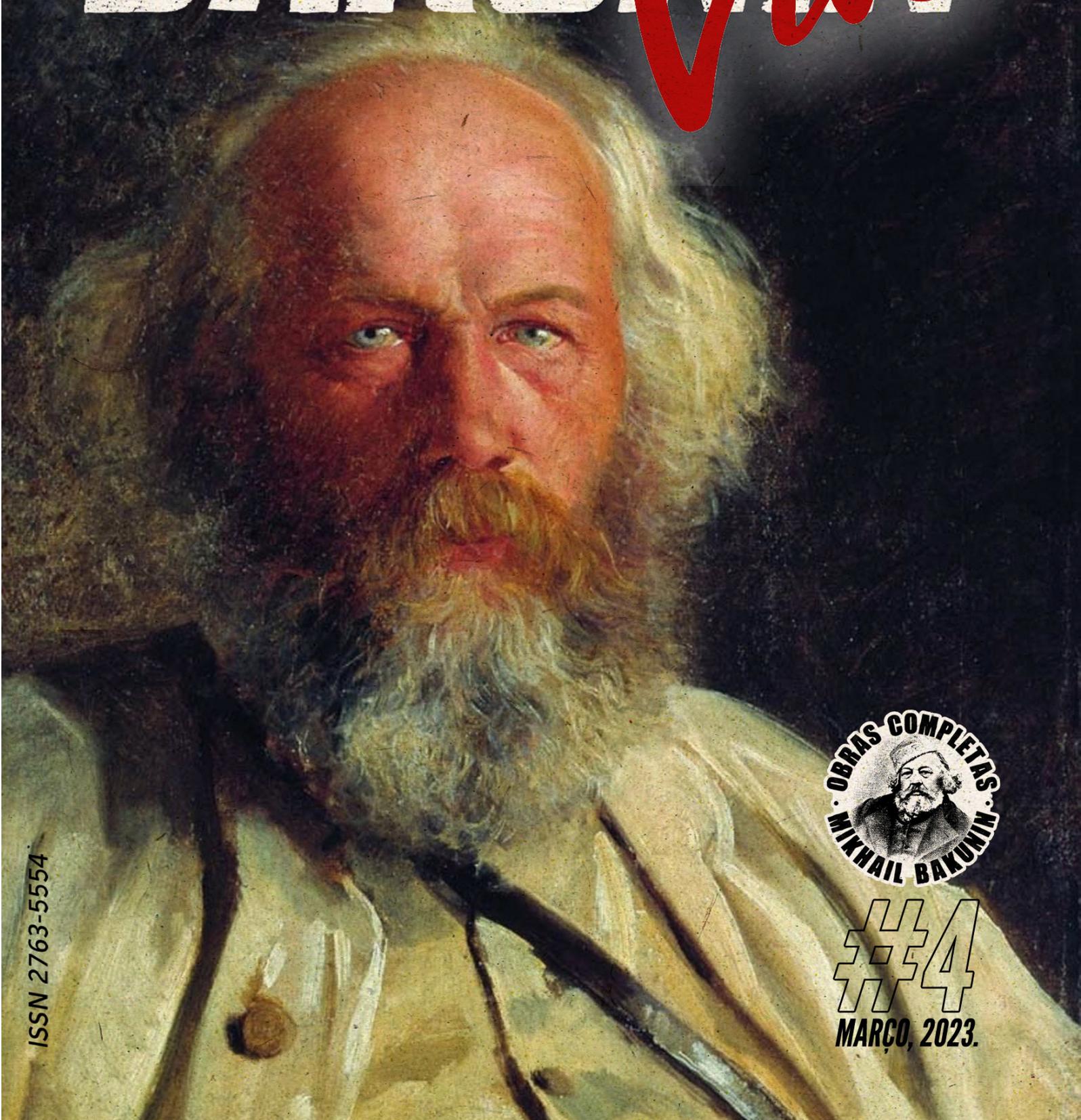


OBRAS COMPLETAS EM PORTUGUÊS

BAKUNIN

Vive



ISSN 2763-5554



#4
MARÇO, 2023.

Revista

BAKUNIN VIVE

ANO 3, N. 04. 1º SEMESTRE DE 2023

A *Revista Bakunin Vive* é uma publicação semestral organizada pelo Arquivo Bakunin e pelo Projeto Obras Completas de Mikhail Bakunin, que se dedicará a publicar traduções inéditas ou retraduições da obra do filósofo russo Mikhail Bakunin (1814-1876).

CORPO EDITORIAL

Editor-Geral

Tadeu Bernardes de Souza Toniatti

Editores associados

Francisco Raphael Cruz Maurício
Leon Martins Carriconde Azevedo
Luciana Ribeiro de Brito
Rômulo de Souza Castro
Sávia Bona Vasconcelos Soares
Selmo Nascimento da Silva

Diagramação

Alexandre Wellington dos Santos Silva

Revisão técnica

Sávia Bona Vasconcelos Soares

Arte

Nikolai Nikolaevich Ge

ARQUIVO BAKUNIN
PROJETO OBRAS COMPLETAS DE MIKHAIL BAKUNIN

www.arquivobakunin.org

-

ISSN: 2763-5554 (online)

SUMÁRIO

Introdução	05
Carta a um francês: consequências do triunfo prussiano para o socialismo	07
Carta de Bakunin à Herzen (1860)	32

1^{er} Januar. 1868.

H. Alfred Strut. Brief für Herrn. H. C.

Mein lieber Freund - Versieh dich
ich hätte nicht-gedonnen bin - aber
wie es unglücklich, da ich schon ungewiss
Verprochen war. Ich habe noch nicht
ich dich nicht. Ich kann, da ich
eine ungewissheit gleichzeit auch Rück-
Sicht zu schreiben. Ich habe nicht - Aber
übermorgen will ich dich persönlich sehen,
Schreibe mir wie du bist. Ich
wäre die Zeit vor mir ist dir zu
Hast du Pfeffer noch.

Dein unveränderter abgeleiteter
und alter Freund
H. Bannier.

EDITORIAL

Chegamos à quarta edição da revista *Bakunin Vive* com a feliz notícia da publicação nessa edição da tradução para o português da última parte da obra *Carta a um francês*, concluindo assim o trabalho de fornecer ao público lusófono essa tradução inédita e ao mesmo tempo tão importante. Também publicamos nessa edição uma *carta de Bakunin à Herzen*, datada de 7-15 de novembro de 1860.

O projeto Obras Completas de Mikhail Bakunin segue aliando diferentes esforços, de vários lugares do país, a partir de distintas concepções e realidades, para um esforço comum: traduzir para o português toda a obra do revolucionário e socialista russo. Não é um projeto de curto prazo, mas de vários anos e talvez décadas, em consequência do pouco traduzido até agora para o português e a depender do ritmo e apoios que o projeto receber ao longo do seu caminhar.

A longa carta de Bakunin a seu amigo pessoal e camarada Alexandr I. Herzen, data de 7-15 de novembro de 1860, tem como principal foco a defesa, através de uma exposição detalhada envolvendo elementos de ordem pessoal e política, do então governador geral da Sibéria Oriental, Nikolay Muraviev-Amursky. Bakunin apresenta Muraviev-Amursky como um dos poucos elementos democráticos da aristocracia militar russa, devendo ser visto pelas forças revolucionárias como amigo da luta de libertação do povo russo, da causa eslava e camponesa.

Em relação ao pano de fundo das rela-

ções pessoais e políticas detrás da carta é importante explicar que Nikolay Muraviev-Amursky era primo de segundo grau de Bakunin por parte de mãe, que se chamava Varvara Muravieva antes de se casar com seu pai e mudar o nome para Varvara Bakunin. Os Muravievs eram uma proeminente família aristocrática da Rússia. Em ambas famílias, Bakunin e Muraviev, existiam pessoas que se aproximaram mais ou menos das organizações secretas dezembristas. Um primo da mãe de Bakunin, o tenente-coronel imperial Sergey Muravyov-Apostol, foi enforcado como um dos líderes do movimento insurgente dezembrista.

Em 1857 Bakunin foi liberado da prisão e condenado ao exílio perpétuo na Sibéria. Em 1859 sai de Omsk, na Sibéria Ocidental, e se instala na cidade Irkutsk, na Sibéria Oriental, local de onde envia no ano seguinte a carta à Herzen que publicamos nessa edição. Em Irkutsk é recebido por Muraviev-Amursky e onde se encontra com o mesmo quase diariamente. Como relata James Guillaume¹, o primo de Bakunin tentava ajudá-lo a receber a liberação, mas perdeu seu posto de governador geral em 1861 por sua oposição à burocracia, precipitando a fuga de Bakunin para o Japão entre junho e julho de 1861.

Ao longo da carta Bakunin também irá defender Muraviev dos ataques políticos de seus inimigos: Zavalishin, Raevsky, Petrashevski e Lvov. Ao longo da crítica a esses personagens Bakunin faz uma descrição importante das relações políticas no exílio siberiano, bem como uma análise da aris-

1 Ver o texto “Michael Bakunin: A Biographical Sketch” escrito por James Guillaume em agosto de 1907. Fonte: <https://www.marxists.org/reference/archive/guillaume/works/bakunin.htm>

tocracia russa e das contradições de determinados círculos liberais e democráticos oriundos dessa classe.

A última parte de *Carta a um francês*, que o leitor terá acesso, nessa edição evidencia a análise sagaz e profunda de Bakunin sobre as classes sociais e a política revolucionária. Primeiramente, cabe lembrar que a análise é escrita no calor do momento, em agosto-setembro de 1870, quando a guerra franco-prussiana havia acabado de iniciar, em meados de julho.

Bakunin começa analisando quais seriam as consequências de uma derrota francesa na guerra e quais as forças políticas e sociais estariam mais favoráveis a colaboração com o inimigo externo. Conclui que os bonapartistas seriam os mais aptos a aceitar um tratado de paz ultrajante para a França, mas, independentemente de quem fosse, deveria necessariamente se tornar *“pela própria força das coisas vassalo da Prússia, o muito humilde e dedicado servidor de Bismarck”*.

Ainda que Bakunin não desconsidere de todo essa possibilidade, na verdade quem negociou por fim o tratado de paz foram setores republicanos burgueses reunidos na Assembleia Nacional (Thiers, Favre e cia.), o que ampliará posteriormente ainda mais a crítica bakuninista ao republicanismo burguês.

Em relação a posição das classes sociais e frações de classe Bakunin afirma que a grande maioria da média e pequena burguesia possuem aspirações patrióticas e uma posição social que a colocam contrária a derrota da França, diferente da oli-

garquia burguesa que se beneficiaria com a subjugação da França à Prússia. Mas a pequena e média burguesia são incapazes de qualquer ação séria, condenadas a impotência por temor e ódio ao proletariado e ao socialismo.

Em sua análise materialista, a força social principal capaz de resistir contra a invasão prussiana, dada a estrutura de classes e a conjuntura francesa da época, seria o proletariado das cidades. Aqui Bakunin deixa claro que de um país a outro a fração estratégica da classe trabalhadora para a revolução pode modificar. Bakunin afirma que o campesinato na Espanha, Irlanda e Itália, possuem uma posição miserável e periférica e, portanto, inclinação natural ao socialismo revolucionário, o que não se verificava na França. Mas isso não diminuía a importância estratégica da aliança com o campesinato para a vitória da revolução, o que mudava é que a responsabilidade histórica dessa aliança recaía sobre a iniciativa e a vanguarda do proletariado urbano, mais organizado e experiente. Os dilemas e dramas da Comuna de Paris no ano seguinte a esse texto de Bakunin, dão razão a ele e sua teoria revolucionária.

Outros assuntos para a vitória do socialismo revolucionário e do proletariado são abordados nessa quarta edição da revista. Esperamos que cada um e cada uma, trabalhador ou pesquisador, possa extrair as lições teóricas e estratégicas universais do bakuninismo para interpretar a realidade específica de cada país em cada momento histórico. Desejamos, por fim, uma boa leitura a todos e todas!

CARTA A UM FRANCÊS: CONSEQUÊNCIAS DO TRIUNFO PRUSSIANO PARA O SOCIALISMO

(70021DEF)

Título: Carta a um francês. Consequências do triunfo prussiano para o socialismo

Data: agosto-setembro de 1870

Local: Locarno

País: Suíça

Fonte: Amsterdam, IISG, Arquivos Bakunin

Idioma: francês

Nota: Nas páginas 16 (ms 96) e 32 (ms 112) se encontram notas para James Guillaume. Ver também documentos diversos de Bakunin, 1869.

Suponhamos que nenhuma cidade na França tome esta iniciativa e que a França, desta vez, esteja perdida, ou seja, que Paris, uma vez caída nas mãos dos prussianos, aceite todas as condições de paz que Bismark ditar. Qual será, então, a posição do socialismo na França e na Europa como um todo?

Vejamos primeiro a situação do povo francês. Que governo francês poderá consentir em assinar as condições desonrosas e desastrosas de paz para a França que o rei da Prússia - o futuro Imperador da Alemanha, se ele voltar da França vitorioso e vivo - não deixará de lhe impor, será forçado a lhe impor? Por mais cheio de desprezo que

eu seja pela impotência, agora comprovada, do partido radical, não creio que Jules Simon e Jules Favre possam eles mesmos se rebaixar o suficiente para assiná-las. Os republicanos não assinarão, e se houver algum entre eles que assine, só poderão ser os republicanos vendidos, como Emile Olivier, o falecido ministro. O partido republicano antissocialista, um partido que envelheceu antes da hora, porque passou toda sua vida em aspirações platônicas, fora de toda realidade e de toda ação positiva, é agora, sem dúvida, incapaz de viver e de fazer a França viver, mas saberá, pelo menos, como morrer sem desonrar seus cabelos brancos, e creio que seja orgulhoso o suficiente para se deixar enterrar sob as ruínas de Paris em vez de assinar um tratado de paz que faria da França um vice-reinado da Prússia.

Será que Thiers e Trochu concordarão em assinar? Quem sabe? Pouco se sabe sobre o General Trochu. Quanto a Thiers, este verdadeiro representante da política burguesa e do parlamentarismo burguês, nós o conhecemos suficientemente bem para saber que ele tem alguns pecados muito grandes em sua consciência. Ele, mais do que qualquer outro, foi a alma da conspiração reacionária no seio da Assembleia Constituinte e que contribuiu para a eleição do Príncipe Presidente, em 1848.

Mas há nele um grande patriotismo de Estado, que nunca foi negado e que constitui propriamente toda a sua virtude política. Ele ama sincera e apaixonadamente a grandeza e a glória da França, e penso que ele também morrerá em vez de assinar a decadência da França. Thiers e Trochu são, além disso, ambos orleanistas, e os príncipes de Orléans dificilmente assinarão as condições de Bismarck, pois seria uma ação tão covarde quanto impolítica de sua parte. De resto, *chi lo sa?*² Eles estão cansados de ficar por tanto tempo sem coroa, e “Paris bem vale uma missa” - disse seu avô Henrique IV.

Ah! conte-me, por exemplo, sobre o Sr. Emile Girardin. Fale-me dos senhores senadores, conselheiros de Estado, dos diplomatas, dos membros do Conselho privado e do Gabinete do Imperador. Estes estão acostumados a todo tipo de baixezas, não esperam nada melhor do que serem comprados, estão todos à venda, e barato. Quanto à imperatriz Eugênia, ela seria, sem dúvida, capaz de se oferecer inteira ao exército prussiano, desde que este estivesse disposto a manter a coroa desonrada da França sobre a cabeça de seu filho.

O mais provável, penso eu, é que se houver a conclusão da paz, ela será assinada por bonapartistas. Mas o que é certo é que, seja qual for o governo que a assine, será necessariamente e pela própria força das coisas vassalo da Prússia, será o muito humilde e dedicado servidor de Bismarck; um servidor muito sincero, porque, desprezado e odiado pela França, não terá mais, como já observei, qualquer outro apoio, nem qualquer outra razão de existência que não seja a Prússia.

Sabendo que será tanto mais odiado em sua terra quanto mais efetivamente protegido for no exterior, o novo governo da França deverá, a si mesmo tanto quanto ao seu suserano, organizar e governar a França de tal forma que esta não possa perturbar nem a tranquilidade no interior nem a

paz no exterior.

O jugo administrativo que pesou sobre ela e que tão profundamente a desmoralizou durante os últimos vinte anos será necessariamente reforçado. Toda a atual centralização administrativa será conservada, com a diferença de que o verdadeiro centro não estará mais em Paris, mas em Berlim. Uma grande parte do pessoal desta administração será mantida, porque este pessoal o mereceu muito da Prússia. Todos esses altos e baixos funcionários do Império que se aperfeiçoaram por uma prática de vinte anos na arte de oprimir, arruinar e corromper as populações, não abandonaram e abriram, sem defesa, suas prefeituras e suas comunas aos prussianos?

Os impostos serão aumentados consideravelmente. Não reduzirão, pelo contrário, eles serão forçados a aumentar o orçamento. Porque, ao déficit tão próximo da falência que Napoleão III terá legado, será preciso acrescentar os juros de todos os empréstimos da guerra, bem como os dos bilhões que terão sido pagos à Prússia. A inconvertibilidade das notas do Banco da França, votada pelas câmaras apenas como medida transitória e apenas pela duração da guerra, tornar-se-á uma instituição permanente, como na Itália desde 1866; e como na Itália, veremos o ouro e a prata darem lugar a um papel que nunca chegará a seu valor nominal.

Os impostos já deverão ser aumentados por este único motivo: que ao aumento do valor das despesas do Estado, corresponderá não um aumento, mas uma diminuição notável do valor dos tributos, a Alsácia e a Lorena devendo ser separadas da França. As contribuições diretas vão se tornar mais importantes, devido à diminuição do produto das contribuições indiretas, e estas últimas terão que diminuir necessariamente, como resultado dos tratados comerciais vantajosos para a Alemanha, mas ruins para a França, o que a Prússia não deixará de impor a esta última, exatamente como

2 NE: “Quem sabe?” em italiano.

a França imperial havia feito em relação à Itália.

Assim, o comércio e a indústria da França, já arruinados por esta guerra, serão ainda mais arruinados por esta paz, o trabalho nacional diminuirá, e com ele o valor dos salários, enquanto os impostos, que em última análise sempre caem sobre o proletariado, e, por esta mesma razão, o preço dos alimentos aumentarão. O povo da França vai se tornar muito mais miserável, e quanto mais miserável for, mais necessário se tornará contê-lo.

O povo do campo será contido principalmente pela ação moral dos Jesuítas. Piedosamente educado nos princípios da Igreja Católica e Romana, ele continuará a ser sistematicamente insuflado contra o liberalismo e o republicanismo da burguesia e contra o socialismo dos trabalhadores “partilheiros”³ das cidades. É um grande erro pensar que Bismarck e o velho Guilherme, rei da Prússia, seu aluno e professor, como protestantes, serão inimigos dos Jesuítas. Nos países protestantes também continuarão a proteger os *mômiers*⁴, mas também continuarão a apoiar os jesuítas nos países católicos; porque os Jesuítas e os *mômiers* são igualmente excelentes em ensinar ao povo a paciência, a submissão e a resignação.

A grande maioria dos burgueses ficará, naturalmente, descontente. Humilhados em seu patriotismo e em sua vaidade nacional, eles ficarão ainda mais arruinados. Muitas famílias pertencentes à burguesia média descerão para a pequena burguesia, e muitos pequenos burgueses serão empurrados de volta para o proletariado. Por outro lado, a oligarquia burguesa monopolizará ainda mais todos os negócios e receitas do comércio e da indústria nacional; e os falcões da bolsa de valores especularão

sobre os infortúnios da França.

A burguesia ficará descontente. Mas seu descontentamento não oferecerá perigo imediato. Separada do proletariado por seu ódio, tanto refletido quanto instintivo, ao socialismo, ela é impotente, no sentido de ter perdido a capacidade de fazer a revolução. Resta a ela ainda um tipo de ação lentamente dissolvente, ela pode minar e arruinar as instituições a longo prazo, atacando-as, travando continuamente pequenas guerras, como se vê na Itália hoje em dia, mas ela não é mais capaz de pensamentos audaciosos, nem de resolução enérgica, nem de grandes ações. Ela está presa e passou definitivamente ao estado de capão⁵. Ela pode, então, inquietar e preocupar o governo, mas não o ameaçar com um grave perigo.

O grave perigo só pode vir do proletariado das cidades. Também é principalmente contra ele que serão usados todos os meios de sufocamento e repressão. O primeiro meio será isolá-lo completamente, de início despertando contra ele, como já expliquei, as populações do campo, e depois, impedindo de todas as maneiras, com a poderosa ajuda da grande e da média burguesia, que a pequena burguesia se junte a ele no campo do socialismo. O segundo meio será desmoralizá-lo e impedir, por todo tipo de medida preventiva e coercitiva, seu desenvolvimento intelectual, moral e social. A principal medida será, sem dúvida, defender e processar, perseguir implacavelmente, todas as associações de trabalhadores e, sobretudo, naturalmente, a grande e salutar Associação Internacional de Trabalhadores de todo o mundo. Seu terceiro e último meio será contê-lo e reprimi-lo pela força armada.

O exército deste governo será completamente transformado, enfim, em um corpo

3 NE: Original: *partageux*.

4 NE: *Mômier*: membro de uma seita protestante de um extremo puritanismo. (N. dos E.)

5 NT: Animal capado e alimentado de forma especial, para que engorde rapidamente e seja abatido de forma antecipada.

de *gendarmes*⁶, demasiado fraco e mal organizado para defender a independência do país, mas suficientemente poderoso para suprimir as revoltas destas populações descontentes. A inevitável e considerável redução do exército francês, que a Prússia não deixará de impor à França derrotada, será a única vantagem que resultará para a França desta paz vergonhosa. Se a França saísse desta guerra pelo menos igual à Prússia em independência, em segurança, em potência, esta redução poderia tornar-se para ela uma fonte de grandes e salutares economias. Mas derrotada e transformada num vice-reinado da Prússia, a França, a população da França, não terá absolutamente nenhuma vantagem, pois o dinheiro que terá sido poupado no exército, será necessário gastá-lo para corromper, comprar, tranquilizar, assimilar ao novo regime as consciências e as vontades do país oficial, o espírito público e privado das classes inteligentes e privilegiadas. A corrupção sistemática destas classes custa imensamente caro, e tanto a atual Itália como a França Imperial sabem alguma coisa sobre isso.

O exército será, então, consideravelmente diminuído, mas, ao mesmo tempo, aperfeiçoado no sentido do serviço da gendarmeria⁷, o único que doravante será chamado a cumprir. Quanto à defesa da França contra ataques externos, seja da Itália, da Inglaterra, da Rússia, da Espanha, ou mesmo da Turquia, Bismarck e seu soberano, o generoso Imperador da Alemanha, não permitirão que ela mesma se encarregue disso. Será, então, um assunto deles. Eles garantirão e protegerão poderosamente a integridade de seu vice-reino de Paris, tal como o Imperador Napoleão III tinha, até então, garantido e protegido a integridade de seu vice-reino de Florença.

Esta será, certamente, a posição da França uma vez que ela houver aceitado e assinado as condições da Prússia. Vejamos,

agora, qual será a situação dos operários no meio desta nova França?

Em termos econômicos, será infinitamente mais miserável. Isto é tão claro que nem é necessário demonstrá-lo. Em termos políticos, também vai se tornar muito pior. Pode-se ter certeza de que, uma vez terminada esta guerra, o primeiro, o principal cuidado de todos os governos da Europa será reprimir as associações de trabalhadores, corrompê-las, dissolvê-las, destruí-las de todas as formas e por todos os meios legais e ilegais. Este será o maior assunto para os governos, uma questão de vida ou morte, já que todas as outras classes da sociedade deixaram de ser perigosas e contrárias à existência, à potência dos Estados, resta-lhes apenas o mundo operário a combater.

E, com efeito, a classe nobiliária, tendo perdido absolutamente toda a independência de posição, de interesse e de espírito, há muito tempo se tornou subserviente ao Estado, mesmo na Inglaterra. O clero e a Igreja, apesar de seus sonhos inocentes de supremacia e dominação espiritual e até temporal, apesar da recém-proclamada infalibilidade do Papa, não são na realidade nada mais do que uma instituição do Estado, uma espécie de polícia negra sobre as almas em benefício do Estado, porque fora do Estado eles não podem mais ter nem renda nem poder. A burguesia, finalmente, como já disse e vou dizer novamente, decaiu definitivamente ao estado de capão. Ela foi viril, audaciosa, heroica, revolucionária, há 80 anos; voltou a ser assim há 55 anos, e assim permaneceu, embora já em um grau muito menor, durante a Restauração, de 1815 a 1830. Satisfeita e saciada pela Revolução de julho, ela ainda tinha sonhos revolucionários até junho de 1848. Nessa época, se torna definitivamente reacionária. Ela é, atualmente, a principal beneficiária e, por consequência, a apoiadora

6 NE: Membros de uma das forças policiais francesas, a gendarmeria.

7 NT: O termo gendarmeria (ou gendarmaria, ou mesmo guarda) se refere às funções policiais, de contenção da população civil para a manutenção da estabilidade e ordem internas.

mais interessada e mais apaixonada do Estado.

Restam, então, os camponeses e operários das cidades. Mas os camponeses, em quase todos os países da Europa Ocidental - menos Inglaterra e Escócia, onde propriamente falando os camponeses não existem -, menos na Irlanda, Itália e Espanha, onde se encontram em uma situação miserável, e conseqüentemente revolucionária e socialista - revolucionária sem que eles próprios o saibam - na França e na Alemanha, especialmente, estão parcialmente satisfeitos; eles gozam, ou acreditam gozar, de vantagens que imaginam ter interesse em preservar contra os ataques de uma revolução social; eles têm, se não os lucros reais, pelo menos o sonho vaidoso, a imaginação da propriedade. Eles também são sistematicamente mantidos, pelos governos e por todas as igrejas oficiais e não oficiais do Estado, em uma ignorância crassa. Os camponeses constituem hoje a base principal, quase a única, sobre a qual se assentam a segurança e a força dos Estados. Eles são, portanto, objeto de atenção especial por parte de todos os governos. Suas mentes são sistematicamente trabalhadas para serem cultivadas ali as delicadas flores da fé cristã e da fidelidade ao soberano, e semeadas as plantas salutares do ódio contra as cidades. Apesar de tudo isso, os camponeses, como já expliquei, podem e serão, mais cedo ou mais tarde, sublevados pela revolução social, e isto por estas três simples razões: devido a seu baixo grau de civilização ou sua relativa barbárie, eles preservaram em toda sua integridade o temperamento simples, robusto e toda a energia da natureza popular. Eles vivem do trabalho de seus braços e são moralizados por este trabalho, que alimenta neles um ódio instintivo contra todos os preguiçosos privilegiados do Estado, contra todos os exploradores do trabalho. Enfim, sendo eles mesmos trabalhadores, são separados dos trabalhadores das cidades somente por preconceitos, e não por interesses. Um grande movimento socialista e revolucionário poderá assustá-

-los, de início, mas seu instinto e seu bom senso natural logo os farão compreender que não se trata de roubá-los, mas de fazer triunfar e estabelecer, em todos os lugares e para todos, o direito sagrado do trabalho sobre as ruínas de toda a preguiça privilegiada do mundo. E logo que os operários, abandonando a linguagem pretensiosa e escolástica de um socialismo doutrinário, inspirados eles mesmos pela paixão revolucionária, venham e lhes digam simplesmente, sem desvios e sem frases, o que querem; quando chegarem ao campo, não como preceptores e mestres, mas como irmãos, como iguais, provocando a revolução, mas não a impondo aos trabalhadores da terra; quando ateam fogo a todos os papéis carimbados, processos judiciais, títulos de propriedade e anuidades, dívidas privadas, hipotecas estatais, leis criminais e civis; quando acenderem fogueiras com toda essa imensa papelada, sinal e consagração oficial da escravidão e da miséria do proletariado - então, tenham certeza disso, os camponeses os entenderão e se insurgirão com eles. Mas para que os camponeses se insurjam, é absolutamente necessário que a iniciativa do movimento revolucionário seja tomada pelos operários das cidades, porque somente esses operários, hoje, combinam ao instinto a consciência esclarecida, a ideia e a vontade refletida da revolução social. Então, todo o perigo que ameaça a existência dos Estados está hoje concentrado apenas no proletariado das cidades.

Todos os governos da Europa o sabem bem, e é por isso que, poderosamente ajudados pela rica burguesia, pela plutocracia coligada de todos os países, empregarão todos os seus esforços, depois desta guerra, para matar, corromper, sufocar completamente este elemento revolucionário nas cidades. Após a guerra de 1815, formou-se a Santa Aliança política de todos os Estados contra o liberalismo burguês. Após a guerra atual, se ela terminar com o triunfo da Prússia, ou seja, com o triunfo da reação internacional, haverá a Santa Aliança, tan-

to política quanto econômica, dos mesmos Estados, que se tornaram ainda mais poderosos através da cooperação interessada da burguesia de todos os países, contra o socialismo revolucionário do proletariado.

Esta será a situação geral do socialismo em toda a Europa. Voltarei a isto. Mas antes quero examinar qual será a situação muito especial do socialismo francês depois desta guerra, se ela terminar em uma paz vergonhosa e desastrosa para a França. Os trabalhadores serão infinitamente mais insatisfeitos e miseráveis do que têm sido até agora. Isto é evidente. Mas será que daí decorre, primeiramente, que suas disposições, seu espírito, sua vontade e suas resoluções vão se tornar mais revolucionárias? E, em segundo lugar, mesmo que suas disposições se tornem mais revolucionárias, será para eles mais fácil, ou mesmo tão fácil quanto é hoje, fazer a revolução social?

Sobre cada uma destas questões, não hesito em me pronunciar de forma negativa, e aqui está a razão. Primeiramente, quanto à disposição revolucionária das massas operárias - não estou, naturalmente, falando aqui de alguns indivíduos excepcionais -, ela depende não apenas de um maior ou menor grau de miséria e descontentamento, mas também da fé ou confiança que as massas trabalhadoras têm na justiça e na necessidade do triunfo de sua causa. Desde a existência das sociedades políticas, as massas sempre foram descontentes e miseráveis, porque todas as sociedades políticas, todos os Estados, tanto republicanas quanto monárquicas, desde o início da história até os dias de hoje, foram fundadas exclusivamente e sempre, apenas em diferentes graus de franqueza, sobre a miséria e o trabalho forçado do proletariado. Então, assim como o gozo material e todos os direitos políticos e sociais sempre foram a sorte das classes privilegiadas; as massas trabalhadoras nunca tiveram por sua vez nada além do sofrimento material e dos desprezos, das violências de todas as sociedades politicamente organizadas - daí seu eterno descontentamento.

Mas este descontentamento só raramente produziu revoluções. Vemos até mesmo pessoas que estão reduzidas à miséria excessiva, e ainda assim não se movem. Qual é a razão para isto? Eles estão satisfeitos com sua posição? De modo algum. É porque eles não têm senso de direito, nenhuma fé em seu próprio poder e, porque não têm esse sentimento nem essa fé, eles permanecem por séculos como escravos indefesos. Como um e outro nascem entre as massas populares? O sentimento ou consciência de direito é, no indivíduo, o efeito da ciência teórica, mas também de sua experiência prática de vida. A primeira condição, ou seja, o desenvolvimento teórico da inteligência, não foi, nunca e em nenhum lugar, realizada para as massas. Mesmo naqueles países da Europa onde a instrução popular é mais avançada, como na Alemanha, por exemplo, ela é tão insignificante e sobretudo tão distorcida que sequer vale a pena falar dela. Na França, ela é nula. E, no entanto, não se pode dizer que as massas operárias deste país ignorem seus direitos. Onde elas aprenderam sobre eles? Somente em sua grande experiência histórica, naquela grande tradição que, desenvolvendo-se através dos séculos e sendo transmitida de geração em geração, sempre crescendo e sempre enriquecida por novas injustiças, novos sofrimentos e novas misérias, acaba iluminando toda a massa do proletariado. Enquanto um povo não cai na decadência, há sempre progresso nesta tradição salutar, a única professora das massas populares. Mas não se pode dizer que em todos os períodos da história de um povo este progresso seja igual. Ao contrário, ele se manifesta apenas por sobressaltos. Às vezes é muito rápido, muito sensível, muito largo, outras vezes desacelera ou para; outras vezes parece recuar completamente. Qual é a razão disso?

Isto se deve, evidentemente, ao caráter dos eventos que constituem sua história. Alguns o eletrificam e o impulsionam; outros agem sobre a disposição geral da consciência popular de forma deplorável, de-

sencorajadora e esmagadora, a ponto de a derrubar ou desviar, e às vezes até mesmo corromper completamente. Em geral, podemos observar, no desenvolvimento histórico dos povos, dois movimentos opostos, que me permito comparar com o fluxo e refluxo do oceano.

Em certos momentos, que geralmente são os precursores de grandes eventos históricos, de grandes triunfos da humanidade, tudo parece avançar em ritmo acelerado, tudo respira poder: as inteligências, os corações, as vontades, tudo vai em uníssono, tudo parece caminhar para a conquista de novos horizontes. Então, se estabelece em toda a sociedade como uma corrente elétrica que une os indivíduos mais distantes em um mesmo sentimento, as inteligências mais díspares em um mesmo pensamento, e que imprime a todos a mesma vontade. Então cada um fica cheio de confiança e coragem, porque se sente carregado pelo sentimento do mundo inteiro. Assim foi, para não sair da história moderna, no final do século passado, na véspera da grande revolução. Tal foi, embora em muito menor grau, o caráter dos anos que precederam a revolução de 1848. Assim é, enfim, penso eu, o caráter de nossa época, que parece anunciar eventos que bem podem ultrapassar em grandeza os de 1789 e 1793. O que sentimos, o que vemos nestes tempos grandiosos e poderosos, não pode ser comparado com o fluxo do oceano?

Mas há outras épocas sombrias, desesperadas, fatais, onde tudo respira decadência, prostração e morte, e que apresentam um verdadeiro eclipse da consciência pública e privada. Estes são os refluxos que sempre acompanham as grandes catástrofes históricas. Assim foi o período do primeiro Império e da Restauração. Assim foram os dezenove ou vinte anos após a catástrofe de junho de 1848. Assim serão, em um grau ainda mais terrível, os vinte ou trinta anos que se seguirão à conquista da

França popular pelos exércitos do déspota prussiano, se for verdade que os operários, que o povo francês, pode ser tão covarde a ponto de entregar a França a ele.

Uma covardia histórica tão grande seria uma prova de que os senhores professores da Alemanha e os coronéis do Rei da Prússia⁸ estão corretos em afirmar que o papel da França no desenvolvimento dos destinos sociais da humanidade já acabou, que essa esplêndida inteligência francesa, esse farol luminoso dos séculos modernos, foi definitivamente eclipsado, que ela não tem mais nada a dizer à Europa, que ela está morta e que, finalmente, este grande e nobre caráter nacional, esta energia, este heroísmo, esta audácia francesa, que pela revolução imortal de 1793 demoliu a infame prisão da Idade Média e abriu a todas as nações um novo mundo de liberdade, igualdade e fraternidade, se tornaram tão degradados, e tão incapazes de querer, de lutar e de viver, que não há nada melhor para eles do que se deitarem, como escravos, no umbral mesmo deste mundo, sob os pés de um ministro prussiano.

Não sou, de forma alguma, nacionalista. Eu detesto, com toda a energia do meu coração, este chamado princípio das nacionalidades e raças que os Napoleões III, os Bismarcks e os Imperadores da Rússia apresentaram, apenas para destruir em seu nome a liberdade de todas as nações. O patriotismo burguês, a meu ver, é apenas uma paixão muito mesquinha, muito estreita, muito egoísta e fundamentalmente anti-humana, tendo como objeto apenas a conservação e o poder do Estado nacional, ou seja, a manutenção de todos os privilégios exploradores no seio de uma nação. Quando as massas populares são patrióticas, são estúpidas, como é hoje parte das massas populares da Alemanha, que se deixaram assassinar às dezenas de milhares, com estúpido entusiasmo, pelo triunfo desta Grande Unidade e pela Constituição

8 NB: Leiam a carta insolente e peculiar endereçada pelo Coronel de Holstein ao Sr. Émile de Girardin.

deste Império germânico, que, se algum dia for constituído sobre as ruínas da França conquistada, iria se tornar o túmulo de todas as suas esperanças para o futuro. O que me interessa a esta hora, portanto, não é a salvação da França como grande potência política, como Estado, nem da França Imperial, nem da França Real, nem mesmo da República Francesa.

O que eu lamentaria como uma imensa desgraça para toda a humanidade seria o declínio e a morte da França como grande natureza nacional; a morte daquele grande caráter nacional, daquele espírito francês, daqueles instintos generosos, heroicos e daquela audácia revolucionária que tomou de assalto, a fim de demoli-las, todas as autoridades consagradas e fortificadas pela história, todos os poderes do céu e da terra... Se esta grande natureza histórica, que se chama França, nos faltasse neste momento, se desaparecesse do cenário do mundo, ou, o que seria pior, se esta nação generosa e inteligente, da altura sublime em que o trabalho e o gênio heroico de suas gerações passadas a haviam colocado, caísse de repente na lama, continuando a viver como escrava de Bismarck; um imenso vazio seria criado no mundo. Seria mais do que uma catástrofe nacional, seria um infortúnio, uma decadência universal.

Imagine a Prússia, a Alemanha de Bismarck, em vez da França de 1793, em vez daquela França da qual todos esperávamos, da qual ainda hoje aguardamos a iniciativa da Revolução Social!

O mundo está tão acostumado a seguir a iniciativa da França, a vê-la sempre marchando audaciosamente adiante, que ainda hoje, no momento em que ela parece perdida, esmagada por inúmeros exércitos, e traída por todos os seus poderes oficiais, bem como pela impotência e imbecilidade evidentes de todos os seus burgueses republicanos, o mundo, todas as nações da Europa, espantadas, preocupadas, consternadas com o seu aparente declínio, ainda esperam dela a sua salvação. Elas estão esperando que ela lhes dê o sinal de liber-

tação, a palavra de ordem, o exemplo. Todos os olhos estão voltados, não para Mac-Mahon e Bazaine, mas para Paris, para Lyon, para Marselha.... Os revolucionários de toda a Europa não se moverão até que a França se mova.

O partido operário da Democracia Socialista desta grande nação germânica, que a esta hora parece ter enviado todos os filhos de sua nobreza e burguesia para invadir a França popular; este partido, ao qual devemos fazer esta merecida justiça, que logo no início da guerra, em meio ao entusiasmo bélico de toda a Alemanha nobre e burguesa, protestou corajosamente contra a invasão da França, este partido aguarda com ansiedade, com impaciência apaixonada, o movimento revolucionário da França, o sinal para a revolução universal. Todas as publicações socialistas da Alemanha suplicam aos operários da França que proclamem o mais rápido possível a república democrática e social; não esta pobre república “racional e positivista”, sabiamente praticada, tão recomendada pelo pobre sr. Gambetta, mas a grande república, a república universal do proletariado, para que finalmente possam protestar alto, pelas palavras e pelos atos, junto ao verdadeiro povo alemão, contra a política belicosa dos privilegiados da Alemanha, sem parecer defender a causa da França imperial, da França de um Napoleão III.

Tal é hoje, portanto, apesar de todas as suas desgraças, e talvez até por causa dessas terríveis desgraças, que são tão merecidas, e mais do que nunca, a grande posição da França revolucionária. Do hasteamento audacioso e do triunfo de sua bandeira, o mundo espera sua salvação.

Mas quem carregará esta bandeira? A burguesia? Acho que já disse o suficiente para provar de forma irrefutável que a burguesia atual, mesmo a mais republicana, a mais vermelha, agora se tornou covarde, imbecil, impotente. Se a bandeira da França revolucionária fosse deixada em suas mãos, ela a deixaria cair na lama. Apenas o proletariado da França, os operários das

idades e os camponeses, reunidos, mas principalmente os primeiros, podem segurá-la em suas poderosas mãos e elevá-la para a salvação do mundo.

Essa é, atualmente, sua grande missão. Se a cumprirem, eles emanciparão toda a Europa. Se falharem, eles se perderão e condenarão o proletariado da Europa a pelo menos cinquenta anos de escravidão.

Eles vão se perder. Pois eles não podem imaginar que, se hoje consentirem em sofrer o jugo dos prussianos, mais tarde encontrarão em si mesmos nem a inteligência, nem a vontade e nem o poder necessários para fazer a revolução social. Eles vão se encontrar, após esta catástrofe vergonhosa, numa posição mil vezes pior do que a de seus antecessores, operários da França, após as catástrofes de Junho e Dezembro. Alguns raros operários podem bem conservar a inteligência e a vontade revolucionárias, mas não terão a fé revolucionária; porque esta fé só é possível quando os sentimentos do indivíduo encontram um eco, um apoio nos instintos e na vontade unânime das massas; mas eles não encontrarão mais este eco e este apoio nas massas: as massas serão completamente desmoralizadas, esmagadas, desorganizadas e decapitadas. [Na margem: Terminar depois de amanhã, e sexta-feira, 9 de setembro, eu parto].

Sim, desorganizadas e decapitadas, porque o novo governo, este vice-reino ou vice-império que será instalado, protegido e dirigido a partir de agora a partir de Berlim, pelo Grão-Chanceler do Império Alemão, de Bismarck, não deixará de empregar contra o proletariado, e em uma base ainda muito mais ampla, as medidas de salvação pública que tão bem atenderam, primeiramente, ao General Cavaignac, o ditador da República, e depois àquele infame Robert Macaire que, sob o duplo título de

Príncipe Presidente e Imperador dos franceses, assassinou silenciosamente, pilhou e desonrou a França durante vinte e dois anos mortíferos⁹.

Quais são essas medidas? Eles são muito simples. Em primeiro lugar, a fim de desorganizar completamente as massas operárias, o direito de associação será completamente abolido. Não se trata apenas desta grande Associação Internacional, tão temida e tão odiada. Não, fora de suas oficinas, onde serão submetidos a uma disciplina severa, os trabalhadores da França serão proibidos de qualquer tipo de associação, sob qualquer pretexto. Desta forma, matarão seu espírito, e toda esperança de formarem entre eles, através da discussão e da instrução mútua - a única que os pode iluminar agora - uma vontade coletiva qualquer. Cada operário vai se encontrar, como depois de Dezembro, reduzido ao isolamento intelectual e moral completo, e por este isolamento condenado à mais completa impotência.

Ao mesmo tempo, para decapitar as massas trabalhadoras, algumas centenas deles, talvez alguns milhares, serão presos e transportados para Caiena: os mais enérgicos, os mais inteligentes, os mais convencidos e os mais dedicados, como foi feito em 1848 e 1851.

O que farão então as massas operárias desorganizadas e decapitadas? Elas pastarão a grama e, fustigadas pela fome, trabalharão como loucas para enriquecer seus patrões. Imagine, então, uma revolução das massas populares reduzidas a tal posição!

Mas se, apesar desta posição miserável, impulsionado por aquela energia francesa que não se resignará facilmente à morte, impulsionado ainda mais por seu desespero, o proletariado francês se revoltar, oh! Então, para fazê-lo recuperar a razão, es-

9 NE: Nesta passagem, Bakunin se refere a Napoleão III. Ele o chama de *Robert Macaire*, que é o nome de um personagem fictício do teatro (e posteriormente do cinema), um arquétipo de vilão, bandido e enganador.

tarão ali os *chassepots*¹⁰, duplicados, dessa vez, pelos fuzis de agulha¹¹, e contra esse argumento terrível, ao qual ele não terá para opor nem a inteligência, nem a organização, nem a vontade coletiva, nada além de seu desespero, ele será dez vezes, cem vezes mais impotente do que foi até agora.

E então? Então, o socialismo francês terá deixado de contar entre as forças ativas que impulsionam o desenvolvimento e a emancipação solidários do proletariado da Europa. Ainda poderá haver escritores, doutrinas, obras e jornais socialistas na França, se o novo governo e o Chanceler da Alemanha, Bismarck, o permitirem, todavia. Mas nem os escritores, nem os filósofos, nem suas obras, nem mesmo os jornais socialistas, constituem ainda o socialismo vivo e poderoso. Este só encontra existência real no instinto revolucionário iluminado, na vontade coletiva e na própria auto-organização das massas operárias, e quando faltarem este instinto, esta vontade e esta organização, os melhores livros do mundo não passarão de teorias vazias, de sonhos impotentes.

Portanto, é óbvio que se a França se submeter à Prússia, se, neste momento terrível em que estão em jogo todo o seu presente e todo o seu futuro, ela não preferir a morte de todos os seus filhos e a destruição de todas as suas propriedades, a queima de suas aldeias, suas cidades e todas as suas casas, à escravidão sob o jugo dos prussianos, se ela não quebrar, pelo poder de uma revolta popular e revolucionária, o poder dos inumeráveis exércitos alemães, que, vitoriosos em todos os pontos até agora, ameaçam sua dignidade, sua liberdade e mesmo sua existência, se ela não se tornar um túmulo para todos aqueles seiscentos mil soldados do despotismo alemão, se ela não se opuser a eles com o único meio

capaz de derrotá-los e destruí-los, nas circunstâncias atuais, se ela não responder a esta invasão insolente com a não menos impiedosa e mil vezes mais ameaçadora revolução social - é certo, digo, que então a França está perdida, suas massas operárias serão escravas, e o socialismo francês terá vivido.

E, neste caso, vejamos, qual será a situação do socialismo, quais serão as chances de emancipação dos trabalhadores no resto da Europa? Quais são os países, fora da França, onde o socialismo se tornou realmente uma potência? Alemanha, Bélgica, Inglaterra e Espanha.

Na Itália, o socialismo está ainda em sua infância. A parte militante das classes operárias, especialmente no norte da Itália, ainda não se libertou o suficiente da preocupação exclusiva com o patriotismo político que foi inspirado nelas pela poderosa influência do grande agitador e patriota da Itália, o verdadeiro criador da unidade italiana, Giuseppe Mazzini. Os operários italianos, como os do mundo inteiro, são socialistas e revolucionários por posição e instinto, assim como são, sem exceção, os operários do mundo inteiro. Mas os operários italianos ainda são quase completamente ignorantes das verdadeiras causas desta posição miserável e são, por assim dizer, ignorantes da verdadeira natureza de seus próprios instintos. Eles estão aturdidos por um trabalho que mal os alimenta, e as suas esposas, seus filhos, maltratados, abusados, famintos, e empurrados, dirigidos, deixando-se guiar cegamente pela burguesia radical e liberal, falam de marchar sobre Roma, como se as pedras do Coliseu e do Vaticano fossem lhes dar liberdade, lazer e pão; e agora eles realizam reuniões em todas as suas cidades para forçar seu rei a enviar seus soldados contra

10 NT: Chassepot foi o nome pelo qual ficou conhecido o modelo de rifle militar usado pelas forças francesas durante a Guerra franco-prussiana, o Fusil modèle 1866. A fabricação do rifle Chassepot terminou em fevereiro de 1875, quatro anos após o fim da guerra.

11 NE: A expressão original "*fusil à aiguille*" é também utilizada em francês como sinônimo de fuzil Dreyse, modelo utilizado pelos prussianos na Guerra franco-prussiana, um dos primeiros fuzis de agulha.

o Papa; como se este rei e estes soldados, assim como esta burguesia que os empurra, os dois primeiros protetores oficiais, e a última exploradora privilegiada do direito de propriedade, não fossem as causas principais e imediatas de sua miséria e de sua escravidão!

Estas preocupações exclusivamente políticas e patrióticas são muito generosas, sem dúvida, de sua parte. Mas é preciso admitir, ao mesmo tempo, que elas são bastante estúpidas!

Há um ponto de vista, porém, que legitima, em certa medida, esta tendência dos trabalhadores italianos a marchar sobre Roma, a cidade eterna, a Capital do despotismo intelectual e moral, a residência do infalível Papa. Durante séculos, e não sem muita razão, todas as cidades italianas consideraram o poder e a ação católica do Papa como uma das razões constantes e fundamentais para suas desgraças e sua escravidão - e elas querem acabar com isso. Essa é uma daquelas tendências imperativas, históricas, contra as quais nenhum raciocínio, por mais justo que seja, pode prevalecer, e pode ser necessária uma nova experiência histórica, uma nova desilusão amarga, para que os operários italianos abram finalmente seus olhos, para entender que, enviando os soldados de um rei contra o Papa, eles não terão se livrado nem dos soldados, nem do rei, nem do Papa; e que para demolir tudo isso de uma só vez, juntamente com a propriedade e a exploração da nobreza e da burguesia, das quais os soldados, o rei e o Papa não são senão a consequência necessária, a consagração e a garantia, só há uma maneira; é fazer, primeiro em suas cidades, mas insurgindo todas as cidades ao mesmo tempo, uma boa revolução social. Pois contra tal revolução que irrompe simultaneamente em todas as cidades e em todo o campo, não haverá nem Papa, nem rei, nem soldados, nem nobreza, nem burguesia que aguentem...

Do ponto de vista da revolução social, pode-se dizer que o campo italiano é até

mais avançado do que as cidades. Permanecendo fora de todos os movimentos e de todos os desenvolvimentos históricos pelos quais até agora só pagou o preço, o campo italiano não tem tendências políticas nem patriotismo. Mantido por todos os governos que se sucederam em diferentes partes da Itália em uma ignorância e miséria terríveis, ele nunca compartilhou as paixões das cidades. Entregue completamente à influência dos sacerdotes, ele é supersticioso e ao mesmo tempo muito pouco religioso. O poder dos padres no campo é, portanto, apenas muito fugaz, só é real na medida em que concorda com o ódio instintivo dos camponeses contra os ricos proprietários de terras, contra os burgueses e as cidades... Mas apenas desperte o instinto profundamente socialista que está meio acordado no coração de cada camponês italiano; renove, em toda a Itália, apenas com um objetivo revolucionário, a propaganda que o Cardeal Ruffo fez na Calábria no final do século passado; apenas profira este grito:

*“A terra para quem a trabalha
com seus braços!”*

E você verá se todos os camponeses italianos não se levantarão para fazer a revolução social; e se os padres quiserem se opor a ela, eles matarão os padres.

O movimento completamente espontâneo dos camponeses italianos no ano passado, um movimento provocado pela lei que impunha um imposto sobre a moagem do trigo, deu a medida do socialismo revolucionário natural dos camponeses italianos. Eles derrotaram os destacamentos das tropas regulares, e quando vinham em massa para as cidades, sempre começavam queimando toda a papelada oficial que lhes caía nas mãos.

A Itália se encontra, incontestavelmente, às vésperas de uma revolução social. O governo de Vítor Emanuel e todos os ministérios que se sucederam, cada um mais ladrão, mais covarde, mais safado que o

outro, governaram-na tão bem que ela agora está reduzida a um estado político e financeiro completamente impossível. O crédito do Estado, do Governo, do próprio Parlamento, de tudo o que constitui o mundo oficial, está arruinado. A indústria e o comércio estão arruinados. Os impostos sempre crescentes estão esmagando o país, sem poder preencher o déficit cada vez maior. A falência está batendo à porta do Estado. O descrédito reina supremo na sociedade política e civil, as malversações de todos os tipos tornaram-se seu pão cotidiano. Não há mais fé ou boa-fé - Vítor Emanuel se sente arrastado com seu suserano, Napoleão III, para o abismo. Espera-se apenas o sinal de uma revolução na França, a iniciativa revolucionária da França, para iniciar a revolução na Itália.

Por onde essa revolução começará é indiferente. Provavelmente por essa eterna questão de Roma. Mas toda revolução italiana, qualquer que seja a natureza e o pretexto de seu início, vai se transformar necessariamente e logo em uma imensa revolução social, porque a questão aberta, dominante, real, a questão que está por trás de todas as outras, é a horrível miséria e a escravidão do proletariado. Isso é o que sabem muito bem o governo, e todos os políticos e partidos políticos na Itália. E é justamente por causa deste fato que os liberais e republicanos italianos hesitam. Eles temem esta revolução social que ameça engoli-los.

E ainda assim não classifiquei a Itália entre os países onde o socialismo, tendo consciência de si mesmo, se encontra organizado. Esta consciência, e mais ainda esta organização, é absolutamente inexistente nos operários, e naturalmente ainda mais nos camponeses italianos. Eles são socialistas como o burguês fidalgo de Molière escrevia em prosa: sem saber. Portanto, a iniciativa da revolução socialista não pode

vir deles. Eles devem recebê-lo de fora.

Não falo nada da Suíça. Se o mundo humano fosse morrer [riscado: de inanição intelectual e moral], não seria a Suíça que o ressuscitaria. Passemos adiante.

O socialismo começa a constituir uma verdadeira potência na Alemanha. As três grandes organizações operárias: a antiga organização lassalliana, o partido operário da democracia socialista, tendo como órgão o “Estado do Povo” (*der Volksstaat*), e a grande associação operária para a instrução mútua (*Arbeiter Bildungsverein*) abraçam, todas juntas, pelo menos 500.000 operários. Eles estão divididos entre si muito mais por intrigas e questões de influência pessoal do que por questões de princípio. As duas primeiras organizações são francamente socialistas e revolucionárias. A terceira, que ainda é a mais numerosa, continua sendo parcialmente influenciada pelo liberalismo e pelo socialismo burguês. No entanto, esta influência está diminuindo visivelmente, e é de se esperar que em pouco tempo, especialmente sob a impressão dos eventos atuais, os operários desta terceira organização passem em massa para o partido operário da democracia socialista, partido formado há pouco mais de um ano, após uma longa luta entre os operários lassalianos e os da associação de instrução mútua, pela fusão de parte de uma e de outra.

A organização predominante hoje é, sem dúvida, o Partido Operário Social-Democrata¹². Ele está diretamente ligado à Internacional, na medida em que as leis atuais na Alemanha o permitem. Estas leis são naturalmente muito restritivas, opressivas e severas, tendo como objetivo principal impedir de todas as maneiras a formação de uma força operária. Elas defendem e julgam como crime de alta traição, não só qualquer aliança organizada das associações operárias da Alemanha

12 NE: Bakunin refere-se aqui ao *Sozialdemokratische Arbeiterpartei (SDAP)*, uma das organizações predecessoras do atual Partido Social-Democrata da Alemanha (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands -SPD*), e utiliza sinônimos a seguir.

com as associações de países estrangeiros, mas também, e apesar desta grande ideia da unidade germânica, em nome da qual o rei da Prússia acaba de lançar todos os exércitos unidos da Alemanha contra esta pobre França, elas proíbem as associações operárias de cada região alemã, de se associarem e se organizarem de forma unitária com as de todas as outras regiões desta mesma Alemanha unitária.

O ímpeto dos trabalhadores alemães é, entretanto, muito forte para ser contido por estas leis, e podemos perceber atualmente a existência e a organização real de uma associação operária imponente, unindo todas as regiões da Alemanha, e estendendo uma mão fraterna às associações operárias de todos os outros países da Europa Ocidental, bem como às dos Estados Unidos da América.

O Partido Operário Social-Democrata, assim como o da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, fundada diretamente por Lassalle, são francamente socialistas, no sentido de que querem uma reforma radical da relação entre capital e trabalho; e tanto os lassalianos quanto os democratas socialistas são unânimes neste ponto, que para obter esta reforma, o Estado deve ser primeiramente reformado, e se ele não se permitir ser reformado voluntária e pacificamente, como resultado e por meio de uma grande agitação operária pacífica e legal, então ele deve ser reformado pela força, ou seja, pela revolução política. Segundo a opinião quase unânime dos socialistas alemães, a revolução política deve preceder a revolução social - o que é um grande e fatal erro em minha opinião, porque qualquer revolução política que ocorra antes e, portanto, fora da revolução social, será necessariamente uma revolução burguesa, e a revolução burguesa só pode servir e produzir, no máximo, um socialismo burguês; isto é, deve levar infalivelmente a uma nova exploração, mais hipócrita e mais hábil talvez, mas não menos opressiva, do proletariado pela burguesia.

Esta infeliz ideia da revolução política

que, segundo os socialistas alemães, deve preceder a revolução social, abre as portas do Partido da Democracia Socialista Operária a todos os democratas radicais, exclusivamente políticos e muito pouco socialistas da Alemanha. Assim, em muitas ocasiões diferentes, o partido operário da democracia socialista operária, conduzido por seus líderes, não por seu próprio instinto, que é muito mais popularmente socialista do que as ideias desses líderes, confundiu-se e confraternizou com os burgueses democratas do chamado Partido do povo (*Volkspartei*), partido exclusivamente político e não somente estranho, mas diretamente hostil a todo socialismo sério; isto foi provado de forma impressionante tanto pelos discursos apaixonadamente patrióticos e burgueses de seus representantes na memorável assembleia popular realizada em Viena em julho ou agosto de 1868 quanto pelos ataques furiosos de seus jornais contra os operários, os verdadeiros socialistas revolucionários de Viena, que em nome da democracia humana e universal, vieram perturbar seu Concerto patriótico e burguês.

Esses discursos e ataques apaixonados contra o socialismo, esse grande impedimento, esse eterno estraga-prazeres do radicalismo burguês, despertaram a reprovação, pode-se dizer unânime, do mundo operário na Alemanha, e colocaram em uma posição muito delicada e difícil homens como o sr. Liebknecht e outros, que, embora desejando permanecer à frente das associações operárias, não queriam ceder ou romper suas relações políticas com seus amigos no *Volkspartei* (Partido do povo) burguês. Os líderes desse último logo perceberam que tinham cometido um grande erro, pois apesar da energia, da força de ação e da audácia revolucionária tão bem conhecida e agora tão bem provada dos burgueses, eles não podem esperar, no entanto, que reduzidos a eles mesmos, e sem alguma ajuda do proletariado, serão capazes de fazer uma revolução ou mesmo constituir uma sombra de uma força im-

portante. Nunca foi o sistema da burguesia fazer a revolução por ela mesma. Este engenhoso sistema sempre consistiu nisto: Fazer a revolução pelo braço todo-poderoso do povo e depois enfiar os lucros em seus próprios bolsos. Assim, os radicais burgueses do *Volkspartei* foram forçados a se explicar, a fazer reparações, por assim dizer, e a se proclamar também socialistas. Seu novo socialismo, que eles anunciaram com um grande alarde de palavras e frases, naturalmente não foi além dos sonhos inocentes da cooperação burguesa.

Durante um ano inteiro, de agosto de 1868 a agosto de 1869, houve conversações e negociações diplomáticas entre os principais representantes dos dois partidos: operários e burgueses, e estas negociações resultaram finalmente no famoso programa do Congresso de Eisenach (7, 8 e 9 de agosto de 1869), que constituiu definitivamente o Partido Operário da Democracia Socialista.

Este programa é uma verdadeira transação entre o programa socialista e revolucionário da Associação Internacional dos Trabalhadores, tão claramente determinado pelos Congressos de Bruxelas e Basileia, e o conhecido programa do democratismo burguês.

Aqui estão os três primeiros artigos que caracterizam perfeitamente o caráter político e econômico deste Programa do novo partido da Democracia Socialista Operária:

Art. I. O Partido da Democracia Socialista (*die sozial-demokratische Partei*)¹³ na Alemanha luta pela constituição do Estado popular livre (*die Errichtung eines freien Volksstaats*).

Art. II. Cada membro do Partido da Democracia Socialista é obrigado a servir os seguintes princípios com todos os seus meios:

1. As atuais condições políticas e sociais são injustas no mais alto grau e, portanto, devem ser repelidas com a maior energia.

2. A luta pela emancipação dos trabalhadores não é uma luta pela instituição de novos privilégios de classe, mas pela igualdade de deveres e direitos e pela abolição de toda dominação de classe.

3. A dependência na qual o trabalhador se encontra diante do capitalista é a principal base da escravidão em todas as suas formas. O Partido da Democracia Socialista pretende, por meio da abolição do atual sistema de produção, conquistar para o trabalhador todo o produto de seu trabalho.

4. A liberdade política é a condição prévia mais urgente (*die unentbehrlichste Vorbedingung*) da emancipação econômica das classes trabalhadoras. Portanto, a questão social é inseparável da questão política. Sua solução só é possível em um Estado democrático.

5. Considerando que a emancipação política e econômica da classe trabalhadora só é possível com a condição de que todos os trabalhadores se unam na mesma luta, o Partido da Democracia Socialista na Alemanha se dota de uma organização unitária, que, no entanto, permite que cada membro exerça sua influência para o bem comum.

6. Considerando que a emancipação do trabalho não é uma questão local ou mesmo nacional; que é uma questão social que abrange todos os países nos quais se encontram realizadas as condições da sociedade moderna (*in denen es moderne Gesellschaft gibt*), o Partido da Democracia Socialista, na medida em que as leis sobre associações o permitam, se considera como um ramo da Associação Internacional dos Trabalhadores, cujas tendências compartilha. A Presidência (*Vorstand*) do Partido, portanto, entrará em relações oficiais com o Conselho Geral.

Art. III. - Os primeiros objetivos a serem alcançados (*die nächsten Forderungen*) pela agitação do Partido da Democracia Socialista, são os seguintes:

13 NE: É o próprio autor que justapõe sistematicamente algumas expressões em alemão à sua

1. O direito de sufrágio direto e secreto para todos os homens a partir de 20 anos de idade para a eleição dos deputados ao parlamento federal, assim como aos parlamentos dos diversos estados, assim como dos membros das representações provinciais e comunitárias e a todos os outros órgãos representativos.

2. Legislação direta pelo povo, com o direito de propor e rejeitar leis.

3. Abolição de todos os privilégios de classe, propriedade, nascimento e confissão.

4. Instituição do armamento nacional para substituir o exército permanente.

5. Separação da Igreja e do Estado, separação da Escola e da Igreja.

6. Instrução obrigatória nas escolas populares. Instrução gratuita em todas as instituições públicas de ensino.

7. Independência dos tribunais, instituição do Júri e do procedimento público.

8. Abolição de todas as leis relativas ao direito de reunião, associação e coalizão; plena liberdade de imprensa. Determinação da jornada normal de trabalho. Proibição do trabalho infantil e limitação do trabalho das mulheres em estabelecimentos industriais.

9. Abolição de todos os impostos indiretos, instituição do imposto direto sobre os rendimentos.

10. Apoio do Estado à cooperação operária e crédito do Estado às associações produtivas.

Estes três artigos, assim desenvolvidos, expressam perfeitamente, não a plenitude dos instintos e aspirações socialistas e revolucionárias dos trabalhadores que fazem parte desta nova organização da Democracia Socialista na Alemanha, mas as tendências dos líderes que conceberam o programa e que hoje dirigem este partido.

O primeiro artigo nos impressiona, antes de tudo, por sua completa discordância com o espírito e o texto do programa

fundamental da Associação Internacional. O partido da democracia socialista quer a instituição do Estado popular livre. Estas duas últimas palavras: popular e livre soam bem, mas, a primeira palavra: o Estado, deve soar mal aos ouvidos de um verdadeiro socialista revolucionário, de um inimigo resoluto e sincero de todas as instituições burguesas, sem exceção; está em flagrante contradição com o próprio objetivo da Associação Internacional, e destrói absolutamente o significado das duas palavras que a seguem: popular e livre.

Quem diz Associação Internacional, diz negação do Estado, já que qualquer Estado deve ser necessariamente um Estado, uma instituição nacional. Ou então, os autores do programa se referem ao Estado internacional, o Estado universal, ou ao menos, em um sentido mais restrito, ao Estado que abrange todos os países da Europa ocidental onde existe, para usar a expressão preferida dos socialistas alemães, “a sociedade ou civilização moderna”, ou seja, a sociedade em que o Capital, tornando-se o único comanditário do trabalho, encontra-se concentrado nas mãos de uma classe privilegiada pelo Estado, a burguesia - e graças a esta concentração reduz os trabalhadores à escravidão e à miséria. Os líderes do Partido da Democracia Socialista defenderiam a instituição de um Estado que englobaria todo o ocidente da Europa, Inglaterra, França, Alemanha, todos os países escandinavos, os países eslavos sujeitos à Áustria, Bélgica, Holanda, Suíça, Itália, Espanha e Portugal?

Não, sua imaginação e seu apetite político não abarcam tantos países ao mesmo tempo. O que eles querem com uma paixão que nem sequer tentam esconder é a organização de sua pátria alemã, da grande Unidade germânica. É a instituição do Estado exclusivamente alemão que o primeiro artigo de seu programa coloca como objetivo principal e supremo do Partido operário da democracia socialista. Eles são

tradução.

patriotas políticos acima de tudo.

Mas então o que eles legam à Internacionalidade? O que esses patriotas alemães dão à irmandade internacional dos trabalhadores de todos os países? Nada além de palavras vazias socialistas, sem realização possível, porque a base principal, primeira, exclusivamente política de seu programa, o Estado germânico, as destrói.

Efetivamente, a partir do momento em que os operários da Alemanha devem querer e servir, acima de tudo, à instituição do Estado germânico, a solidariedade que deveria, do ponto de vista econômico e social, uni-los ao ponto de confundi-los com seus irmãos, os trabalhadores explorados do mundo inteiro, e que deveria, em minha opinião, ser a principal e única base das associações operárias de todos os países; esta solidariedade internacional é necessariamente sacrificada ao patriotismo, à paixão política nacional, e pode acontecer que os operários de um país, divididos entre estas duas paixões, entre estas duas tendências contraditórias: a solidariedade socialista do trabalho e o patriotismo político do Estado nacional, sacrificando, como devem - se obedecerem ao primeiro artigo deste programa da Democracia Socialista-, a solidariedade internacional ao patriotismo, eles vão se encontrar na infeliz posição de estarem unidos com seus compatriotas burgueses contra os trabalhadores de um país estrangeiro. É exatamente isso que ocorre hoje com os operários da Alemanha.

Foi um espetáculo interessante ver a

luta que, no início da guerra, surgiu no seio das classes operárias da Alemanha entre os princípios do patriotismo alemão impostos a elas por seu programa partidário e seus próprios instintos profundamente socialistas. A princípio, pode-se pensar que seu patriotismo prevaleceria sobre seu socialismo e temer que se deixassem levar pelo entusiasmo galófono¹⁴ e bélico da imensa maioria da burguesia na Alemanha¹⁵. Em uma grande Assembleia operária do Partido da Democracia Socialista, realizada em Brunswick nos últimos dias de julho, foram feitos muitos discursos carimbados com o mais puro patriotismo, mas, ao mesmo tempo, e por isso mesmo, quase totalmente desprovidos de sentimentos de justiça e fraternidade internacional.

Aos discursos generosos, francamente socialistas e verdadeiramente fraternais dos operários da Internacional de Paris e de outras cidades da França, respondeu-se com investidas contra Napoleão III, como se houvesse algo em comum entre este miserável e criminoso vigarista que durante vinte anos carregou o título de Imperador dos franceses e os operários da França, e pelo irônico conselho de derrubar seu tirano o mais rápido possível, para merecer as simpatias da democracia da Europa. Lendo estes discursos, poderíamos pensar que estávamos ouvindo homens livres, orgulhosos de sua liberdade, falando aos escravos. Vendo esta orgulhosa indignação germânica contra a tirania e a desonestidade de Napoleão III, poderíamos imaginar que

14 NT: Galófono é a qualidade de quem tem aversão à França e/ou aos franceses.

15 NB: Como é necessário ser justo acima de tudo, devo observar que vários órgãos da Democracia burguesa na Alemanha, e mais que os outros O Futuro de Berlim (*die Zukunft*), protestaram enérgica e nobremente contra esta fúria burguesa-tesca. Eles entenderam que, da maneira como a questão foi colocada entre Bismarck e Napoleão III, a derrota, assim como a vitória dos exércitos da Alemanha, só poderia trazer para esta horríveis infortúnios: o primeiro caso, a pilhagem das províncias alemãs, o desmembramento da Alemanha e o jugo estrangeiro; no segundo caso, um gasto não menos enorme de dinheiro e homens, e a escravidão nativa, prussiana e bismarckiana, a escravidão da nação alemã sob os calcanhares de uma monarquia militar e vitoriosa “pela graça de Deus”, e sob a insolência de todos os tenentes pomeranos. Mas de que serve protestar, quando se tem a glória de fazer parte de uma grande nação triunfante e se está preso no dilema insolúvel do Estado e da liberdade!

o sonho da democracia socialista, o Estado popular e livre, já havia se realizado na Alemanha, e que os operários alemães têm motivos para estarem satisfeitos com seus próprios governos!

Entre a política de Napoleão III e a do Grande Chanceler da Alemanha, o conde de Bismarck, não existe outra diferença além desta: uma foi infeliz, a outra feliz. Quanto ao caráter imoral, despótico e violador de todos os direitos humanos, é absolutamente o mesmo. Ou os trabalhadores da Alemanha seriam ingênuos o suficiente para pensar que Bismarck, como político, é mais moral do que Napoleão III, e que ele se deterá diante de alguma imoralidade quando se trata de realizar um propósito político qualquer?

Se podem pensar assim, é porque não prestaram atenção à política de seu grande Chanceler, especialmente nos últimos anos, desde a última insurreição na Polônia, durante a qual ele não desempenhou outro papel senão o de cúmplice dos executores moscovitas; e é porque eles nunca refletiram sobre as necessidades e a própria natureza da política. Se eles ainda podem acreditar na moralidade política, mesmo que apenas relativa, do Chanceler Bismarck, é porque leram muito mal seus próprios jornais e os jornais do partido democrático burguês, no qual todos as intrigas sujas de Bismarck, todas as suas traições criminosas contra a liberdade dos povos em geral e contra a pátria alemã em particular, em benefício da hegemonia prussiana, foram completamente expostas.

Não há dúvida de que, quando Bismarck empreendeu, em cooperação com a pobre Áustria, que ele havia enganado, sua campanha nacional e patriótica contra a pequena Dinamarca, ele já estava em plena conspiração com Napoleão III. Também é indubitável que quando ele empreendeu sua campanha antigermânica, toda prussiana, contra a Áustria e contra os soberanos alemães aliados à Áustria, ele se aliou com o Imperador da Rússia com uma mão, e com Napoleão III com a outra. Circuns-

tâncias inesperadas, o surpreendente e rápido triunfo do exército prussiano, lhe permitiram enganar a ambos. Mas não é menos certo que Bismarck havia feito promessas positivas a Napoleão III, em detrimento da integridade do território alemão, bem como do reino belga, e que ele teria cumprido suas promessas, se Napoleão III tivesse se mostrado mais enérgico e hábil. Toda a diferença entre Napoleão III e Bismarck, enquanto políticos, consiste nisto: a habilidade, ou seja, a malandragem de um superou a do outro. Contra malandro, malandro e meio, e é isso. De resto, é o mesmo desprezo pela humanidade e por tudo o que se chama direito humano, moralidade humana, e esta convicção, não apenas teórica, mas prática, exercida e manifestada diariamente, de que todos os meios são bons e todos os crimes são permitidos, quando se trata de atingir o objetivo supremo de toda política: a conservação e o aumento do poder do Estado. [Na margem: Eu mesmo o levarei - Parto amanhã - Depois de amanhã à noite em Berna - 11 à noite ou 12 de manhã em sua casa - Telegrafarei de Berna]

O Conde de Bismarck, que é um homem de espírito acima de tudo, deve dar uma boa risada quando ouve falar de sua moralidade e virtude política. Se ele levasse este elogio a sério, poderia até mesmo se ofender, porque do ponto de vista do Estado, virtude e moralidade nada mais significam do que imbecilidade política. O sr. Bismarck é um homem positivo e sério. Possuindo um objetivo, ele quer todos os meios para alcançá-lo, e como é ao mesmo tempo um homem enérgico e determinado, ele não se esquivará de nenhum meio que possa servir à grandeza da Prússia.

Permita-me reproduzir, nessa ocasião, algumas palavras de um discurso que proferi há apenas dois anos no Congresso da Liga da Liberdade e da Paz, realizado em Berna em 1868. Foi de certa forma meu discurso de despedida, pois este Congresso de radicalismo burguês, tendo rejeitado o programa socialista que meus amigos e eu

tínhamos apresentado a ele, deixei a Liga com eles. Respondendo a perguntas e ataques maliciosos de vários democratas e até mesmo socialistas alemães, estas foram as palavras com as quais eu terminei este discurso:

“Finalmente, para resumir, repito enfaticamente: sim, queremos a dissolução radical do Império de todas as Rússias, a aniquilação completa de seu poder e de sua existência. Queremos isto tanto por justiça humana quanto por patriotismo.

E agora que já me expliquei claramente, me parece que de modo a não deixar espaço para equívocos, permitam-me fazer uma pergunta aos meus amigos questionadores alemães...

Em seu amor pela justiça e pela liberdade, será que eles querem renunciar a todas as províncias polonesas (conquistadas pelas armas), qualquer que seja sua posição geográfica e sua importância estratégica e comercial para a Alemanha? Eles querem renunciar a todas as regiões polonesas, cujas populações não se interessam em ser alemãs? Será que eles desejam renunciar a seus chamados direitos históricos sobre toda aquela parte da Boêmia que os alemães não conseguiram germanizar, pelos meios inofensivos que conhecemos; sobre todo o país habitado pelos silesianos, os morávios e os tchecos, e onde o ódio, infelizmente legítimo demais, contra a dominação alemã, não pode ser posto em questão? Eles pretendem rejeitar, em nome da justiça e da liberdade, esta ambiciosa política da Prússia que, em nome das necessidades comerciais e marítimas da Alemanha, quer incorporar forçosamente as populações dinamarquesas que vivem em Schleswig, na grande Confederação Germânica do Norte? Pretendem deixar de reivindicar, em nome dessas mesmas necessidades comerciais e marítimas, a cidade e o território de Trieste, que são (no que diz respeito ao território, pelo menos) muito mais eslavos que italianos, e (no que diz respeito à própria cidade) muito mais italianos que alemães? Em uma palavra, será que eles querem re-

nunciar por sua própria parte, como exigem dos outros, a toda a política de Estado, e aceitar para si mesmos, assim como para os outros, todas as condições, assim como todos os deveres da justiça e da liberdade? Aceitarão, em toda a sua franqueza e em todas as suas aplicações, os seguintes princípios, os únicos que podem tornar possível a paz e a justiça internacionais:

1 - Abolição de tudo o que se chama direito histórico (de conquista) e das conveniências políticas dos Estados, em nome do direito supremo de todos os povos (da Europa e do mundo) pequenos ou grandes, fracos ou fortes, (civilizados ou não civilizados), assim como de todos os indivíduos, de dispor de si mesmos em completa liberdade, sem consideração pelas necessidades e pretensões dos Estados, e sem qualquer outro limite a essa liberdade que não seja a igualdade de direitos dos outros.

2- Abolição de todos os contratos perpétuos entre indivíduos, bem como entre todas as unidades coletivas: associações locais, (comunas), províncias e nações; o que significa, reconhecer a qualquer população que se aliou livremente a outra, o direito de romper o contrato, depois de ter satisfeito todos os compromissos temporários e limitados que contraiu. Sendo este direito fundado neste princípio, condição essencial da liberdade: que o passado não deve e não pode vincular o presente, pois o presente nunca pode vincular o futuro, e que o direito soberano reside sempre nas gerações presentes.

3- Reconhecimento do direito de secessão tanto para indivíduos como para associações, comunas, províncias e nações; com a única condição de que, em virtude de uma nova aliança com um poder estrangeiro hostil e ameaçador, a parte que se retira não ponha em perigo a independência e a liberdade da parte que está abandonando.

Estas são as verdadeiras, as únicas condições da justiça e da liberdade. Nossos amigos alemães querem aceitá-las tão francamente quanto nós? E, para dizer tudo, eles

querem, conosco, a destruição do Estado, de todos os Estados?

Senhores, eis toda a questão. Porque quem diz Estado, diz violência, opressão, exploração e injustiça erigidos em sistema e transformados em condições fundamentais para a própria existência da sociedade. O Estado, senhores, nunca teve e jamais terá moral. Sua moralidade própria e sua única justiça é o interesse supremo de sua própria conservação e onipotência, um interesse perante o qual tudo o que é humano deve se dobrar. O Estado é a própria negação da humanidade. Ele o é duplamente: como o contrário da liberdade humana e da justiça (internamente), e como uma interrupção violenta da solidariedade universal da raça humana (externamente). O Estado universal, ensaiado muitas vezes, sempre se mostrou impossível, de modo que enquanto houver Estado, haverá Estados; e como cada um se apresenta como um objetivo absoluto, fazendo do culto de seu próprio ser a lei suprema, ao qual todos os outros devem estar subordinados, segue-se que enquanto houver Estados, a guerra será perpétua. Cada Estado deve conquistar ou ser conquistado. Cada Estado deve basear seu poder na fraqueza e, se puder fazê-lo sem perigo para si mesmo, na aniquilação de outros Estados.

Senhores, querer o que este Congresso quer, querer o estabelecimento da justiça internacional, da liberdade internacional e da paz eterna, e ao mesmo tempo querer a preservação dos Estados, seria, portanto, de nossa parte, uma contradição e uma ingenuidade ridículas. Transformar a natureza dos Estados é impossível, porque é precisamente por esta natureza que eles são Estados e não podem se afastar dela sem deixar de existir imediatamente. Por consequência, senhores, não existem e não podem existir Estados bons, justos e virtuosos. Todos os Estados são maus no sentido em que, por sua natureza, por sua base, por todas as condições e pelo propósito supremo de sua existência, são o oposto da liberdade, da moralidade e da justiça

humanas. E, a este respeito, digam o que disserem, não há grande diferença entre o selvagem Império de todas as Rússias e o Estado mais civilizado da Europa.

Sabem no que consiste essa diferença? O Império dos czares faz cinicamente o que os outros fazem de maneira hipócrita. O Império dos czares, com sua franca atitude despótica e desdenhosa da humanidade, é o único ideal para o qual tendem, e que admiram secretamente, todos os estadistas da Europa. Todos os Estados da Europa fazem o que ele faz, na medida em que a opinião pública e, principalmente, a nova mas já poderosa solidariedade das massas operárias da Europa o permitem - opinião e solidariedade que contém os germes da destruição dos Estados. Quando se trata de Estados, senhores, os únicos virtuosos são os Estados impotentes. E eles ainda são bastante criminosos em seus sonhos.

Concluo: quem quer, conosco, o estabelecimento da liberdade, da justiça e da paz; quem quer o triunfo da humanidade, quem quer a emancipação radical e completa (econômica e política) das massas populares, deve querer, como nós, a dissolução de todos os Estados, na federação universal das associações produtivas e livres de todos os países.”

É claro que enquanto os trabalhadores alemães tiverem como objetivo a instituição do Estado nacional, por mais livre e popular que imaginem que seja - e há uma longa distância entre a imaginação e a realização -, especialmente quando a imaginação pressupõe a impossível reconciliação de dois elementos, de dois princípios; o Estado e a liberdade popular, que se destroem mutuamente e se entredevoram - eles sempre continuarão a sacrificar a liberdade popular à grandeza do Estado, o socialismo à política, a justiça, a fraternidade internacional, ao patriotismo. É claro que sua própria emancipação econômica não será nada além de um belo sonho eternamente relegado a um futuro distante.

É impossível atingir dois objetivos contraditórios ao mesmo tempo. Como o so-

cialismo, a revolução social, implica a destruição do Estado, é evidente que quem tende para o Estado deve renunciar ao socialismo, deve sacrificar a emancipação econômica das massas ao poder político de qualquer partido privilegiado.

O Partido da Democracia Socialista sacrifica a emancipação econômica e, por conseguinte, também a emancipação política do proletariado, ou melhor, sua emancipação da política, para a ambição e os triunfos da democracia burguesa. Isso é o que resulta claramente do segundo e do terceiro artigo de seu programa.

Os três primeiros parágrafos do segundo artigo são inteiramente coerentes com o princípio socialista da Associação Internacional dos Trabalhadores, cujo programa eles reproduzem quase textualmente. Mas o quarto parágrafo do mesmo artigo, afirmando que a liberdade política é a condição prévia da emancipação econômica, destrói completamente o valor prático deste reconhecimento de princípio. O que só pode significar isto:

“Operários, vocês são os escravos, as vítimas da propriedade e do Capital. Vocês querem se emancipar deste jugo econômico. Isso é muito bom e seus desejos são perfeitamente legítimos. Mas, para realizá-los, é necessário que antes vocês nos ajudem a fazer a revolução política. Mais tarde, nós os ajudaremos a fazer a revolução social. Nos deixem primeiro estabelecer, pela força de seus braços, o Estado democrático, uma boa democracia burguesa, como na Suíça, e então... então daremos a vocês um bem-estar igual ao de que gozam os operários na Suíça” (Ver as greves de Genebra e Basileia).

Para se convencer de que esta incrível aberração expressa perfeitamente as tendências e o espírito do Partido da Democracia Socialista - como um programa, não como as aspirações naturais dos operários alemães que o compõem - basta estudar o Artigo III, onde estão enumeradas todas as demandas imediatas e primárias (*die nächsten Forderungen*) que devem ser feitas

pela agitação pacífica e legal do partido. Estas reivindicações - menos a décima, que nem sequer havia sido proposta pelos autores do programa, mas que foi acrescentada posteriormente, no meio da discussão, como resultado de uma proposta feita por um membro do Congresso de Eisenach - todas estas reivindicações possuem um caráter exclusivamente político. Todos estes pontos recomendados como principais objetivos da ação prática imediata do partido não constituem outra coisa senão o conhecido programa da democracia burguesa: sufrágio universal, com legislação direta do povo; abolição de todos os privilégios políticos; armamento nacional; separação entre Igreja e Estado, e entre escola e Igreja; instrução gratuita e obrigatória; liberdade de imprensa, de associação, de reunião e de coalizão. Transformação de todos os impostos indiretos em um imposto direto, único e progressivo sobre a renda.

Este, portanto, é o verdadeiro objetivo, o verdadeiro e atual propósito deste partido: uma reforma exclusivamente política do Estado, das instituições e das leis do Estado. Eu não estava certo em dizer que este programa era socialista apenas em sonhos, para um futuro distante, mas que na realidade era um programa puramente político e burguês; tão burguês que nenhum dos meus antigos colegas da Liga da Paz e Liberdade teria hesitado em assiná-lo? Não tenho razão em dizer, ainda, que se julgarmos o Partido da Democracia Socialista dos operários alemães por seu programa - o que eu tenho todo o cuidado de não fazer, pois sei que as reais aspirações destes operários vão infinitamente além do programa - teríamos o direito de pensar que a instituição deste partido não teve outro objetivo senão fazer com que a massa operária sirva, como instrumento sacrificial e cego, à realização dos projetos políticos da democracia burguesa da Alemanha?

Há apenas dois pontos neste programa que não serão do agrado dos burgueses. O primeiro destes pontos está contido na segunda metade do parágrafo 8, onde se

exige a determinação da jornada normal, a abolição do trabalho infantil e a limitação do trabalho feminino; tudo o que sempre faz a burguesia sofrer, porque são amantes apaixonados de todas as liberdades que se voltam em seu benefício, e exigem em voz alta, para o proletariado, a liberdade de se deixar explorar, de ser esmagado, sem que o Estado interfira. No entanto, os tempos se tornaram tão difíceis para estes pobres burgueses que acabaram consentindo com esta intervenção do Estado mesmo na Inglaterra, cuja organização social atual, tanto quanto sei, ainda não é de forma alguma socialista.

O outro ponto, muito mais importante e de caráter socialista muito mais determinado, está contido no décimo parágrafo que, como já observei, nem sequer foi proposto pelos autores do programa, mas foi devido à iniciativa de um membro do Congresso de Eisenach e apresentado em meio à discussão do programa do Partido Operário da Democracia Socialista. Este ponto exige apoio, proteção (Förderung) e crédito do Estado para a cooperação operária e especialmente para as associações de produção, com todas as garantias de liberdade desejáveis.

Este é um ponto que nenhum democrata burguês admitirá de bom grado, pois está em absoluta contradição com o que a democracia burguesa e o socialismo burguês chamam de liberdade. De fato, liberdade da exploração do trabalho do proletariado, forçado a vendê-lo ao Capital pelo menor preço possível, forçado não por qualquer questão política ou civil, mas pela posição econômica em que se encontra o proletariado, pelo terror e pela opressão da fome; esta liberdade, como eu dizia, não teme a concorrência das associações operárias, seja de consumo, crédito mútuo ou produção, pela simples razão de que as associações operárias, reduzidas a seus próprios meios, nunca estarão em condições de formar um capital capaz de lutar contra o capital burguês. Mas quando as associações de trabalhadores forem apoiadas pelo

poder do Estado, sustentadas pelo imenso crédito do Estado, elas não só poderão lutar, mas a longo prazo poderão vencer as empresas industriais e comerciais burguesas, fundadas exclusivamente no capital privado, individual ou mesmo coletivo, e representadas por sociedades de capitalistas anônimos, sendo o Estado naturalmente a mais poderosa de todas as sociedades anônimas.

O Trabalho controlado pelo Estado é o princípio fundamental do comunismo autoritário, do socialismo político do Estado. O Estado, tendo se tornado o único proprietário - ao final de um certo período de transição, que será necessário para transformar a sociedade, sem grandes choques, econômicos e políticos, da atual organização do privilégio burguês para a futura organização da igualdade oficial de todos - o Estado será também o único capitalista, o banqueiro, o investidor, o organizador, o diretor de toda o trabalho nacional e o distribuidor de seus produtos. Tal é o ideal, o princípio fundamental do comunismo moderno.

Enunciado pela primeira vez por Babeuf, no final da grande revolução, com todo o aparato do civismo antigo e da violência revolucionária que constituía o caráter daquela época, foi reformulado e reproduzido em miniatura, há mais ou menos trinta anos atrás, pelo Sr. Louis Blanc, em sua pequena brochura sobre a “A organização do Trabalho”, na qual este estimado cidadão, muito menos revolucionário e muito mais indulgente com as fraquezas burguesas do que Babeuf, se esforçou para dourar e adoçar a pílula, para que os burgueses pudessem engoli-la sem suspeitar que estavam tomando um veneno que deveria matá-los. Os burgueses não se deixaram enganar, e devolvendo brutalidade por cortesia, expulsaram o Sr. Louis Blanc da França. Apesar disso, com uma constância que deve ser admirada, o Sr. Louis Blanc continua fiel ao seu sistema econômico e continua a acreditar que todo o futuro está contido em sua pequena brochura sobre “A

organização do Trabalho”.

A ideia comunista, desde então, passou para mãos mais sérias. O Sr. Karl Marx, líder indiscutível do Partido Socialista na Alemanha, um grande intelecto armado de uma ciência profunda, e cuja vida inteira - pode-se dizer sem bajulação - ou, pelo menos, os últimos trinta anos de sua vida, foram dedicados exclusivamente à maior causa que existe hoje, a da emancipação do trabalho e dos trabalhadores; O Sr. Karl Marx, que é, sem dúvida, também, se não o único fundador, pelo menos e certamente um dos principais fundadores da Associação Internacional dos Trabalhadores, fez do desenvolvimento da ideia comunista o objeto de um trabalho sério. Sua grande obra sobre o Capital não é uma fantasia, uma concepção *a priori*, nascida em um único dia na cabeça de um jovem mais ou menos ignorante das condições econômicas da sociedade e do atual sistema de produção. Ela é baseada em um conhecimento muito extenso, muito detalhado, muito real e uma análise profunda deste sistema e destas condições. O Sr. Karl Marx é um cientista estatístico e econômico abismal. Seu trabalho sobre o Capital, embora infelizmente repleto de formas e sutilezas metafísicas, que o tornam inacessível para a grande massa de leitores, é no mais alto grau um trabalho muito positivista ou realista, no sentido em que não admite outra lógica que não seja a dos fatos.

Vivendo, há cerca de trinta anos, quase exclusivamente em meio aos operários alemães, como ele, refugiados, e cercado por alguns amigos e discípulos mais ou menos inteligentes, pertencentes por nascimento e por suas relações com o mundo burguês, o Sr. Charles Marx naturalmente veio a formar uma escola, uma espécie de pequena igreja comunista, composta de seguidores fervorosos e espalhados por toda a Alemanha. Esta Igreja, por menor que seja em relação aos números, está habilmente organizada, e graças às suas múltiplas conexões com as associações operárias em todos os pontos principais da Alemanha, ela já for-

ma uma força, ou um começo de força. O Sr. Karl Marx, naturalmente, desfruta nesta igreja de uma autoridade quase suprema, e devemos fazer-lhe a justiça que ele sabe manejar este pequeno exército de adeptos fanáticos de forma a sempre aumentar seu prestígio e poder sobre a imaginação dos operários da Alemanha.

A ideia comunista do Sr. Karl Marx é evidente em todos os seus escritos; ela também se manifestou nas propostas feitas no ano passado pelo Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, residente em Londres, ao Congresso da Basileia, bem como nas propostas que ele propôs apresentar ao Congresso que se realizaria em setembro deste ano e que teve que ser suspenso por causa da guerra. O Sr. Marx, membro do Conselho Geral de Londres e Secretário Geral pela Alemanha, goza neste Conselho, como é sabido, de uma grande e, deve-se acrescentar, muito legítima influência, de modo que é possível ter certeza de que as propostas que foram feitas pelo Conselho Geral aos Congressos, vieram principalmente do sistema e da colaboração do Sr. Marx.

Foi assim que, no Congresso da Basileia, o cidadão inglês Lucraft, membro do Conselho Geral, apresentou a ideia de que toda a terra de um país deveria se tornar propriedade do Estado, e que o cultivo dessa terra deveria ser dirigido e administrado por funcionários do Estado, o que, acrescentou, “só será possível em um Estado democrático e social, no qual o povo terá que zelar pela boa administração da terra nacional de parte do Estado”.

Assim, no mesmo Congresso, quando foi debatida a proposta de abolição do direito de herança, proposta que, além disso, foi votada por uma relativa maioria, todos os membros do Conselho Geral, todos os delegados ingleses e a grande maioria dos delegados alemães, votaram contra esta abolição, pelo motivo especial, desenvolvido pelo cidadão Eccarius, em nome do Conselho Geral, “que, uma vez que a propriedade coletiva da terra, do capital e, em

geral, de todos os instrumentos do trabalho, seja reconhecida e estabelecida em um país, a abolição do direito de herança vai se tornar desnecessária, o direito de herança cairá por si mesmo, quando não houver mais nada a herdar”. Mas por uma estranha contradição, este mesmo cidadão Eccarius, em nome deste mesmo Conselho Geral, fez uma contraproposta, tendendo a estabelecer provisoriamente um imposto sobre a herança em benefício das massas operárias, o que indica que o Conselho Geral não espera que a propriedade coletiva possa ser estabelecida imediatamente por meio de uma revolução, mas que espera vê-la estabelecida progressivamente por meio de sucessivas transações políticas com a propriedade burguesa.

Os delegados das associações operárias alemãs, que apareceram pela primeira vez em grande número em um Congresso da Internacional, também fizeram uma nova proposta, inteiramente de acordo com seu programa de Eisenach, e tendendo a nada menos do que introduzir o princípio da política nacional ou burguesa no programa da Internacional. Esta proposta: de legislação direta pelo povo como um meio preliminar absolutamente necessário para alcançar reformas sociais, foi feita pelo cidadão Burkli e calorosamente apoiada pelos cidadãos Goeg, Rittingshausen, Bruhin e Liebknecht. Isso deu origem a um debate suficientemente apaixonado, no meio do qual o cidadão Liebknecht, um dos principais líderes do partido da Democracia Socialista na Alemanha, declarou que seria reacionário se não se quisesse tratar desta questão; que era perfeitamente legítimo e urgente, pois a própria Associação Internacional, em seus Congressos anteriores, e particularmente no de Lausanne, havia proclamado que a questão política era inseparável da questão social; e que, finalmente, se esta questão não parece importante em Paris, Viena ou Bruxelas, onde a questão social não pode ser tratada em sua for-

ma e condições políticas, ela é importante para os países onde essa impossibilidade não existe”.

Graças à resistência dos delegados franceses, italianos e espanhóis e de alguns dos delegados da Suíça francófona, e principalmente os delegados belgas, esta questão caiu. Não foi discutida novamente no Congresso da Basileia. *Inde irae*¹⁶.

[NB: A ira do partido tedesco foi de fato muito grande. Foi especialmente grande contra mim, a quem acusaram, não sei por que, de ser o principal promotor, se não o líder, daquela oposição enérgica que foi encontrada, por todos os lados, durante todo o Congresso da Basileia, por aquela política nacional e burguesa que nos apresentaram como devendo ser a da Internacional. Eu a combati, é verdade, com toda a energia de que sou capaz, porque acredito que seja funesta para a Associação Internacional, porque distorce, em minha opinião, o próprio princípio desta grande Associação, e porque, finalmente, é completamente contrária ao socialismo revolucionário, àquela política internacional do proletariado, que, de acordo com minha íntima convicção, é a única que pode salvá-lo e fazê-lo triunfar.

Eu não teria absolutamente nada a reclamar se meus adversários, os socialistas alemães, tivessem se limitado a atacar meus princípios com força, até mesmo com raiva. Como estes princípios lhes parecem maus, ao atacá-los, eles estavam desfrutando de seu direito e até mesmo cumprindo seu dever. O que eu não entendo é que homens que se respeitam e que reclamam a estima dos outros possam empregar meios infames nesta luta contra um adversário: mentiras sujas e calúnias.

Há um ano sou submetido aos ataques mais vis, deliberadamente enganosos e, ao mesmo tempo, ridículos. É uma campanha perfeitamente combinada e organizada. O principal inspirador e líder desta guerra é conhecido por mim. Ele permanece escondido atrás das brumas de Londres, como

16 NE: “Daí a ira”.

Moisés atrás das nuvens do Sinai. Legislador dos judeus socialistas alemães de nossos dias, ele inspira as palavras e ações de seus discípulos. A ele, portanto, pertence a maior parte da responsabilidade por tudo o que dizem e fazem. Ele é um homem digno do maior respeito em muitos aspectos, mas que muitas vezes merece uma enérgica reprovção. Dotado de uma vaidade irascível, ele frequentemente identifica sua própria pessoa, um tanto mimada pela adulação servil de seus seguidores e amigos, com o princípio, e seus próprios rancores com o serviço de uma causa da qual ele é, apesar disso, um dos mais ilustres e úteis servidores. Não quero nomeá-lo ainda, mas ele será forçado a se nomear. E então eu me explicarei direta e publicamente a ele.

Vou me contentar em falar neste momento do peixe pequeno, daqueles pequenos canalhas que lhe servem normalmente de vanguarda, quando, inspirado por um pensamento maligno, ele quer cometer um ato maligno.

O primeiro a abrir o ataque contra mim, após o Congresso da Basileia, foi o Sr. Maurice Hesse, outrora o competidor ambicioso e invejoso, agora, sem dúvida, por uma sensação de impotência, o cortesão obsequioso do Moisés moderno. Em um artigo publicado contra mim em 2 de outubro de 1869, no “*Le Reveil*” e que o Sr. Delecluze havia cometido a enorme injustiça de aceitar, uma injustiça que ele nobremente reparou através de uma declaração leal feita por ele mesmo em um dos seguintes números do “*Le Reveil*” (22 de outubro), o Sr. Maurice Hess teve o descaramento de escrever as seguintes linhas, as quais não posso qualificar senão como infames. Quero reproduzir na íntegra o artigo do Sr. Maurice Hess¹⁷:

“O voto negativo [*Primeira mentira. Esse voto não foi negativo de jeito nenhum, pois a necessidade desta abolição*

foi reconhecida e pronunciada por uma relativa maioria e a proposta do Conselho Geral teve esta maioria contra si] do Congresso de Basileia, apesar de seu voto a favor do princípio da coletividade, permanece um enigma para aqueles que ignoram a história secreta daquele Congresso. Aconteceu na Basileia algo semelhante ao que havia ocorrido, um mês antes, no Congresso de Eisenach. [*Se o Sr. de Schweitzer não tivesse outro pecado a repreender a si mesmo do que ser o antagonista enérgico do socialismo burguês e do radicalismo burguês que infelizmente triunfou no Congresso Eisenach, eu, de minha parte, não teria nada além de felicitações a lhe dar. Mas os adversários do Sr. de Schweitzer afirmam, não sem uma aparência de razão, que o Sr. de Schweitzer é um aliado secreto da política monárquica e prussiana de Bismarck. Se isto fosse verdade, seria uma infame traição do Sr. de Schweitzer contra o socialismo e contra a santa causa das massas operárias que confiam nele. Os líderes do Partido da Democracia Socialista não cometem esta traição, que, se for realmente real, só pode ser uma traição lucrativa; mas cometem outra traição desta mesma causa, não lucrativa sem dúvida, mas não menos fatal para a emancipação dos operários que os seguem, aliando-se e ligando o movimento socialista e revolucionário dos operários de seu partido com a política dos burgueses radicais da Alemanha. Isto é cair de Cila para Caríbdis, e é uma consequência natural desse culto do Estado que eles têm em comum com o Sr. de Schweitzer. O culto do Estado é, em geral, a principal característica do socialismo alemão. Lassalle, o maior agitador socialista e o verdadeiro fundador do socialismo prático na Alemanha, estava plenamente convencido disso. Ele viu a salvação para os trabalhadores somente no poder do Estado, que os operários deveriam tomar, segundo ele, por meio do sufrágio universal. Ele também tinha sido*

17 NT: a seguir, Bakunin reproduz o texto de Maurice Hess. Os trechos entre colchetes são comentários de autoria do próprio Bakunin.

acusado pelos mesmos oponentes, com ou sem razão, não sei, de ter mantido relações secretas com Bismarck. É impossível confiar nas palavras e escritos dos publicistas alemães, pois a primeira coisa que eles fazem ao atacar qualquer adversário é jogar lama contra ele, e eles parecem ter uma provisão inesgotável dela.]

[Aqui começam as insinuações infames]

É sabido que foi a oposição ao comunismo prussiano do Sr. de Schweitzer que triunfou em Eisenach. É verdade que na Basileia não havia nenhum partido prussiano a combater, e nem sequer estava representado lá. Mas, por outro lado, havia lá um partido russo, [Eu era o único russo no Congresso de Basileia, e nem sequer representei a Rússia, mas as Seções de Lyon e Nápoles] parente próximo do partido prussiano. É preciso dizer? Os apoiadores de Bakunin [Provavelmente aqueles com quem votei: a maioria dos delegados franceses, os delegados espanhóis, o delegado italiano, alguns delegados belgas, todos os delegados (menos dois) da Suíça francófona, e alguns delegados alemães, dentre os quais meu amigo acima mencionado, o cidadão Philippe Becker, e o cidadão Lessner, membro do Conselho Geral. O cidadão Jung, outro membro do Conselho Geral, me disse, após a votação sobre a abolição do direito de herança, que havia se arrependido, ao ver a forma mesquinha como a questão da propriedade coletiva havia sido tratada, de não ter votado conosco. A maioria dos delegados belgas se absteve, não querendo, disse-me ele, votar contra nós. E em geral devo acrescentar, que a maior parte daqueles que o Sr. Hess chama de meus apoiadores, eram absolutamente desconhecidos para mim antes do Congresso.] chefe do Comunismo russo [Qual deve ter sido o ressentimento daquele pobre judeuzinho russo, o Sr. Utin, que agora está fazendo intrigas em Genebra, se acabando em esforços incríveis para ser chamado de líder, ainda que apenas

de uma Seção Russa imaginária, composta de quatro ou cinco membros, e da qual ele é o único membro que fala, quando leu essas palavras?], não se dando conta do serviço que foram chamados a prestar no interesse pan-eslavista, assim como aqueles que eram ludibriados pelo Sr. de Schweitzer não suspeitaram que estavam ajudando o pangermanismo prussiano. Em qualquer caso, ambos trabalharam para o Rei da Prússia (pobre Philippe Becker! ser tratado assim por um amigo).

Um partido russo ainda não existia nos Congressos anteriores da Internacional. Foi somente no decorrer do ano passado que uma tentativa de mudar a organização e os princípios da Internacional, bem como de transferir a sede do Conselho Geral de Londres para Genebra, foi feita por Bakunin, um patriota russo [Eu aceito essa denominação no sentido de que quero a destruição completa do Estado russo, do Império de todas as Rússias, destruição cuja urgência desenvolvi e provei em todos os meus discursos, nos meus escritos, em todos os atos da minha vida. Quanto ao Pan-eslavismo do qual todos esses judeus me acusam, de uma maneira tão ridícula quanto infame, voltarei a ele mais tarde] de cuja boa fé não suspeitamos¹⁸”

18 NT: A nota é interrompida aqui

CARTA DE BAKUNIN À HERZEN (1860)

Destinatário: Alexandr Ivanovitch Herzen

data: 7-15 de novembro de 1860

local: Irkutsk

país: Rússia

fonte: Moscou, RGALI f.2197 o.1, ed. chr.209

língua: tradução

tradução: IISG

concentraram, clarearam, se tornaram, eu diria, mais sensatos e me parece que mais capazes de se manifestar de forma prática. Liberado da fortaleza de Schlüsselburg, há uns 4 anos, eu recobrei igualmente a saúde, estou casado, feliz, em família e apesar disso, pronto como antes e mesmo com a mesma paixão de antes, para me lançar a meus antigos pecados, caso se apresente a ocasião. Posso tomar para mim as palavras de Fausto:

|¹⁷ de novembro de 1860 - Irkutsk.

*«Ich bin zu alt um nur zu spielen,
Zu jung um ohne Wunsch zu sein»*

Caro Herzen - Faz sete meses que te escrevi uma longuíssima carta de 20 páginas. Por diversas razões ela não chegou até você. Era o primeiro brilho de uma voz novamente livre depois de um longo silêncio. Hoje serei mais curto. Antes de mais nada, deixe-me, agora que ressuscitei dos mortos, te agradecer pelas nobres e simpáticas palavras que, através da imprensa, você disse a meu respeito durante minha triste detenção. Elas atravessaram os muros que me isolavam do mundo e me trouxeram muito conforto. Você tinha me enterrado, mas eu ressuscitei, graças a Deus, estou vivo e não morto, repleto desse mesmo amor passional pela liberdade, pela lógica e pela justiça que foi e é, ainda agora, toda a razão de ser da minha vida.

Oito anos de reclusão em diversas fortalezas me fizeram perder os dentes, mas não debilitaram, pelo contrário, fortaleceram minhas convicções. Nas fortalezas a gente tem tempo para refletir; os instintos que impulsionaram toda minha juventude, se

e o futuro, mesmo o futuro próximo, parece prometer bastante. O clima também mudou para a população russa, e as coisas não acontecerão, aparentemente, sem raios nem trovões. O movimento Russo será um movimento sério, com pouca fantasia e fraseologia, mas muito senso prático no espírito Russo, e a grande alma russa, embora devota, não poderá se contentar com futilidades. Aqui, nós vivemos dia a dia como se nós esperássemos que as águas comessem a se mover, aguardando os menores sinais, ouvindo atentamente todos os sons, nós esperamos e nos preparamos. Eu gostaria muito de lhes falar do que se passa na Rússia e fora da Rússia. Mas não foi para isso que eu peguei a pluma hoje. Amanhã, eu devo levar essa carta para um mensageiro e eu preciso, amigos, falar com vocês sobre um assunto tão importante para nós como para vocês, para afastá-los, se possível, de uma injustiça

contra um dos melhores homens, um dos mais úteis da Rússia, e também de um crime contra as próprias convicções de vocês.

De fato, existe um homem na Rússia, o único em todo o mundo oficial, que está no topo e adquiriu um nome ilustre, não por qualquer coisa, mas por uma grande obra patriótica. Ele ama apaixonadamente a Rússia e é devoto do país como foi Pedro, o grande. Ao mesmo tempo, não é um chauvinista nem um eslavófilo barbado de cabeça vazia. É um homem moderno e esclarecido ao mais alto grau. Ele quer a grandeza e a glória da Rússia livre. É um democrata determinado, como nós, democrata desde sua juventude, por todos seus instintos, por uma clara e firme convicção, por toda inclinação de sua mente, do seu coração e da sua vida; ele é magnânimo como um cavaleiro, puro como poucos homens na Rússia; sob o império de Nicolau ele foi general e governador-geral e, na sua vida, ele nunca fez nada contra suas convicções. Vocês adivinharam que eu falo de Muraviev-Amursky, contra quem vocês se colocam como inimigos. Digam-me, como isso pôde acontecer? Como vocês, que são encarregados da nobre e dificultosa tarefa de cuidar da Rússia, como vocês puderam não notar, nem reconhecer o único patriota e estadista do nosso país, um homem que nós podemos qualificar absolutamente como nosso e do qual a Rússia pode hoje esperar que ele realmente a sirva e talvez a salve; estou falando de um homem de quem sou amigo e que vejo quase todos os dias, já faz dois anos. Eis aqui sua agenda política: Ele quer a liberação absoluta e completa dos camponeses que têm terra, uma jurisdição com procedimento público e jurados, a sujeição absoluta a tal jurisdição de qualquer pessoa, privada ou ao serviço do Estado, do menor ao maior, ele quer a publicidade completa e sem limites por meio da imprensa, a abolição das classes, o autogoverno do povo e das escolas públicas em uma base ampla. Na esfera administrativa mais alta, ele quer as reformas seguintes: primeiramente, a abolição dos ministérios (ele é ini-

migo jurado da burocracia, amigo da vida e da ação), e inicialmente, não uma constituição em um Parlamento de aristocratas faladores, mas uma ditadura provisória de ferro, não importando o nome, e para atingir esse objetivo, a abolição completa dos lacaios de São Petersburgo corrompidos por Nicolau, sem dúvida também por Alexandre. Ele não acredita nem nos boiardos de Moscou e de São Petersburgo, nem em geral nos nobres enquanto classe, os qualificando-os como filhos pródigos da Rússia. De uma maneira geral, ele alimenta um desprezo idêntico e bem-merecido por todas as classes privilegiadas ou, com ele os chama, as classes não-açoitadas. Ele não tem fé nessa plêiade, mas somente no povo açoitado, que ele ama e em quem vê o futuro da Rússia. Ele não espera nada da solução aristocrática-burocrática na questão camponesa; ele espera que o machado do camponês convencerá Petersburgo e assim tornará possível essa ditadura esclarecida que, segundo sua convicção, poderá sozinha salvar a Rússia atual, que está afundando na lama, no roubo e na opressão mútua, no falatório estéril e na baixeza. A ditadura lhe parece igualmente necessária para restabelecer o poder da Rússia na Europa, mas ele gostaria de colocar esse poder, antes de tudo, contra a Áustria e a Turquia para liberar os eslavos e instaurar não uma monarquia paneslava única e indivisível, mas uma Federação eslava livre e ao mesmo tempo firmemente unida. Ele é amigo dos húngaros, amigo dos poloneses, e ele está persuadido que o primeiro passo para uma política estrangeira sensata da Rússia deve ser reconstituir e libertar a Polônia. Esse programa lhes agrada? Lembrem-se que esse programa não é de um idealista ou de um falador de gabinete, para quem tudo é fácil, tudo é possível, porque ele nunca realizou nada, não, são as ideias altamente expressas de um governador-geral, de um estadista experiente, provado, que não suporta falatório, para quem a palavra foi, durante toda a sua vida, um ato, cuja vontade é de ferro, enquanto a

mente beira quase a genialidade.

Conheci muitos homens, mas nunca cruzei nenhum em que foram concentradas tantas aptidões e dons que se complementam uns aos outros; espírito ousado e amplo, resoluto; humor cáustico, resoluto; eloquência inata, que seduz e incendeia, e ao mesmo tempo, um talento surpreendente para compreender e se expressar. Em contato com suas ideias, as questões mais complexas, mais árduas, tornam-se simples e claras; sua forma de pensar é fundamentalmente russa, prática. Uma rara memória das coisas e das pessoas. Falem com ele sobre qualquer questão ou caso relacionado aos seus doze anos de administração da Sibéria oriental, em qualquer momento e mesmo estando ocupado, ele explicará com todos os detalhes, mesmo os menores, e irá expor de tal maneira que vocês não esquecerão mais. Sua cabeça sempre cheia de uma multidão de questões das mais diversas, mas sempre fresca e lúcida, guarda e registra, aparentemente, tudo que ele já fez, mesmo que uma só vez. O relator que faz para ele um relatório sobre um caso nunca o compreende tão bem quanto quando ele o explica. Sua cabeça trabalha constantemente, ele está trabalhando todo tempo que ele não está dormindo, e ele não dorme mais de 5 ou 6 horas por dia; mas vocês não vão escutar ele resmungar sobre o trabalho nunca. É o interlocutor mais amável, sempre vívido, inteligente, afável, ao ponto que não somente as mulheres mas também os homens têm uma quedinha por ele. Na verdade, não é possível não amá-lo; ele mesmo ama e odeia tão ardentemente, ele tem um grande coração, ele é todo coração. Impossível ser indiferente quanto a ele. Deve-se amá-lo ou odiá-lo. É um amigo tão confiável e tão gentil; e ele tem muita delicadeza e nobreza marcante em todas as suas relações humanas. Ele é direto, franco, e não exita nunca em dizer seu pensamento ou seu sentimento. Ele toma por verdade uma verdade profunda e direta que vem do coração. Sua ira deve ser terrível, seu desprezo esmaga. Ele é o homem

moral. Acrescente abnegação, um desprezo soberano quanto aos seus próprios interesses - ele tem uma generosidade principesca. Ele não é rico, tão pouco rico que, deixando agora a Sibéria, se ele abandonar o serviço, o que é muito possível por razões políticas, ele dificilmente terá do que viver, pois ao longo destes três últimos anos, durante suas viagens no Amur, na China e no Japão e unicamente por causa delas ele perdeu 310.000 rublos de prata em ações; e uma única vez eu o ouvi falar, casualmente, dessa perda. Ele é a tal ponto desinteressado que recusou a pensão vitalícia que queriam lhe dar por seu trabalho no Amur; e tudo isso é feito com toda simplicidade, sem uma sombra de vaidade, tão natural quanto tomar um copo d'água. Nesse homem notável, não há nenhuma gotinha de egoísmo ou de orgulho; ele ama, certamente, o título honorário de Amurski, mas ele nunca menciona seus títulos de general, de governador geral ou de conde. Ele precisa da essência do poder e não do seu lado formal - outro traço de semelhança com Pedro, o Grande, que, por sua genial simplicidade, Muraviev-Amurski me lembra sempre. Em qualquer momento sua porta está aberta a todos, e para cada um ele tem lembrança e coração. É um homem de verdade, mas, ao mesmo tempo, um verdadeiro estadista experiente; com sua inteligência, nenhum ensinamento da vida, nenhum assunto do Estado do qual ele se ocupou pessoalmente, poderia se dissipar em vão. Antes de mais nada, ele tem o espírito russo e é difícil enganá-lo, ele o examina atentamente até o fundo de seu coração e se ele não quiser se abrir, ele não lhe mostrará o seu. Ele tem a inteligência tão flexível e fina quanto direita; e em diplomacia ninguém o supera. Ele é, me parece, apto a tudo, menos à literatura e ao magistério, pelos quais, apesar de sua cultura e sua sede de saber (ele continua a ler e a se instruir) ele tem uma aversão instrutiva; amigo da ação, ele tem horror de falatório. Ele é tão apto à diplomacia quanto a administração e às questões militares. Ele

conhece os homens, sabe abordá-los, encorajá-los, convencê-los, seduzi-los e, sem parecer, submetê-los a suas visões e à sua vontade. Ele parece nascido para comandar. Quanto às questões militares, todos que conheceram Muraviev no Cáucaso, onde ele se revelou pela primeira vez como um chefe capaz de agir por conta própria, todos aqueles que hoje estão próximos dele estão convencidos que ele possui todas as qualidades de um grande general: rapidez e clareza de julgamento, presença de espírito, engenhosidade nos momentos críticos, conhecimento militar, coragem em qualquer situação, e sobretudo espírito de decisão, audaz, feliz e verdadeiramente heroico, todas as garantias da vitória estão reunidas nele no mais alto grau; e se hoje algo bajula seu amor próprio, é unicamente a ideia de comandar o exército contra os austríacos, que ele não abomina menos que eu. Verdadeiramente, ele é um administrador genial que introduz a eficiência, o bom senso, a clareza, a simplicidade em todas as partes de sua administração e que, nos momentos difíceis, encontra recursos onde ninguém os vê. Nas suas mãos um caso queima literalmente; somos tocados pela espontaneidade de suas decisões e pelo vigor irresistível com o qual são tomadas suas decisões, quase sempre justas, oportunas e felizes, pois elas são fruto de maduras reflexões anteriores. Quando se trata de ação, ele não poupa nem a si mesmo e nem seus subordinados. Ao longo de seus doze anos de administração, ele percorreu a cavalo, de carruagem, de carroça, a pé, de barco, mais de 200.000 verstas. Ele foi o primeiro, em 1854, a descer o Amur em barcas; e se fossem contadas com detalhe suas façanhas na bacia do Amur, seus atos de bravura e altruísmo, suas proezas de coração e mente dariam uma verdadeira epopeia. E esse homem ainda hoje mantém toda força de seu intelecto, de suas faculdades extraordinárias; seu coração pertence indissociavelmente à Rússia, à causa de sua emancipação, à causa eslava. Ele é inteiramente nosso, tanto por suas

convicções quanto por seus atos, e mais ainda, por aquilo que ele gostaria de fazer pela Rússia.

Eu não conheço, vocês também não, amigos, um outro homem do qual a Rússia possa esperar tanto bem.

Ele me lembra o quanto vocês lamentaram a morte do general Passek; eis aí outro Passek, melhor em todos os aspectos, mais experiente, mais sensato, mais forte e talvez mais devoto que ele, porque para Muraviev a dedicação à ideia e à ação o torna genial; eis então um salvador pronto para a Rússia - e vocês são seus inimigos. O que isso quer dizer? E quão grande é a responsabilidade que vocês tomam frente à Rússia e frente a vocês mesmos! Por descuido e credulidade, por ignorância ou falta de espírito crítico, vocês caluniam o melhor homem da Rússia. É ao mesmo tempo criminoso e assustador. Petersburgo, suas mais altas esferas, todo esse mundo oficial o detesta. Na IIIª seção, onde quase diariamente correm cartas de seus correspondentes, seus grandes homens, seus preferidos, Zavalishin e Petrashevski, ele é classificado como ultravermelho; chamam-no comumente “o general vermelho” - e é muito natural. Entre os mortos ele é o único vivo, entre os de espírito pequeno, os conspiradores gananciosos e os egoístas, ele é o único dedicado à tarefa - ele não recebe sua pensão - como não odiá-lo? Ele anexa um imenso território com meios exclusivamente siberianos. Ele realiza uma grande obra quase sem recursos, ele cuida das finanças do Estado, envia projeto e mais projeto para simplificar as engrenagens administrativas, extinguir os cargos inúteis, libertar e suavizar o destino de milhões de seres oprimidos por uma minoria de ladrões; ele não deixa tempo para dormir, ele obriga a ter a missão constantemente em mente; é no mais alto grau um indesejado que além disso brada fortemente quanto ao seu desprezo pelos princípios e pelas pessoas de Petersburgo, e não poupa nem mesmo os grandes nomes da liturgia. Por isso, Petersburgo o odeia, e é natural. Natural também que

a maior parte da brava nobreza russa não goste dele. Ele se meteu tão profundamente na vulgaridade e grosseria dos boiardos russos; ele os castigou tão bem, que a nobreza não tem nenhuma razão para o amar. Ele ama o povo, por isso o povo também tem fé nele; o nome de Muraviev não morrerá na Sibéria. Os literatos, igualmente, não gostam dele; também é compreensível: os literatos são pessoas melindrosas e vaidosas; ontem, eles tremiam, hoje apresentam-se como fortes e tomam seu falatório por ação. Monopolistas da cultura russa ressecada, monopolistas do espírito de penacho, eles gostam de ser elogiados. Muraviev os despreza e não se curva diante deles. Eles são liberais, ele é um simples democrata; não há nada em comum entre eles e Muraviev. Compreende-se então que toda a plêiade privilegiada tagarela e governamental não suporte Muraviev, mas vocês, amigos do povo, como vocês puderam se tornar inimigos dele? Como vocês puderam tão imprudentemente acreditar em pessoas como Petrashevski e Zavalishin, de quem falaremos mais adiante? É isso que eu não entendo de jeito nenhum. Não se reconhece mais os seus. Vocês perguntam então como Muraviev provou suas capacidades, suas tendências íntegras e úteis? Seus doze anos de administração da Sibéria oriental são a melhor resposta para a sua pergunta. Um bom conhecido meu, um político, o polonês Weber, que conhece a fundo a Sibéria, pois ele foi enviado para lá antes da nomeação de Muraviev, e que por consequência pode comparar a situação tal como era antes dele e seu estado atual, e me disse recentemente que se pegássemos tudo o que Muraviev escreveu ao longo desses doze anos, em particular os relatórios enviados por ele para Petersburgo, ao imperador e aos diferentes ministros, apenas isso daria uma brilhante biografia; essa correspondência mostraria o que quis Muraviev, e para que ele tendia. Cada um de seus relatórios respira o humanismo, a equidade mais alta, a lucidez, o interesse do Estado e do país. O objetivo

principal e constante de tudo o que Muraviev pôde propor e realizar foi elevar, suavizar e libertar, tudo aquilo que na Rússia é oprimido, isto é, preferencialmente o povo. Eu não me lembro mais quem me fez notar (acho que foi René de Taillandier), falando de Speranski, que se nos outros países os políticos encontram um grande apoio da opinião pública, na Rússia, eles devem unicamente se apoiar sobre o favor e a confiança de uma só pessoa; por isto, eles são obrigados a usar três quartos de seu tempo para defender seu lugar; e lhes sobra apenas um quarto para seus negócios. É o que se confirmou inteiramente no que diz respeito a Muraviev. Ele teve que lutar muito pela menor possibilidade de fazer o bem; quanta energia, quanta vida ele gastou nesse combate contra Petersburgo e quão caro lhe custou cada vitória. - Vocês sabem bem o que são nossos ministros, nossos homens políticos de Petersburgo. Gente de espírito pequeno, personagens insignificantes em um cenário luxuoso, tolos com semblante profundamente pensativo e meditativo, seres meio incultos, metades de homens, egoístas vulgares e pessoas ambiciosas com frases patrióticas vazias, levados ao poder e sustentados pela intriga e pela baixaza; formalistas autômatos, rotineiros que não são capazes nem de pressentir algo vivo e real. Essas múmias corrompidas, que vivem e agem automaticamente, não se interessam, além delas mesmas, por nada e por ninguém; e toda pessoa dedicada e movida por um pensamento fértil é para eles ridícula, se for impotente, e torna-se seu inimigo se estiver em condições de se fazer ouvir por eles. Desde o primeiro dia, eles acolheram Muraviev como um inimigo. No conselho dos ministros, ele encontrou apenas um verdadeiro e invariável aliado: Kiselev, atualmente embaixador na França. Quanto aos outros, todos estavam contra ele, e durante doze anos, eles constantemente se esforçaram para paralisar suas iniciativas, seja por intriga, seja por uma estúpida e sistemática falta de consideração. Foi nessas condições que Muraviev teve

que trabalhar. O que ele atingiu e realizou? Sua obra-prima foi sem nenhuma dúvida a anexação do Amur à Rússia. Eu não irei me estender sobre esse assunto; para falar dele detalhadamente, longos panfletos ou livros inteiros seriam necessários. Vou me limitar a algumas observações. O caso do Amur, grandioso por sua natureza, por seus resultados incontestavelmente úteis, bem como pelos meios reduzidos, insignificantes, utilizados ali, experimentou um destino estranho na Rússia. No início, toda a plêiade estava entusiasmada e Deus sabe o quanto Muraviev foi recompensado com frases grandiosas muitas vezes ineptas; dizia-se que ele até compensou todas as perdas e toda a vergonha da última guerra.

Algum tempo passou, o *Morskoi Sbornik* começou a publicar artigo após artigo do pseudo-dezembrista Zavalishin que, impulsionado pela vingança e um ódio implacável contra Muraviev, mente deliberadamente, calunia, distorce, inventa coisas, dissimulando suas maldosas calúnias sob considerações ou frases liberais ocas, e finalmente contesta o interesse, a navegabilidade e quase até a existência do Amur, qualificada por ele de “praga da Rússia”. Imbuídos de um amor-próprio dos mais mesquinhos e venenosos, esses artigos onde se percebe sem dúvidas o ego patético e ofendido do senhor Zavalishin, aliás, não são escritos sem habilidade para difamar a situação aos olhos da plêiade russa; cheios de contradições, nem sombra de uma prova, procurando apenas desconcertar e mistificar os leitores crédulos, esses artigos escapam a qualquer crítica séria. E o que se vê? Todo a corte russa fazendo coro com Zavalishin, pragueja contra Amur e todos seus artífices. Em Moscou e Petersburgo, afirma-se seriamente que o Amur é blefe, que mesmo pequenas embarcações não conseguem por lá navegar e que Blagoveshtchensk e Nikolaevsk, bem como todas as cidades e pontos de apoio no Amur, existem apenas na imaginação ou nos relatórios de Muraviev; afirma-se, digo, que o Amur arruinou a Rússia; que milhões de

rublos e milhares de homens foram devorados; em uma palavra, o Amur se tornou uma chaga para a Rússia. A corte russa é um mundo estranho e estúpido. Nele, predomina o hábito servil de praguejar a torto e a direito, de praguejar e se alterar sem paixão, sem o mínimo interesse pelo assunto em questão. Pergunte a nove entre dez, aos noventa e nove por cento daqueles que se opõem ao Amur, onde fica esse território? Eu tenho certeza de que eles nunca olharam o mapa e que no fundo, pouco importa para eles o Amur, a Sibéria e mesmo a Rússia. E reclama-se, porque o russo é levado a reclamar contra qualquer um e qualquer coisa, pois é moda e soa bem liberal. Esse público russo, insensato, amorfo, mas opinando sobre tudo o tempo todo, é trivial, é um rebanho banal em debandada, que só serve para ser conduzido a chibatadas. O Amur é navegável? Segundo os americanos, pessoas competentes no assunto, e nossos melhores lobos do mar, é um dos maiores rios, um dos mais transitáveis do mundo. Mas para que interrogá-los? Em 1854, sob o comando de Muraviev, mais ou menos 380 homens, cossacos e soldados, com seus suprimentos, desceram o Amur pela primeira vez a bordo de vinte e quatro barcaças. Em 1855, sob o mesmo comando, 5000 homens mais ou menos, cossacos e tropas, com seus suprimentos e canhões de 28 e 38 polegadas por lá navegaram; e desde então, todo ano 300 a 500 mil puds de diversas mercadorias são transportadas de Tchita pelo Shilka e pelo Amur para Nikolaevsk. Em 1855 o tráfego dos barcos a vapor começou entre Nikolaevsk e Blagoveshtchensk. Em 1859, seis barcos a vapor, pertencentes ao Estado, estavam em serviço, e um outro barco pertencente ao americano Defris, pela primeira vez, navegou sobre a Shilka! Esse ano, durante o inverno, quatro barcos a vapor de baixo calado foram construídos em Nikolaevsk por conta do Estado; um deles é atribuído especialmente ao tráfego no Ussuri, quanto aos três outros, dois subiram o Amur até Stretensk e apenas um até a fábrica de Shilkinsk, en-

quanto que o vapor do americano Defris subiu a Shilka e a Nertcha até a própria Nertchinsk. Falei com os maquinistas estrangeiros, eles me falaram nunca terem visto rio [tão] propício à navegação, enfim, a partir do próximo ano, um navio postal garantirá duas vezes por mês serviço regular entre Stretensk (situado em Shilka a 75 verstas de Nerzhinsk e 360 verstas de Tchita) e Blagoveshtchensk (quase no coração da bacia do Amur a 2000 verstas pela via fluvial de Nikolaevsk e a 1200 verstas de Ust'-Strelka à confluência do Shilka e do Argun (sendo que Ust'-Strelka está a 260 verstas de Stretensk) - e portanto toda semana entre Stretensk e Blagoveshtchensk e uma vez entre Blagoveshtchensk e Nikolaevsk, seja uma vez por mês entre Nikolaevsk e Stretensk e a volta, bem como, no verão, será possível fazer três vezes o trajeto ida e volta de Stretensk para o curso inferior do Amur. A prova está aí, me parece, de maneira bem satisfatória que se pode-se navegar no Amur e que obviamente Zavalishin mente em confronto alegando o contrário. Enfim, o que vos dizer além disso? De Nikolaevsk até a fábrica de Shilkinsk, o transporte ano passado custava 2 rublos por cada 50 puds; esse ano, 2,50 rublos também para Stretensk; no próximo ano este preço será reduzido para 2 rublos. De Stretensk a Tchita, o preço do frete é de 25 a 30 copeques por pud; de Tchita a Irkutsk, de 80 copeques a 1,20 rublo, digamos um rublo. Assim, o pud de frete de Nikolaevsk para Irkutsk no próximo ano será de cerca de 3,50 rublos, digamos 4 rublos (para qualquer destino de preço fixo da companhia americana o preço fixo é de 1 rublo de prata por pud), enquanto de Nijni Novgorod a Irkutsk o preço do pud de transporte é de 6-7 rublos, quase o dobro. Mais um exemplo então do interesse comercial do Amur para a Sibéria; o açúcar, que nós pagamos aqui de 16 a 18 rublos por pud (e em Tchita custa até 20 rublos) e que segundo os cálculos do próprio Zavalishin, deveria custar mais ou menos 5 rublos em Nikolaevsk (na verdade, custa 7 rublos lá) não custará mais

que 9 rublos em Tchita e mais que 11 rublos em Irkutsk. Digo: custará, o que não quer dizer que custa isso. Porque? É muito natural, já que o tráfego no Amur (tráfego que começou só em 1857) ainda está nas mãos de alguns aventureiros americanos e russos, que criaram um verdadeiro monopólio e, por consequência, impõe preços inauditos e completamente arbitrários; quanto à companhia do Amur, que, desde seus primeiros passos, teve uma conduta desonesta e estúpida e, de certa maneira, não iniciou o tráfego, ela está em total desordem. Para além disso, devo dizer que os comerciantes siberianos, como todos os comerciantes russos, são rotineiros incorrigíveis, velhos crentes que não confiam nos novos métodos. Eles estão familiarizados apenas com o comércio de chá de Kyakhta, um comércio totalmente artificial e que, segundo eles mesmos, declina mais a cada ano e não demorará para acabar. Diz-se que no próximo ano, não apenas um, mas três barcos americanos transportarão produtos estrangeiros até Stretensk; e não há dúvidas de que, libertos de qualquer entrave ou interdição, os americanos serão logo os donos da navegação e do tráfego no Amur. Mas a questão não é essa, seja pelos americanos, seja pelos russos, a Sibéria agora está ligada pelo Amur ao oceano; ela deixou de ser um deserto sem saída, uma Sibéria. Nós já sentimos essa influência; em Irkutsk, por exemplo, nós estamos mais perto da Europa do que em Tomsk. O sentido da Sibéria foi pela primeira vez dado pelo Amur; isso não é uma grande coisa? Quem pode calcular todos os seus resultados? Está fora de questão que com o tempo o Amur afastará a Sibéria da Rússia e lhe dará autonomia e independência. Teme-se isso fortemente em Petersburgo, e alguns até têm muito receio que Muraviev proclame a independência da Sibéria. Contudo, essa independência atualmente impossível, talvez necessária em um futuro próximo, é um mal? Por quanto tempo a Rússia pode permanecer uma monarquia impotente, violenta e pessimamente unificada;

essa centralização monárquica não deveria deixar surgir uma federação eslava? Que é possível e necessário importar produtos estrangeiros pelo curso superior do Amur, os fatos provaram, não há mais dúvida disso. O que nós venderemos para os americanos? Por que trocaremos seus produtos? Essa pergunta deixa muita gente perplexa, embora a resposta seja muito simples. Primeiramente, nós teremos que trocar trigo, gado, salmouras, carne, cânhamo, couro, enquanto o território do Amur - estando no seu momento mais fértil, mas ainda pouco povoado - não puder produzir essas coisas em quantidade suficiente para o comércio. Em segundo lugar, a Sibéria é rica em metais preciosos e o ouro, bem como o trigo, é um produto da labuta siberiana. Há muito ouro no governo de Ienisseisk e a cada ano acha-se mais e mais na região do Transbaikal, território rico e já comercializando, mesmo que ainda em proporções modestas, gado, toucinho, couro, salmouras, e até trigo e cabos. Mas sua riqueza principal está igualmente nas suas magníficas jazidas de minério de ferro que, até então, eram propriedade exclusiva do gabinete do imperador (deitado sobre elas como um cachorro em seu colchão) e acabaram de ser abertas à indústria privada, graças a Muraviev, inimigo jurado de qualquer indústria estatal. Atualmente, o ferro mais comum está a um preço inacessível e na verdade, nem há, por assim dizer, ferro à venda; pelo pior ferro, paga-se aqui 6 rublos o pud; e apesar da falta de espírito empreendedor dos russos, e apesar do fato da indústria de ouro atrair para a Sibéria a maior parte dos capitais, não há dúvidas de que logo se encontrará um capitalista astuto e ativo para instalar, no governo de Irkutsk e na região do Transbaikal, usinas metalúrgicas, empresas muito lucrativas e seguras para que continuem sendo negligenciadas. O minério de ferro será suficiente para completar nosso comércio de exportação no curso inferior do Amur. Recentemente anexado, o território do Amur em seu momento mais fértil, e ainda mais o território do Ussuri

que lhe é contíguo (entre o rio que tem esse nome e deságua no Amur, a oeste, o Oceano Pacífico a leste e a Coreia ao sul), um território favorecido pela riqueza de seu solo e pelo clima quase meridional, em uma palavra, tem tudo aquilo que a alma anseia, vai se tornar em uns 10 anos no máximo, o celeiro do Pacífico. Não é raro que o trigo dê atualmente até 30 puds; por todos os lados há vestígios de areias auríferas; e se os chineses, conforme as estipulações do tratado de Aihun, deixarem o tráfego livre no curso do rio Sungari, já haveria gado e trigo suficiente, não apenas para o consumo de todo o território de Amur, mas também para o comércio exterior. - Atualmente a produção de peles é o artigo de base do comércio; zibelina, raposa prateada e outros encontrados no curso médio e sul do Amur e ao longo da costa do Pacífico, desde Nikolaevsk até a baía de Pedro, o Grande. Entretanto, a partir do próximo ano, um produto ainda mais importante será a madeira de todos os tipos, do carvalho ao larício, madeira para mastros, madeira de construção e lenha. As necessidades são consideráveis em Xangai, em Hong Kong e outros portos chineses abertos aos europeus. Adiciona-se a ilha Sacalina, situada a 60 verstas da foz do Amur e inteiramente coberta de jazidas de excelente carvão.

Eis, em poucas palavras, qual é o interesse comercial do território do Amur. Que país das maravilhas os americanos fariam se esse território caísse em suas mãos! Mas o russo, e mais ainda o siberiano, apesar de todos os elogios que nossos chauvinistas fazem, é tão débil quanto uma criança. A interferência permanente da polícia, a servidão e o despotismo patriarcal da comunidade aparentemente mataram nele todo espírito de empresa, toda iniciativa; ele absolutamente precisa ser puxado para a frente, ele mesmo é incapaz de avançar. Preciso falar sobre a importância política desse vasto território recém-adquirido, com seu clima ideal, seu solo abençoado, margeado por dois grandes rios navegáveis

e contíguo ao Oceano Pacífico? É uma nova Sibéria, mas rica, civilizada e marítima. Graças ao território de Amur, o Império Es-lavo da Rússia conquistou uma base sólida no Oceano Pacífico e a aliança com os Estados Unidos, até então platônica, agora é muito real, claramente, o que está surgindo nas atuais relações e negociações com a China. - Graças ao Amur, hoje podemos manter no Oceano Pacífico uma verdadeira e real força naval em vez desses brinquedinhos do Mar Negro e do Báltico. Nesta primavera, os ingleses realmente quiseram, mais uma vez, nos roubar a baía de Pedro-o-Grande. Tudo está agora nas populações da bacia do Amur, do Ussuri e da costa do Oceano Pacífico, de Nikolaevsk à Coreia. As coisas são mais lentas, sem dúvida, do que com os americanos, pois não temos sua audácia, nem seu espírito de iniciativa inteligente, calculista, ousado, nem sua liberdade de movimento, mas, mesmo assim, elas avançam e, de ano em ano, irão mais rápido. Mas antes de abordar este assunto, farei uma breve revisão da história da conquista de Amur. Muraviev tinha essa ideia em mente quando chegou à Sibéria e, mesmo antes de sua partida de Petersburgo, conseguiu persuadir o imperador Nicolau a organizar uma expedição marítima ao redor do mundo para localizar a foz do Amur. Sob a liderança do capitão Nevelskoy, agora contra-almirante, a expedição a descobriu em maio de 1849. Em 1852, por ordem de Muraviev, Nevelskoy fundou Nikolaevsk. Em 1859, o próprio Muraviev viajou para Kamtchatka para reconhecer os lugares, especialmente o lado do Pacífico. Nesse mesmo ano, teve a ideia de organizar a região do Transbaikal como base de partida e defesa para a conquista de Amur. Em 1850 lutou contra todo o Conselho de Ministros, exceto Kiselev e Perovsky. Os principais oponentes foram Nesselrode, Tchernyshev e Bludov, aos quais todos os outros ministros se associaram. Ele foi chamado publicamente de louco nacional, e seus projetos, no que dizia respeito ao Amur, foram chamados de aventura mor-

tal. A organização da região de Transbaikal encontrou oposição violenta e feroz, especialmente quando Muraviev exigiu sacrifícios do Gabinete do Imperador, em particular a livre disposição de 40.000 servos dependentes do referido Gabinete. Lutando com os ministros e conhecendo o estado precário de nossas finanças, Muraviev sabia que não receberia nenhum dinheiro; ele então decidiu realizar uma tarefa considerável com o que restava dos créditos alocados pela administração da Sibéria Oriental e com a assistência da região de Transbaikal. Não foi Muraviev quem implantou a classe cossaca nesta região; ela estava há muito instalada às fronteiras da China, especialmente nas margens do Onon e do Argun e já equivalia a umas sessenta mil almas de ambos os sexos, quando chegou à Sibéria. Mas Muraviev precisava de mão de obra nas margens do Ingoda e do Shilka para a flutuação no curso inferior do Amur. - Ali viviam principalmente mineiros camponeses que somavam 40.000. Mas vocês sabem o que são os mineiros camponeses? São servos dez vezes mais espoliados, oprimidos e miseráveis que os servos mais pobres dos grandes latifundiários. Hoje, graças a Muraviev, não há mais nenhum no distrito de Nertchinsk, mas pude ter uma ideia de sua condição no governo de Tomsk, onde mais de 130.000 são empregados pelas empresas de mineração do Altai. Eles pagam a talha e, como todos os outros camponeses, estão sujeitos às obrigações *in natura* e em dinheiro; simplesmente seus recrutas são enviados não para o exército, mas para 25 anos de trabalhos forçados nas minas de prata. Como os servos do Gabinete do Imperador, a quem pertencem todas as fábricas, esses camponeses das minas devem a corveia - e que trabalho penoso! - A qualquer momento durante o trabalho, quando a neve derrete, eles são obrigados, por ordem puramente arbitrária do Diretor das Minas, a transportar a madeira do trabalho e a lenha, carvão, minério a 100, 200 e às vezes 300 verstas. Além disso, eles são obrigados a vender

seus grãos exclusivamente para empresas industriais e, de acordo com a ordem de Tchevkin, decretada em 1832, não mais de 28 copeques por pud de farinha de centeio. Como servos do Gabinete do Imperador, eles não têm nenhuma liberdade e são colocados sob a administração sabe de quem? Do serviço local do Departamento de Minas. Mas o que é o Departamento de Minas? Você sabe a que ponto os engenheiros russos são desonestos, gananciosos e ladrões; bem, imagine o corpo de engenheiros hereditários, uma casta como a dos popes, e você terá o Departamento de Minas. Salvo raras exceções, os oficiais das Minas são filhos dos mesmos oficiais das Minas, porque estes se beneficiam do direito quase exclusivo de enviar filhos à Escola de Minas; tanto que absorvem o roubo pelo sangue, nas primeiras impressões da infância, pelos ensinamentos que recebem de sua Escola; e quando entram nas Minas, já são ladrões consumados. As esposas ou mães desses oficiais também são filhas ou irmãs de oficiais de mineração. Além disso, todo o Departamento de Minas é como uma família unida, fundada sobre o roubo sistemático. E esta família administra os camponeses, enviados para as minas. - Ainda tenho que lhe dizer o quanto esses miseráveis camponeses são felizes na terra? No artigo de Antonov anexado aqui (um exilado político, o polonês Weber), publicado no *Irkutskie Vedomosti*, você verá, entre outras coisas, como era a existência deles antes no distrito de Nertchinsk. Foi dessa condição que Muraviev os tirou para torná-los cossacos. Esta medida teve o dom de despertar particularmente a ira de Zavalishin, não no início, porque, como mostrei mais adiante, enquanto ele estava em boas relações com Muraviev, ele não apenas se fez o defensor de todos os atos do Muraviev, mas mesmo sem que pedíssemos, sem ser solicitado, ele colocou sua mão pesada e suja na aplicação das ordens de Muraviev. Mais tarde, tendo brigado com ele, ele começou a caluniá-lo, e o primeiro e principal assunto de sua perse-

guição literária foi o sistema de colonização cossaca e o assentamento forçado de Amur pelos cossacos; Certamente, esse sistema de colonização não se conforma aos princípios puros da ciência econômica, mas nas circunstâncias do momento, foi necessário. Dada a falta de crédito, e a ausência e impossibilidade de qualquer iniciativa da parte de pessoas que caíram na preguiça, deixados por conta própria e com os pés e as mãos atados, eles tiveram que recorrer a esse sistema ou renunciar ao Amur. Então, dir-se-ia que 40.000 camponeses das Minas, que em toda a região do Transbaikal foram sacrificados para o caso Amur. Mas mesmo que fosse assim, o que representa esse sacrifício momentâneo diante da enormidade dos resultados obtidos? Mas se demonstrarmos que nem a região do Transbaikal nem os camponeses das Minas não só não perderam, mas fundamentalmente ganharam por serem sacrificados desta forma por causa desse grande empreendimento, o que resta de todo o argumento de Zavalishin? O que ele não inventou para justificar sua falsa indignação e perturbar a mente de seus leitores! E a comparação com os métodos de Araktcheev, e a ruína de toda a região de Transbaikal, e a morte por fome da desafortunada população deslocada no Amur, e o perigo mortal de todo esse empreendimento. “O Amur se tornou a praga da Sibéria!” ele exclama; - e um público estúpido acredita em Zavalishin! Agora ele, que vive há tanto tempo na região de Transbaikal, sabe melhor do que ninguém que, ao converter os 40.000 camponeses das Minas em uma classe estatal, Muraviev os tirou da pior e mais miserável situação que a mente russa possa imaginar; e que sua condição atual, comparada à que tinham ainda recentemente, pode ser descrita como paradisíaca, Zavalishin sabe que, além da opressão e espoliação de que esses camponeses foram objeto, da mesma forma que os judeus da Bielorrússia, eles foram abandonados pela Diretoria de Minas a algumas casas comerciais que os endividaram e assim os manti-

nham dependentes como servos, e ele sabe que o primeiro cuidado de Muraviev foi livrá-los como Graco dessas dívidas não pagas e desses vigaristas, desses agiotas. Zavalishin sabe que entre os cossacos da região de Transbaikal não há a menor aplicação do sistema de Araktcheev, que ninguém interfere em sua vida doméstica e que em suas casas eles são completamente livres. Ele sabe que hoje eles estão isentos de qualquer obrigação, que o recrutamento para o trabalho forçado nas minas de prata foi substituído pela obrigação de todos os cossacos adultos, de 18 a 40 anos, se apresentarem uma vez a cada três anos para completar um ano de serviço em um batalhão local; quanto à labuta nas minas, foi substituída pela derrubada de árvores destinadas à construção de barcas no Ingoda e no Shilka, ou por trabalhos relativos à flutuação de madeira no curso inferior do Amur. É certo que os cossacos recebiam apenas um soldo de 20 copeques por dia, mas recebiam ainda menos quando eram destinados às minas e realizavam um trabalho incomparavelmente mais árduo. - [Este ano, eu não sabia, foi abolido todo o trabalho obrigatório; tanto é que, a partir do outono, todo o trabalho foi realizado por assalariados]. Acrescente-se a isso que, enquanto camponeses das Minas, estavam como tais condenados, eles e seus filhos, a uma servidão sem esperança e sem saída, ao passo que, a partir do momento em que foram feitos cossacos, tiveram apenas dez ou quinze anos (e a partir de agora não mais de cinco anos) de trabalho obrigatório a cumprir (atualmente estamos em vias de acabar com isso); após isto, com exceção do serviço militar, deixarão de estar sujeitos a outras obrigações e poderão gozar tranquilamente de sua condição verdadeiramente privilegiada em relação à dos camponeses da Coroa; a partir de então, será possível vislumbrar a abolição da classe cossaca, que ainda é necessária, mas não demorará a deixar de ser. [Estes dias, foi enviado a Petersburgo um pedido para reorganizar doze batalhões em Direção

Cossaca de batalhão, o primeiro passo para a abolição do Departamento Cossaco]. Sem dúvida alguma teria sido mais agradável para Muraviev povoar o Amur com colonos livres desde o início, mas de onde ele os tiraria? No passado, cossacos ousados, sem serem solicitados e mesmo sem o conhecimento de seus líderes, descobriram o Amur, apoderaram-se dele e construíram ali a cidade de Albazin. Desde então, o povo russo, amarrado durante séculos, perdeu toda iniciativa, toda possibilidade de movimento; a abolição da atual servidão e do regime policiaresco vai certamente devolver-lhe a vida que perdeu, mas, sendo impossível esperar esse momento e dada a falta de iniciativa do povo, foi necessário apelar à iniciativa do governo. Para ocupar o Amur, para ali organizar comunicações regulares, para assimilá-lo definitivamente, era preciso recorrer ao sistema de colonização forçado pela implantação dos cossacos. - A pedido de Muraviev, o imperador Nicolau deu 40.000 de seus camponeses e aprovou a formação da região do Transbaikal. Todo o período de 1851 a 1854 foi gasto na coleta de informações sobre o Amur, na organização da nova região e na preparação da expedição, que foi finalmente autorizada em 1854, apesar da oposição da alta sociedade Petersburguesa, graças ao rompimento com a Inglaterra, que até então temíamos irritar ao nos mostrar no Amur.

Assim, em 9 de maio de 1854, ocorreu a primeira expedição, com mais de 380 homens, soldados e cossacos, sob a liderança do próprio Muraviev, a expedição desceu o curso do Amur. Em Aihun, a residência do governo chinês, situada um pouco mais abaixo da atual Blagoveshtchensk, e onde forças militares muito superiores estavam concentradas, foi feita uma tentativa de deter o avanço de Muraviev; mas ele avançava ainda mais e, por Nikolaevsk, o estreito da Tartária e o mar de Okhotsk, dirigiu seus 380 homens no Kamtchatka, bem a tempo de defendê-lo contra os ingleses; quanto a ele, em setembro, chegou a Ayan e depois a

Irkutsk pela Iakútia, metade do caminho de trenó puxado por cães, a outra metade a cavalo. No final de abril de 1855, Muraviev empreendeu uma segunda expedição ao curso inferior do Amur, mas desta vez com uma tropa de 5.000 homens. Ele avançou ameaçadoramente por Aihun e, quando os ingleses apareceram na baía de Kastrí, encontraram-no, segundo a expressão usada pelo correspondente do “Times”, cheio de homens e canhões. Nesse mesmo ano, os primeiros colonos livres foram transportados para o curso inferior do Amur, onde se estabeleceram nas duas margens do rio, não muito longe de Nikolaevsk. - Em 1856, houve de fato a infeliz campanha que, empreendida para trazer de volta à região do Transbaikal 1300 soldados que estavam em Nikolaevsk, custou a vida de cerca de 300 deles, que, para falar a verdade, morreram de frio e de epidemia. - Eu sei, o fato foi fortemente criticado no “Kolokol”; mas, queridos amigos, onde está o meio termo? E vocês não sabem quantos ingleses e norte-americanos morreram no Afeganistão ou nas Montanhas Rochosas durante expedições militares? Quanto à promoção que o responsável por esta catástrofe, o comandante Obmuchov, teria recebido injustamente, isso é pura calúnia. Obmuchov está hoje em completa desgraça e, em Irkutsk, queixa-se amargamente de seu destino. A partir de 1857, os cossacos começaram a colonizar regularmente o Amur. Os primeiros assentamentos certamente não foram voluntários; foi um sacrifício necessário feito pela causa deste território, um sacrifício muito mais imaginário do que real. Em primeiro lugar, todos os tipos de medidas foram tomadas para garantir que os colonos cheguem sãos e salvos, com todos os seus pertences, aos locais de destino que lhes foram atribuídos, de modo que os assentamentos realizados até agora foram, salvo raras exceções, positivamente concluídos. Em geral, algo tão difícil como o povoamento de uma nova região inteiramente desértica obviamente não pode ser realizado sem erros administrativos acom-

panhados de sofrimento individual devido ao baixo grau de cultura, competência e consciência daqueles que estão encarregados; mas, em comparação com o que acontece dentro da própria Rússia, quando as populações são deslocadas de um governo para outro, esses erros foram muito, muito pouco numerosos e o sofrimento que se seguiu não pode de forma alguma ser comparado ao sofrido pelos colonos norte-americanos durante sua implantação nas margens pantanosas do Mississípi ou Arkansas. Os cossacos do Amur estão implantados em regiões abundantes, salubres, surpreendentemente férteis. Como prova desse clima saudável, citarei apenas um fato: a mortalidade relativa no Amur é menor do que na própria região de Transbaikal ou no governo de Irkutsk. Certamente, no primeiro ano de assentamento, certos pontos se mostravam bastante insalubres para o gado; em outros lugares os cavalos sucumbiam; em outros, ainda, as ovelhas ficavam cegas ou os bezerros nasciam sem pelos, mas todas essas anomalias - nas quais a conhecida preguiça e negligência da Sibéria e ainda mais da Transbaikalia tiveram parte - acabaram, graças a Deus, no primeiro ano; o gado adaptou-se rapidamente ao Amur e as pessoas vivem lá como pinto no lixo; e não poderia ser de outra forma; providos de dois anos inteiros de mantimentos, isto é, farinha, carne, sal, sêmea e aguardente, até chá em tabletes, chá, sem o qual um siberiano não pode viver; providos de todos os instrumentos e ferramentas necessários à agricultura e à construção de moradias (tudo isso lhes é fornecido gratuitamente pelo Estado), puderam, durante um único verão, sem se preocupar com o próximo inverno e nem com o próximo ano, construir uma moradia e preparar a terra para as lavouras, tanto que, a partir do segundo ano, ainda providos de tudo pelo governo, teria sido possível para eles assegurar seu próprio abastecimento, se não fosse a preguiça e esse descuido, a maioria das colônias cossacas já produziria tanto trigo que poderia

destinar parte dele para o comércio. Acrescente a isso que todos os cossacos do Amur estão permanentemente isentos de todos os impostos e contribuições e, durante os dois anos seguintes à sua instalação, também de todos os serviços. - Para o povoamento do Amur, os cossacos são sorteados; além disso, eles têm o direito de serem substituídos por voluntários, o que, a cada ano, lhes custa mais barato, porque o número de cossacos aumenta a cada ano, o que prova que não se vive mal no Amur. Nessas condições, de 1857 a 1861, cerca de sessenta colônias cossacas terão sido fundadas no Amur e trinta e três no Ussuri, o que representa 3.200 famílias de cossacos e 15.000 pessoas de ambos os sexos. Em 1861, começará a última colônia cossaca composta por 600 famílias e 3.000 almas. Dessa maneira, terá fim para os cossacos da região do Transbaikal o sacrifício de homens, sacrifício que, a partir do segundo ano, se transforma em bem-estar para os novos colonos. Agora vamos parar por um momento e ver o que Muraviev fez desde 1854, a data da primeira expedição de Amur, até 1859, inclusive; Muraviev realizou pessoalmente duas expedições, graças às quais conseguiu defender Kamtchatka e a Baía de Kastri dos ingleses. Estava esquecendo de dizer que em 1855, quando a flotilha do Conde Putyatin conseguiu escapar-se, para o estuário de Amur, da perseguição dos ingleses e franceses que bloqueavam o dito estuário e toda a baía de Tartária, Muraviev, que precisava de regressar para Irkutsk, conseguiu, com um sucesso que ilustra boa parte de suas empreitadas, a bordo de um barco americano fretado, chegar a Ayan se esgueirando graças ao nevoeiro e à sua real bravura, através da esquadra inglesa. Dali, como na primeira expedição, voltou a Irkutsk a cavalo, num trenó puxado por cães ou renas, atravessando o Iakútia; apenas nas últimas 1.500 verstas ele usou os transportes. - Desde então, quase todos os anos, ele fez viagens no Amur. Em 1857, acompanhou o conde Putyatin no curso inferior do Amur; em 1858, ele assi-

nou o Tratado de Aihun, nos termos do qual a China nos cedeu toda a margem esquerda do Amur, mantendo a margem direita para si até a confluência do Amur e do Ussuri; a margem direita do Amur a partir do confluente do Amur e do Ussuri até o Oceano Pacífico, a China a deixa indeterminada até uma delimitação futura, que interpretamos desta forma, a saber: a ocupação de fato de todo o território de Ussuri - um reino inteiro e um reino pródigo - do Amur, no Norte, à Coreia, no sul. Em 1859, Muraviev viajou de Nikolaevsk para a baía de Petcheli, e de lá para o Japão, com o qual está em tratativas sobre a ilha de Sakalina, cuja parte sul foi cedida aos japoneses pelo conde Putyatin, sob um tratado assinado em 1857 sem qualquer necessidade, e mesmo sem que os japoneses o tenham reivindicado. As negociações terminaram novamente com um ato, ou seja, a ocupação de toda a Ilha de Sakalina por duas ou três empresas. Eis então, caros amigos, os detalhes mais exatos do caso Amur; e quando se pensa que este imenso empreendimento que é a anexação de uma vasta região e um primeiro povoamento de cerca de 4000 verstas, realizado no espaço de seis anos de 1854 a 1859 inclusive - o povoamento de estepes e florestas extremamente ricas em poder, mas na realidade ainda inteiramente desertas, a administração de uma região recém-adquirida, seu abastecimento, todas as despesas diplomáticas e extraordinárias, a construção de barcaças, barcos e sua manutenção, todas as formas de transporte fluvial, expedições militares, incluindo a defesa de nossas costas do Oceano Pacífico contra os ingleses e os franceses - quando você pensa que tudo isso não custou, até 1859 inclusive, mais de 540.000 rublos rusos que nem mesmo foram retirados do Ministro das Finanças, mas apenas dos créditos econômicos da administração da Sibéria Oriental, então, somos obrigados, não é mesmo, amigos, a notar, mesmo contra nossa vontade, que este exemplo é sem precedentes, pelo menos em nossa história. Sem diminuir a glória de Baryatinsky, o Pa-

cificador do Cáucaso, você sabe quanto, desde 1856, data de sua nomeação, até 1859 inclusive, ele gastou em créditos sacados diretamente do tesouro público? Cerca de 28 milhões de rublos de prata. Julgue e compare. Mas, diz Zavalishin, “não foi o Tesouro que pagou pelo Amur, e sim região de Transbaikal; ela está arruinada e está morrendo”. No entanto, esta afirmação, que não se baseia em nada, está em singular contradição com um fato conhecido por todos aqueles que estiveram na região do Transbaikal, a saber que a produção de trigo, carne e o consumo de produtos transportados para esta região estão em sensível aumento. Anteriormente, ninguém sabia o que fazer com o trigo, enquanto agora o Tesouro compra grandes quantidades para o Amur; antes, as mãos ficavam ociosas, enquanto agora, durante os trabalhos de verão, um trabalhador medíocre pode ganhar, por dia, um rublo de prata ou até mais. Anteriormente, os produtos estavam em quantidade suficiente, mas faltava completamente o dinheiro na região do Transbaikal; hoje, somas consideráveis de dinheiro são produzidas lá todos os anos, tanto é que há dinheiro em todas as aldeias. [Além de seus mantimentos, o Amur compra todos os anos na região de Transbaikal o abastecimento de todos os seus navios do Oceano Pacífico.] Anteriormente, as mulheres desta região iam vestidas de tecido grosseiro; agora, não é incomum vê-las vestindo roupas de estilo alemão feitas de algodão ou seda. Anteriormente, a região do Transbaikal era considerada a mais pobre pelo seu poder de compra; hoje, vem antes do governo de Irkutsk, o que é um índice seguro de que as pessoas estão enriquecendo, porque infelizmente em todo o Império do czar, em todos os lugares onde existe o sistema agrícola, todo o dinheiro supérfluo, e mesmo não supérfluo do povo, vai para o botequim. Não há dúvida de que a região de Transbaikal fez sacrifícios ao Amur, mas esses sacrifícios não a esgotaram, apenas a sacudiram, e serão devolvidos com usura no menor tempo possível. A

partir de agora, a cada verão, a região ganha vida sob o efeito do tráfego que aumenta constantemente no Amur, a jusante e a montante; a cada ano surgem novas fábricas e usinas de salmouras, sabonetes, velas, curtumes, vidrarias das quais antes sequer tínhamos ideia; e não está longe o dia em que, nos anos de fome que, em consequência da seca, regressam periodicamente à região do Transbaikal, esta receberá o seu abastecimento de trigo do Amur. - Agora direi algumas palavras sobre os planos de Muraviev para o povoamento final do Amur. Cerca de oito a dez mil cossacos não poderiam povoá-la inteiramente e a instalação de colônias cossacas não pode ter outro propósito senão preparar os locais e as estradas necessárias para uma forte população futura. Em 1858, Muraviev apresentou um plano para o povoamento do Amur baseado nos seguintes princípios: primeiro, pessoas de todas as classes seriam chamadas ao Amur, principalmente camponeses da Coroa, dos feudos ou latifúndios, entendendo-se que quando um deles manifestar o desejo de se transplantar para o Amur, ele ficará isento de todas as obrigações e benefícios e se tornará um homem inteiramente livre. Sua transferência terá que ser feita às suas próprias custas (para o caminho, ele recebe um empréstimo dos fundos especiais e dos armazéns de trigo); no Amur, a terra é-lhe dada em usufruto por um período de vinte anos; durante todo esse lapso de tempo, estará isento de qualquer imposto, serviço ou apresentação. As comunidades rurais integralmente receberão a terra para uso perpétuo, mas não como propriedade plena, cujo direito é exclusivamente reservado ao Estado. Quando Muraviev escreveu seu projeto, ele ainda era um inimigo determinado da propriedade e dizia: Ainda não estou certo de que propriedade não seja roubo. Este ano, ele cedeu à necessidade óbvia e, relutantemente, concordou em reconhecer o direito de propriedade sobre o Amur, deixando a cada um a tarefa de comprar a quantidade de terra que quisessem ao preço de 10 ru-

blós por deciatina; quanto aos indivíduos ou comunidades rurais que pretendam obter terras para uso, esta lhes é concedida por vinte anos, ficando entendido que, findo este prazo, ambos terão direito de preferência; além disso, os assentados ficam isentos, nos primeiros vinte anos, de qualquer obrigação. Não sei qual será o destino deste projeto, tendo o primeiro sido rejeitado pelo Comitê Siberiano; o principal adversário foi o Ministro dos Camponeses da Coroa e dos feudos, Muraviev, o enforcador. Em vez deste projeto, ele propôs, após acordo com o Ministro das Finanças, o seguinte: o Estado sacrificará 100.000 rublos por ano, com os quais cerca de 300 famílias camponesas, com seus bens, serão transplantadas anualmente para o Amur, não de sua própria vontade, mas por livre escolha do Ministro. Diversas comunidades rurais de vários governos teriam aceitado voluntariamente se transplantar, mas o ministro os recusou, assim como as mil famílias menonitas do governo de Saratov que, já em 1859, haviam enviado responsáveis ao Amur com a missão de explorar e escolher o terreno. Apenas os camponeses siberianos foram autorizados a se transplantar livremente, mas estes já têm essa liberdade plena na Sibéria. Os transplantes ditos voluntários dos camponeses da Coroa designados pelo ministro só começaram a partir desse ano; 230 famílias representando 1.600 almas foram transplantadas neste verão. Além disso, 12.000 soldados das companhias disciplinares com ou sem mulheres foram transferidos por ordem suprema para a Sibéria Oriental. Até o momento, 8.000 deles chegaram; 6.000 foram assentados na região de Baikal no lugar dos cossacos que partiram de lá; e uns 2.000 no Amur. Adicione a isso cerca de 900 condenados libertados por Muraviev das várias fábricas estatais e você terá uma contagem quase exata da população atual de Amur e Ussuri; sem as tropas regulares, cerca de ...; e incluindo essas tropas, cerca de ... almas. Note-se que os soldados vindos das companhias disciplinares comportam-se

muito bem no Amur e que, nas colônias cossacas onde foram distribuídos, não há furtos, nem pilhagens, nem assaltos significativo, o que prova que ninguém os oprime e que é possível, para eles, viver bem e livremente; seu bom comportamento também deve ser atribuído em parte à ausência total de botequins no Amur, razão pela qual a fazenda de álcool, por proposta de Muraviev aprovada pela autoridade suprema, é banida para todo sempre. Certamente, os habitantes de Amur, e particularmente aqueles que vivem perto das aldeias da Manchúria, frequentemente bebem álcool manchuriano; essa incitação não vem do álcool, mas dos botequins, que sistematicamente propagam a embriaguez no povo. Sobre este assunto, e para lhe dar uma ideia ainda mais clara das tendências de Muraviev, envio-lhes um artigo, reproduzido em 1859 do *Russki Vestnik*, no *Irkutskie Vedomosti* e escrito pelo condenado político Spetchnev por ordem de Muraviev, sobre o seguinte tema: Benardaki, que possuía a fazenda de álcool para toda a Sibéria Oriental, estava tentando estendê-la também para o Amur, mas não teve sucesso; como o relâmpago, a palavra impressa de Muraviev caiu sobre ele. Devo dizer-lhes que é raro que alguém escreva tão bem quanto Muraviev, de forma tão clara, concisa e enérgica. Seu estilo é o de um homem de ação e não de um escritor. Nos projetos para o Amur de Muraviev, o principal atrativo será a liberdade, especialmente a liberdade religiosa. De natureza revolucionária, Muraviev, como um ditador, às vezes pode sacrificar o interesse particular e até a liberdade individual ao interesse geral ou à liberdade coletiva. Mas ele é, por natureza, tanto quanto por convicção, inimigo jurado de toda opressão.

Ele tem a religião da humanidade, do movimento histórico dos povos, uma religião à qual vocês renunciaram como a todas as outras, mas ele não tem outra - ele é mais ateu do que cristão, e professa e exige, em matéria de religião, a tolerância absoluta de religiões e opiniões. Por isso mesmo,

ele é o primeiro a ser o amigo e protetor dos *raskolniks* contra as opressões de todos os tipos de popes e autoridades locais; e ele espera que a completa liberdade de crença no Amur atraia muitos *raskolniks* para lá; e essas pessoas são as mais úteis, as mais ativas e as mais ricas da Sibéria. Com isso, vou encerrar meu falatório sobre o Amur. Para completar estas informações, eu anexo, embora mal escrito, o sensato artigo de Antonov (condenado político, o polonês Weber), no *Irkutskie Vedomosti* e escrito com grande conhecimento da questão; e, além disso, o artigo de Karpov (que apareceu no jornal “O Amur”), escrito em termos muito grosseiros, mas, apesar disso, interessantes pela característica de Zavalishin; e, por fim, informações da imprensa sobre a navegação e o comércio, este ano, no Amur; não deixando de apontar que Muraviev é um defensor certo da liberdade de comércio, como de qualquer outra liberdade, que ele incentivou com todas as suas forças as iniciativas dos americanos e, em geral, dos estrangeiros no Amur, o que desagradava muito os mercadores siberianos. Também estou anexando como presente o mapa da região recém-adquirida.

É necessário reconhecer como outro mérito de Muraviev seu comportamento em relação aos dezembristas e, em geral, aos condenados políticos, poloneses e russos. Devemos fazer essa justiça à Sibéria: apesar de todos os defeitos que contraiu como resultado do influxo incessante de elementos diversos, muitas vezes longe de serem favoráveis, defeitos como a desonra, o egoísmo, a dissimulação, a desconfiança recíproca, ela se distingue por certa generosidade de coração e amplitude de espírito particulares, por uma verdadeira grandeza de alma em relação aos presos políticos e mesmo a todos os condenados de direito comum. O siberiano não tem preconceitos, nem peca por curiosidade excessiva, nem por excesso de delicadeza ou por espírito de rancor; e depende de cada deportado, o que quer que ele possa ter cometido na Rússia, criar para si, através de uma con-

duta honesta e acima de tudo razoável, um lugar honroso. Os siberianos são sensatos, não suportam os imbecis e perdoariam mais facilmente a abjeção do que a imbecilidade. Abjeção, ferocidade e qualquer outra degradação moral não podem surpreender o siberiano, ele viu muitas em sua vida. Mas desde os tempos mais remotos, acho que desde Mentchikov e Minich, os condenados políticos gozam de uma consideração diferenciada na Sibéria. A feliz influência dos dezembristas, que atraíram para si tanto respeito na Sibéria, bem como a não menos feliz influência dos condenados políticos poloneses, dispersos em número ainda maior nas regiões desérticas da Sibéria, não poderiam ficar sem efeito sobre próprias autoridades; sem dúvida, houve bastante frequentemente atos odiosos da parte destes (as autoridades russas, ainda mais ladras na Sibéria que na própria Rússia, não podem mudar sua natureza inata) mas é preciso dizer, de uma maneira geral, que aos deportados e condenados políticos ao trabalho forçado aplica-se raramente, como todo seu rigor, as penas da lei dracono-russa. Ambos tiveram muito mais a sofrer com as arbitrariedades, caprichos e aborrecimentos das autoridades locais. Não é incomum que essa arbitrariedade chegue ao ponto do ultraje e da crueldade. Assim, por exemplo, certo comandante da fortaleza de Omsk, cujo nome esqueci e que ainda está sendo julgado em Tobolsk, comportou-se da maneira mais ultrajante e mais cruel com os poloneses em serviço forçado, espancando-os com paus e forçando-os, no frio mais rigoroso, a limpar os tonéis de excrementos. Não conheço nenhum exemplo desse tipo na Sibéria Oriental, mas lá também aconteceram coisas não muito belas. O principal mérito de Muraviev é, em primeiro lugar, ter colocado os condenados políticos em completa independência frente a qualquer representante das autoridades, a tal ponto que era perigoso não só ofender um desses condenados, mas ainda brigar com um deles. Por princípio e de forma calculada,

Muraviev quase sempre ficou do lado dos condenados políticos, o que, em particular, às vezes pode ter parecido inadequado ou injusto, mas, em geral, era necessário para atingir seu objetivo: ou seja, elevar a condição dos condenados políticos na Sibéria. Ele nunca perdia a oportunidade de elevá-los na opinião política; aos poloneses e aos russos, especialmente aos dezembristas, Muraviev sempre deu a mais delicada atenção, toda gentileza e todos os sinais de profundo respeito. E isso em 1848, sob o reino de Nicolau, quando a violenta agressividade do mesmo atingiu seus últimos limites. Ele não apenas amenizou consideravelmente o destino de cada um deles, como satisfiz, na medida do possível e mesmo quando não era, o desejo de cada um; contrariamente às disposições mais formais, permitiu-lhes residir onde quisessem, ir aonde quisessem na Sibéria Oriental e que se ocupassem como quisessem, recebeu-os em sua casa como convidados ilustres, visitou-os como amigos próximos. - Escute o que dizem muitos poloneses que recentemente retornaram da Sibéria Oriental ao seu país graças à aplicação mais larga, possível ou não, por Muraviev, da anistia complicada e falha tipicamente alemã de Nicolau. Eles são unânimes em abençoá-lo e dizer que ele os reconciliou com os russos da mesma forma que com o nome de Muraviev. Pergunte aos dezembristas vivos, exceto Zavalishin e Raevsky. Todos eles foram e continuam amigos, apoiadores e admiradores de Muraviev. A propósito, vamos falar de condenados políticos, inimigos de Muraviev: Zavalishin, Raevsky, Petrashevsky e Lvov. Não conheço nenhum outro, a não ser que você acrescente a eles o semideportado político, o judeu Rosenthal, e pela única razão de que, assim como Petrashevsky e Zavalishin, ele envia denúncias, lidas por nós, aqui na IIIª Seção - e, Deus sabe, talvez também corresponda igualmente com o Kolokol. Cada um o que merece; começarei com Zavalishin.

Quando, em 1857, fui enviado da fortaleza de Schlüsselburg para a Sibéria orien-

tal, passei quase uma semana na IIIª Seção. Ali, todo dia, meu irmão Aleksey vinha me ver. Ele veio só por esse motivo, e ficou com amigos da nossa família, os Pushtchin. Ele conheceu e se aproximou do dezembrista, recém-chegado da Sibéria, I.I. Pushtchin. Ivan Ivanovitch enviou-me através de meu irmão sua bênção e, entre outras recomendações para pessoas da Sibéria oriental, ele me rogou não criar laços nem com Dmitri Zavalishin nem com seu irmão, outro grande delator, igual a seu irmão; quanto ao primeiro, é um delator, mas que sabe agir mais habilmente e mais secretamente e que fez muito mal a todos com suas palavras equívocas durante os interrogatórios; no castelo de Pedro, onde foi posteriormente preso, bem como durante todo o tempo de sua deportação para a Sibéria, ele foi o veneno dos dezembristas. Isso é o que Basargin, Falenberg, Podnhio, Bestchastny, M.A. Bestunhev e Kyuchelbeker também me disseram na Sibéria. Ouvi o mesmo da maioria dos poloneses e dos melhores desses que conheceram Zavalishin além do Baikal. Todos foram unânimes em descrevê-lo como um homem amargo, ambicioso, invejoso e perverso, que não se esquivava nem de mentiras nem de calúnias para alcançar seus objetivos pessoais e egoístas. Dos dezembristas de Irkutsk, aprendi o seguinte fato encantador: no castelo de Pedro, ele era um verdadeiro veneno para seus companheiros. Você sabe que vida santa e harmoniosa os dezembristas levaram lá; foi talvez a melhor época de suas vidas, um período em que, purificados pelo sofrimento, pelo sentimento da alta responsabilidade que haviam assumido diante de toda a Rússia, ascenderam, talvez pela primeira vez, até a consciência moral de sua ação brilhante. Mais tarde, liberados do castelo de Pedro, a vida prosaica russa retomou seus direitos; uma existência separada, ociosa e sem rumo, em uma atmosfera de monotonia, a mesquinhez das necessidades, a mesquinhez das paixões fez com que muitos deles caíssem muito abaixo do tom harmonioso

que era o do castelo de Pedro; neste alto grau alguns deles conseguiram se manter, mas no castelo de Pedro todos eram igualmente grandes e santos, todos eram iguais; homens sensatos e simplórios, mentes cultivadas e ignorantes, pobres e ricos. Eles compartilhavam fraternalmente tudo: pensamentos, sentimentos e recursos materiais, tudo era comum entre eles. Nesta santa família unida, há apenas uma ovelha sarnenta: Dimitri Irinarchovitch Zavalishin. Ele invejava e detestava a todos na mesma medida. Ele fofocou, intrigou e tentou criar a discórdia entre seus companheiros. Ele os denunciava, os caluniava ao bravo comandante Liparsky; e porque o falecido comandante não lhe deu ouvidos, continua a odiá-lo até hoje. Eu mesmo ouvi com que desprezo ele fala desse nobre ancião e como ele o insulta, enquanto todos os dezembristas abençoam sua memória. Finalmente, a malignidade de Zavalishin às vezes o impulsionava, sem saber como se vingar de um companheiro que o ofuscava, a atirar uma pedra direto na janela em um inverno de 30 graus negativos e até mais frio, o que é ainda mais doloroso, não só no Castelo de Pedro, mas mesmo em Irkutsk, às vezes é difícil ou mesmo impossível substituir o vidro, o que obrigava a vítima a se proteger do frio colando papel. - Em junho de 1859, conheci pessoalmente Zavalishin em Tchita. Imagine um velhinho seco, moreno, de extraordinária vivacidade, que, notavelmente bem conservado, ainda é dotado de uma memória rara e universal e de uma eloquência notável. Ele fala, ou melhor, grita sem parar e é tudo para ele; ele não suporta que outras pessoas falem. Sua voz aguda, estridente, ensurdece o ouvido mais forte. Ele leu muito em sua vida, observou muito; ainda hoje lê e trabalha muito, apesar dos 60 ou 65 anos, e ele sabe se lembrar oportunamente do que leu. Por natureza, ele tem a mente alerta, engenhosa, flexível; hoje, já passavelmente envelhecido e por assim dizer petrificado, totalmente exausto, repete-se interminavelmente e perde-se em frases e

aforismos estereotipados; ele começa a tagarelar, ele também se perde em insignificâncias, como uma velha senhora. Em um ano ou dois, não haverá nenhum vestígio dele. Duas paixões sustentam e animam hoje sua senilidade: um orgulho excessivo que frequentemente pende à infantilidade e, sobretudo, uma maldade incomensurável. Atualmente toda essa malignidade se direciona a Muraviev. Tire dele o ódio por Muraviev e no dia seguinte ele já estará morto. Quando seu orgulho é desencadeado, ouvi-lo se torna assombroso: ele foi o primeiro a sugerir a Muraviev a ideia de anexar Amur, e lhe ensinou como deveria agir; enquanto Muraviev o ouvia, tudo corria muito bem, e tudo se perdeu a partir do momento em que Muraviev começou a contrariá-lo. Nem os ingleses nem os franceses, mas ele, o primeiro, teve a ideia do telégrafo elétrico. Apenas ele, Zavalishin, foi a alma, com seu poder de pensamento, da conspiração dos dezembristas; quanto a todos os outros, eram ou ambiciosos sem consciência, sem talento, sem vontade, ou crianças, ou simplesmente inteligentes, mas incapazes de agir, um covarde; Muraviev-Apostol, um homem enérgico, mas sem cabeça; Ryleev, um poeta quimérico sem firmeza nem razão.

Mas isso ainda não é nada; em relação aos dezembristas enforcados, ele é, como vocês veem, bastante misericordioso. Toda a sua agressividade e todo o seu desprezo, ele os reserva de preferência aos seus companheiros de prisão no castelo de Pedro. A este respeito, ele concorda, como em muitas outras coisas, com Vladimir Fedoseevitch Raevski que, por vingança contra os dezembristas que o recomendaram a Muraviev como um indivíduo impuro, não os chama de outra forma a não ser as “crianças espancadas da Vehme”. Há dois ou três anos, Raevsky e Zavalishin ainda eram inimigos, seu ódio comum a Muraviev os tornou amigos. Mas de onde vem esse ódio implacável levado à demência, de Zavalishin por Muraviev? Este o feriu cruelmente tanto em seu orgulho quanto em sua

bolsa; ora, ambos são pontos igualmente sensíveis para ele. - Os fatos que estou relatando a vocês hoje foram coletados por mim no local, das fontes mais confiáveis - e eu os garanto perante vocês por minha honra. Muraviev visitou Tchita pela primeira vez em 1848; ainda era apenas uma simples cidade medieval mineira; Zavalishin foi deportado para lá. Muraviev tratou-o com a mesma simpatia, o mesmo respeito que ele mostrou a todos os outros dezembristas; descobriu nele um homem inteligente e capaz, ainda mais interessante para ele porque Zavalishin conhecia bem a região de Transbaikal, tão importante para a empreitada no Amur; além disso, como oficial da marinha, Zavalishin havia feito, na primeira metade da década de 1820, sob o comando de Kruzenstern, um cruzeiro ao redor do mundo, havia navegado pelo Oceano Pacífico e até estabelecido um projeto para anexar a Califórnia à Rússia. Muraviev não gosta de guardar segredos, não se dá importância e não gosta de brincar de segredo de Estado. Completamente absorvido por sua empreitada no Amur, ele compartilhou suas hipóteses com Zavalishin. Dimitri Irinarchovitch agarrou-se a isso com ardor, vendo ali o caminho para ascender e se tornar um homem indispensável ou, pelo menos, alguém de que se precisa. Muraviev, sempre pronto para se instruir, ouviu com interesse as observações de Zavalishin, baseadas no conhecimento da região. Muraviev e Zavalishin estavam, portanto, felizes um com o outro, estava tudo bem. Em 1851 prosseguiu-se com a formação da região de Transbaikal, e foi nomeado como governador da nova província o general Zapolsky, um homem do tempo de Nicolau, não desprovido de inteligência e qualidades práticas, mas ainda mais astuto do que sensato, e cuja consciência ampla e elástica estava sempre pronta para servir a ambição do general. - Chegando na Sibéria, Zapolsky viu que Muraviev tratou com honra os dezembristas; em Tchita, ele notou as relações simples e de confiança que existiam entre Zavalishin

e o governador-geral. Isso bastou para o general - mente estreita, mas habilidoso por natureza, e por hábito, por concepções, mais inclinado a caçar e oprimir os dezembristas do que a estimá-los - isso bastou para que, de cão de guarda de Nicolau ele se transformasse em raivoso liberal, e se fez não apenas o protetor, mas também o admirador entusiástico de Zavalishin; e Dimitri Irinarchovitch, que não é bobo, descobriu imediatamente o principal defeito do governador recém-chegado, defeitos comuns a quase todos os generais russos: uma arrogância estúpida, uma presunção e uma vaidade mesquinha e desmesurada. Enquanto Zapolski buscava a simpatia de Zavalishin, Zavalishin rastejou descaradamente diante dele, cortejando-o e elogiando bem alto sua inteligência, sua humanidade e seus talentos. Para um general de Nicolau, a situação era bastante nova e não desprovida de encantos; sem perder a menor franja de suas pesadas ombreiras, ser ao mesmo tempo objeto da admiração de um dezembrista! Inevitavelmente, eles iriam se aproximar, e eles se aproximaram. Zavalishin levou a complacência ao ponto de tornar-se, com todo carinho, o médico, o interlocutor, o amigo, o superintendente de polícia do governador, seu companheiro inseparável; na igreja, em dias de festa, abria-lhe passagem entre a multidão de fiéis e, com as próprias mãos, colocava o tapete sob os pés tão preciosos de Sua Excelência. Por conseguinte, como você pode não amar um homem assim? E um homem perigoso, um liberal, de certa forma, um Brutus, e ao mesmo tempo tão admirador e até tão prestativo, ao estender ele mesmo os tapetinhos sob os pés. Tanta dedicação não poderia ficar sem recompensa. Zavalishin tornou-se todo-poderoso em Tchita; sem ele, nada poderia ser empreendido ou feito; ele distribuía os favores, os empregos, as graças e a ira do governador; e ele não estava fazendo isso de graça, mas por dinheiro, era completamente legítimo. Na época, a região do Transbaikal encontrava-se em completa reorganização por causa

da anexação do Amur; reorganização necessariamente rápida, radical e, portanto, nem sempre em conformidade com os incentivos particulares e mesmo com o direito privado. O sacrifício, neste caso extremamente necessário, dos interesses privados ao interesse geral, foi naturalmente acompanhado por muitos inconvenientes, que apenas a humanidade dos executores poderia atenuar ou eliminar. Mas o executor era o rabugento, venenoso, ressentido, vingativo Zavalishin que, na época, não era inimigo do sistema conciliatório de vincular os camponeses das Minas ao Departamento Cossaco e de toda a região do Transbaikal. A escolha de Tchita pertence exclusivamente a Zavalishin - ele se gabou disso na minha frente e, na minha opinião, essa escolha é muito infeliz, o que o próprio Muraviev está reconhecendo depois de tê-lo aprovado, na época, devido ao afastamento de a cidade mineira de Nertchinsk. Sem dúvida, Stretensk logo se tornará a capital natural da região do Transbaikal, já que esta localidade é o ponto final de toda a navegação importante no Shilka e, por isso, constitui o ponto de junção do território do Amur com a região do Transbaikal. Quanto a Tchita, enquanto cidade artificial, ela se mantém graças aos serviços administrativos que aí se concentram, mas é pouco provável que ela possa um dia subsistir com os seus próprios meios. - Era necessário, -mas era realmente necessário? (para dizer a verdade, não sei mesmo e até hoje tenho minhas dúvidas)- expulsar da nova capital da província os cossacos recentemente instalados, obrigá-los a vender sua residência, seus bens e atrair os burgueses, concedendo-lhes várias vantagens. Todo o caso estava nas mãos de Zavalishin e foi conduzido da maneira mais detestável, injusta e dura. O dezembrista Zavalishin colocou as assumiu ares de grandeza e achou que era alguém, como o mais vulgar representante da autoridade. Alter ego, amigo do governador, confidante de seus pensamentos íntimos, fez tremer diante dele todos os habitantes de Tchita, do fun-

cionário público até o último cossaco; e ai daqueles que, no passado, o ofenderam quando ele ainda era apenas um deportado abandonado a si mesmo; ai daqueles que não se curvaram agora diante de seu poder. Diante dele, chefe de polícia *com carinho*, um autêntico chefe de polícia não ousava manter o quepe na cabeça; e um artilheiro que vi em Tchita foi açoitado, por ordem de Zavalishin, simplesmente porque não havia tirado a boina na frente de Zavalishin. - Em Paris, Annenkov me assegurou um dia que a corrupção e a venalidade têm lugar na constituição da Rússia, que sem uma ou outra seria impossível viver lá; nesse sentido, Zavalishin foi um monarca constitucional; antigos e novos pecados cometidos contra ele foram redimidos com bom dinheiro; naquela época seus negócios domésticos eram cada vez mais prósperos, mas, por outro lado toda a região de Transbaikal estava gemendo, as queixas finalmente chegaram aos ouvidos de Muraviev. Por muito tempo, Nikolaj Nikolaevitch não acolhia; não queria acreditar que um dezembrista e, aliás, um dos mais inteligentes, pudesse agir assim. No final, ele teve que enfrentar os fatos e, não fazendo questão de reconhecer as falhas do dezembrista e expulsá-lo de uma localidade onde ele havia construído uma casa, bem equipada e mobiliada, onde vivia uma família (Zavalishin casou-se em Tchita), Muraviev decidiu demitir Zapolsky, que renunciou em 1855. Quanto a Zavalishin, ele foi notificado secretamente por intermédio de seus companheiros dezembristas, além disso, diretamente, em nome de Muraviev, para não fazer mais nada e evitar a partir de agora de tomar partido, por menor que seja, direta ou indiretamente nos negócios. - Em 1856, Michail Semenovitch Korsakov, primo e em toda a aceitação do termo, aluno, pupilo de Muraviev, hoje designado por lhe suceder em toda a Sibéria oriental, chegou a Tchita; jovem, inteligente, ativo, distinto embora longe de ser uma águia como Muraviev, ele toma as funções de governador regional e de atamã dos cossacos da região

do Transbaikal. Nessa época, um cossaco, colocado arbitrariamente pelo general Zapolsky a serviço de Zavalishin, tinha fugido. Em sua família, Zavalishin é um insuportável déspota; diz-se que sua defunta esposa morreu do pavor que ele lhe inspirava; quanto às irmãs desta e toda a sua criadagem, elas tremiam diante da menor palavra de Zavalishin. Da mesma maneira, tremeu por causa dele, por dois anos, o pobre cossaco reduzido, por assim dizer, ao estado de servo. Assim que Zapolsky foi destituído, o cossaco fugiu da casa de Zavalishin, e a primeira carta que Korsakov recebeu, em seu novo local, continha uma reclamação de Zavalishin contra o cossaco colocado a seu serviço por Zapolsky (como dizia o condenado político, o deportado sem direito, o liberal Zavalishin) e exigia que ele lhe fosse trazido de volta à força. Não preciso dizer que ele não foi escutado; o cossaco não foi privado, para agradar a Zavalishin, de sua liberdade. Eu li por mim mesmo o pedido de Zavalishin, classificado e numerado à Direção geral da região.

Vocês compreendem agora por que Zavalshin detesta Muraviev, mais ainda, por que espalha contra ele seu veneno: Muraviev o tinha deixado novamente sem nada. Ora, não pensem que ele tinha sido perseguido, nem que minimamente, desde então. Eu repito uma vez mais que Muraviev é magnânimo como um cavaleiro; a vingança pessoal não está em sua natureza, e menos ainda a mesquinha vingança contra um velho abandonado, embora perverso. Depois da aparição no *Morskoj Sbornik* de seus artigos venenosos, Korsakov se limitou a lhe interditar sua porta; Zavalishin pode se deslocar, cuidar de sua vida e gritar bem alto em Tchita, sempre invectivando Korsakov e Muraviev; ele tinha até mesmo um clã próprio, composto em parte por gênios imberbes descontentes, em parte por jovens exaltados; e até agora, ele continua, contra o regimento, a equidade e as leis, beneficiando-se do útil e privilegiado favor que Zapolsky lhe acordou; ele era o único a não pagar por sua habitação a contribuição

militar e mobiliária. Em minha avaliação, essa indulgência injusta já é uma fraqueza; e eu o obrigaria a se submeter à lei comum. Certamente ele gritaria, mas eu não me importaria. - Enfim, aquele que quiser conhecer Zavalishin tem apenas que falar com os burgueses de Tchita ou ir a 30 verstas de dali, à vila de Atamanovka, para onde os cossacos de Tchita foram transplantados à força. Ali ele não ouvirá nada além das blasfêmias que se juntavam ao nome de Zavalishin, de tanto que o liberal, o dezembroista, o democrata Zavalishin soube se fazer conhecer. Enfim, para finalizar esse retrato, acrescentarei uma última característica: do mesmo jeito que Petrashevsky e Rosenthal, Zavalishin se encontra hoje sob a proteção especial da IIIª Seção, à qual, segundo os próprios dizeres do príncipe Dolgorukov e de Timashev, ele envia diariamente as denúncias contra tudo e todo mundo. Eu próprio tinha lido uma das denúncias - escrita e assinada pela mão de Zavalishin - é claro, aparentemente a mais inocente - expedida da IIIª Seção para Muraviev, para Irkutsk: Zavalishin reclama que, por ordem das autoridades, foi feita uma tentativa de incendiar sua casa em Tchita. Não vou acrescentar mais nenhuma palavra. Passo para seu companheiro de mentalidade e de animosidade contra Muraviev: Raevsky.

Vocês sabem, sem dúvidas, que Raevsky foi preso um ano ou dois antes do caso dos dezembroistas e, depois de um ano ou dois de detenção em uma fortaleza, condenado à deportação perpétua na Sibéria, sem que ele tivesse tido o menor contato com os dezembroistas - tanto é que estes não querem, mesmo agora, reconhecê-lo como um dos seus, contrariamente a Muraviev, que afirma que Raevsky tomou parte ativa na conspiração. Seja como for, Murav'ev o encontrou brigado com todos os dezembroistas, e foi em vão que ele os tentou reconciliar. Os dezembroistas o chamavam simplesmente de patife, e ele os chamava de "inocentes". Raevsky é um homem muito, muito inteligente, o inverso de Zavalishin; não é um

pedante-doutrinário-dogmático; ao contrário, ele é dotado de um desses espíritos russos ousados e precisos que vão diretamente ao coração da questão e chamam as coisas por seus devidos nomes. É da cabeça aos pés um homem prático, um homem de negócios, nestes tempos, feliz, muito feliz no jogo; um homem que, hoje, encontrou fundos de ouro nos negócios em relação com as fazendas, e que, em sua vida, viu bastante coisa, passou por bastante dificuldade, um homem que adquiriu muitos conhecimentos e nunca se perdeu em lugar nenhum, um homem que não é incomodado por nada e que sabe encontrar seu interesse em qualquer lugar. É um cínico na alma, um homem que não se deixa levar por nada, mas cujas palavras espirituosas são notáveis, incisivas, e que é sedutor num grau supremo. Zavalishin envelheceu, ele não; mesmo hoje, podemos nos deleitar com ele.

*“Quando ele fala da santa liberdade,
Inspirado por algum demônio,
Os olhos injetados de sangue,
o rosto em chamas,
Ele mesmo chora e nós todos soluçamos.”*

Suas falas, enquanto homem inteligente, observador, que evoluiu nos meios de cima e de baixo, estão cheias de detalhes interessantes que abrangem o período que vai de 1812 a 1823-24. Além disso, ele conhece a fundo a Sibéria, seu comércio, sua indústria, suas relações sociais, seus camponeses, sua burguesia, seus mercadores, seus funcionários; ele é a estatística mais vívida e sensata da Sibéria. Tal homem, além de hábil conhecedor, se colocando em todos os meios, devia atrair a atenção de Muraviev, que o chamou para perto de si junto de todos os dezembristas e contra eles. Além disso, há em Raevsky um traço que o separa claramente dos outros dezembristas, um traço muito simpático para Muraviev. Raevsky, por sua natureza, é, verdadeiramente russo, um democrata da cabeça

aos pés, um democrata, na verdade, da escola cínica, mas mesmo assim um democrata, se não de coração, o qual pertence exclusivamente ao partido egocêntrico, ao menos de espírito, que é sensato, são, profundamente russo que não admite nem a ficção, nem os compromissos lamentáveis. Por toda sua maneira de pensar, não deixa de ser um democrata socialista, embora, na vida, de acordo com as comodidades e necessidades, ele esteja igualmente pronto a agir em todos os outros sentidos. - Não se pode dizer o mesmo da maior parte dos dezembristas; salvo muito raras exceções, eles eram e são liberais, tanto é que, apesar de todo reconhecimento da superioridade de Pestel, eles consideram ainda até o presente, involuntariamente Raevsky como o profeta da democracia russa, e até da democracia eslava. Poucos dentre eles foram além do liberalismo aristocrático e do patriotismo russo. Mil vezes mais nobres, mais puros, mais simpáticos que Raevsky, a maioria dos dezembristas que habitavam em Irkutsk estão atrasados com relação a ele no tocante à inteligência e à justeza das ideias; ele pertence instintivamente à escola que predomina hoje nas revistas russas. Já Muraviev é um adversário determinado do sistema inglês, do parlamentarismo, do constitucionalismo; a ideia de uma Câmara dos Lordes em Petersburgo o assusta, o impede de dormir; é um democrata ardente, intransigente, fechado. - Eis o que o aproximou de Raevsky principalmente. E deve-se reconhecer que durante vários anos, Raevsky exerceu uma má influência sobre Muraviev e lhe fez cometer muitas injustiças e equívocos. Quando Muraviev chegou como governador geral na Sibéria oriental, ele tinha apenas 39 anos; na Rússia, dada a indigência e indolência de nossa existência, cuja maior parte se perde na teoria, no caso das melhores mentes, um homem é ainda muito jovem nessa idade; jovem e sem experiência; além disso, Muraviev, espírito ávido, provava a necessidade de ter conselheiros sábios; ele foi seduzido por Raevsky, confiou ardentemente nele e, sob

essa influência, não cometeu poucas gafes. Hoje, ele não é mais o mesmo; enganá-lo ou ludibriá-lo é muito, muito difícil. Hoje, é ele quem, por sua vez, engana os outros, mas somente para o bem, para a salvação da Rússia. Na época era diferente; e por muitos anos, na opinião pública na Sibéria prevaleceu que, sem o consentimento de Raevsky, Muraviev não daria um único passo; e que aqueles que não tinham tempo de agradar Raevsky não poderiam obter um emprego (até aqui interesse primordial da plêiade russa) nem manter aquele que eles tinham; opinião, é claro, exagerada, mas mesmo assim não completamente desprovida de fundamento. - Em 1857, tendo-se convencido da malignidade, da ambição, da profunda imoralidade e deslealdade do democrata Raevsky, o qual tinha sempre o insulto à boca, Muraviev o descartou definitivamente; e desse momento começou a raiva inexprimível de Raevsky contra Muraviev; e para mim, não há dúvidas que, direta ou indiretamente, essa raiva encontrou eco no *Kolokol* de vocês. Eu esquecia de dizer que, ainda em 1856, quando foi estabelecida a lista dos detentos políticos para a anistia, lista da qual sua majestade o imperador, de sua própria mão, riscou meu nome, o de Raevsky, em tanto que não-dezembrista e deportado, fora isso, por causa de certos assuntos de dinheiro, não figurava absolutamente na lista; e é unicamente sobre as instâncias de Muraviev que, por um decreto especial, ele foi anistiado. - Eu passo agora a Petrashevski.

Vocês se lembram de Golovin? Ora, Golovin é o modesto, o inteligente, o escrupuloso Petrashevski; e Petrashevskij é o cínico, o Golovin falador desenvolto. Somente há entre eles uma diferença: Golovin, aventureiro e jurista, é um aristocrata, verdadeiro estelionatário, trapaceiro e fanfarrão de boa família. Petrashevsky é um chicaneiro tão sujo quanto Golovin, também jurista e aventureiro, mas sob a bandeira da democracia. Ele sufoca num salão, e a clientela das tabernas, composta principalmente por filhos de boas famílias deslocados, li-

teratos, artistas, administradores e advogados falidos, e também lacaios, libertos ou não, é o seu meio, no qual ele se joga com o mesmo prazer e a mesma naturalidade de um porco na lama. É basicamente um suíno com cabeça humana, um cínico por vocação instintiva. E ao mesmo tempo, um homem notável, mas de fato um agitado, um apaixonado pelo movimento, mas qual movimento! Ele está longe de ser um revolucionário ou um lutador declarado; ele não tem habilidade para isso, é um poltrão; e apesar de sua covardia, ele não pode se manter quieto; ele intriga, comete vilanias, procura querelas, se lança até em assuntos escabrosos por inclinação natural, inclinação essa que é nele mais forte que o medo. É um tagarela incorrigível, pronto criar caso entre os irmãos, os amigos mais íntimos, com o único fim de semear entre eles a discórdia. De forma que em todos os vilarejos, em todas as pequenas localidades para onde ele foi deportado, ele conseguiu colocar e continua a colocar os habitantes uns contra os outros. Ele se acreditava obrigado a se intrometer em qualquer história suja entre pessoas que ele não conhece o mínimo no mundo; e ele não para até que tenha conseguido criar um papel para si. Como um verdadeiro artista, além de seus lados pessoais, que ele está longe de negligenciar, ele ama a bagunça pela bagunça, o escândalo pelo escândalo, a lama pela lama. É um homem rancoroso e vingativo ao extremo, mas que não se ofusca por nada. Peguem-no em flagrante ao mentir, ao caluniar, chamem-no, olhos nos olhos, de patife, espanquem-no, logo pela manhã ele lhes esticará a mão e os assegurará de sua estima e de sua simpatia, por pouco que isso pareça útil para ele. Aconteceu que eu tivesse com ele conversas desse gênero: - Você disse isso de mim? - “Eu o disse.” - Isso é a verdade? - “não”. - Por que você o disse? - “Eu o disse porque isso me era necessário, agora isso não é mais”, ele acrescenta sorrindo, “e eu te prometo que não o direi mais; então a que serve se irritar, é tempo de colocar um ponto final nisso.” Em mi-

nha vida eu nunca tinha encontrado um cínico tão orgulhoso, tão atrevido e com uma tamanha franqueza. Na realidade, esse não é um homem qualquer. Se a revolução viesse a estourar aqui, ele seria sem nenhuma dúvida o marquês de Saint-Hurugue dos primeiros dias, tão variados são os seus talentos para conduzir as multidões; mas desde os primeiros dias, ele afundaria na lama como o defunto Saint-Hurugue de barulhenta e vergonhosa memória. Além disso, toda a família de Petrashevsky é digna dele. A mãe detesta e o filho e as filhas com ferocidade. As irmãs de Petrashevski, aproveitando de sua infeliz condição política, despojaram-no até o último fio - ao mesmo tempo em que elas o ultrajavam publicamente sem vergonha e sem pena. Nem é preciso dizer que ele os pagava na mesma moeda. Vocês sabem, sem dúvida, que ele recebeu de seu pai uma grande herança, que ele fez seus estudos no colégio de Carskoe Selo, e ao sair deste, entrou no ministério das Relações Exteriores, o qual teve que deixar, já que ele não queria se separar de sua barba verdadeiramente esplêndida. Ele viveu depois como um simples indivíduo, em Petersburgo, se ocupando com carinho de seus próprios litígios e das dos outros. Eu acredito que não há tribunal onde ele não tenha movido algum processo, e não os mova frequentemente. Na Rússia, país onde o direito não existe, ele se estabeleceu no direito. Mas o direito é o inimigo do próprio direito; existe o direito das pessoas que se deve defender em todo lugar e sempre, mas se indignar-se a favor do direito fundado sobre as leis formais por todos lugares onde estas, segundo a lei fundamental, são submissos à arbitrariedade do autocrata, e até mesmo de seus ministros, é na minha opinião tão ridículo e absurdo do que ir perguntar, onde o cristianismo todo deve ser jogado fora, se a eucaristia deve ser recebida sob uma ou duas espécies. De outra forma, em todos os países, mas sobretudo na Rússia, existe nas pessoas da chicana um lado obscuro e suspeito, que repugna a todo homem minimamente correto. É so-

bretudo esse lado que Petrashevski amava e ama. Como ele não fazia o mínimo caso nem de sua honra nem de seu bom nome, nem parece ter a mínima ideia do que significa defender a integridade, a limpeza de sua pessoa. Contar tudo o que eu ouvi dele sobre suas proezas desse gênero seria impossível, cada história era mais imprópria que a outra; e o mais estranho é que ele não parecia se dar conta de quanta imundície as suas histórias têm ... Assim se desenrolou sua vida até 1848. Contudo, ele não ficava estranho ao movimento literário e político; ele lia qualquer coisa, sem ordem nem ideia diretora; e, assim como muitos de nossos contemporâneos, ele acumulou algumas migalhas em diversas linhas do saber; ele fez para si uma concepção de mundo que parecia muito com o colorido aleatório da roupa do Arlequim e, muito satisfeito de si mesmo, até hoje acredita ter uma verdadeira cultura nessa bagunça de ideias vagas e confusas de todos os feitos e teorias possíveis e imagináveis. Na prática, ele se ligou exclusivamente à jurisprudência; quanto à teoria, ele se fez fourierista. Ele era rico, embora mesquinho; ao redor dele, se juntavam alguns jovens, a maior parte professores do corpo dos cadetes e dos oficiais da Guarda, espíritos cansados ou meio sábios, a maioria nulos e ambiciosos, alguns levados pelo exemplo, os outros de forma mais independente, não tanto do fundo do coração quanto por uma vago e estúpido capricho, que aspiravam a alguma coisa, mas principalmente sair de suas miseráveis situações onde todos estavam descontentes.

Contudo, a gente vê às vezes aparecer homens mais memoráveis, tal como o escritor Dostoiévski, não desprovido de talento, e meu amigo Emmanuil Tol, aluno do instituto de pedagogia, e em seguida mestre-escola em diversos estabelecimentos escolares do Estado, um ser esplendidamente excêntrico, de uma beleza monstruosa; pequeno de altura, com uma cabeça enorme, um pescoço de touro e ombros quadrados, uma testa enorme de pensador,

um nariz horrível, grossos lábios carnudos, braços de uma sagena de comprimento e, em seu rosto monstruoso, uma expressão, da mais atraente, de inteligência, de bondade, e um sorriso ao qual não podemos resistir. As crianças o amam e ele as adora; e as jovens moças se aninham perto dele como pássaros sob um teto seguro e quente. Sua mente é lúcida, sensata, embora um pouquinho escolástica e dogmática - o que é o fruto de sua educação - mas, apesar disso, longe de ser fechada, e apta a fazer sua toda verdade. Coração de ouro, magnânimo, puro, incapaz da menor ambiguidade e totalmente isento de egoísmo e de vaidade. Caráter cavalheiresco, impetuoso, às vezes com uma doçura feminina, às vezes violentamente energético e ousado, mas incapaz, ao que parece, de ações contínuas e de perseverança. Quando acontece de ele beber, se torna terrível, tal qual uma besta feroz descontrolada. Ele tem o pescoço grosso e curto e dessa forma o sangue lhe sobe rápido à cabeça. Eu o conheci em 1857, em Tomsk, onde ele veio a ser transferido de uma fábrica onde trabalhavam os condenados; e bem rápido eu me aproximei dele. Em Tomsk ele vivia de lições e era um excelente mestre-escola; as crianças o adoravam e até ao presente, minha mulher, que foi uma de suas alunas, guarda dele a mais carinhosa lembrança. Mas, mal influenciado, ele se entregava à bebida. Na Sibéria, bebe-se terrivelmente e bebe-se vodka pura sem hesitação. Eu tinha conseguido desviá-lo da embriaguez e das más companhias. E durante um ano e meio, antes que ele voltasse à Rússia, nós vivíamos como irmãos. Agora, ele está em Petersburgo, onde ele se ocupa da literatura e dá aulas; eu lhe escrevo raramente porque ele é tagarela e imprudente ao extremo; colocando de outra forma, não é dotado de senso crítico para julgar os indivíduos, ele é por infortúnio constantemente cercado de verdadeiros crápulas. Mas, se se tratasse de agir, eu me dirigiria diretamente a ele, persuadido de que seria um dos artesãos mais capazes e o mais honesto, desde que al-

guém o pegasse pela mão. - É através dele que, pela primeira vez, eu ouvi os detalhes sobre o caso Petrashevski e histórias sobre a vida, as ocupações, as movimentações e as individualidades do círculo dele; histórias das mais dignas de precisão e exatidão, primeiro, porque Tol não mentiria, mesmo se ele precisasse disso para salvar sua mãe, que ele ama mais que tudo no mundo; e segundo, porque eu os descobri de tal qualidade ao compará-los em seguida com as histórias de Petrashevski, Lvov e Speshnev. Assim, na casa de Petrashevski se reuniam alguns rapazes para falar e discutir entre eles de diferentes assuntos dos quais todos conheciam pouco, mas que eles tentavam mais ou menos seriamente esclarecer e entender. Além disso, longe de estarem insatisfeitos deles mesmos, e pouco conscientes de sua ignorância, eles olhavam a multidão com desprezo e, eles mesmos minimamente instruídos, queriam ensinar; em suas iniciativas existia muita infantilidade. É assim que em seus cérebros nasceu a ideia de um dicionário político (você se lembra, Herzen, você o tinha levado para nós em Paris), que Petrashevski mandou imprimir às suas custas, e conseguiu habilmente consagrar o grão-duque Michail Pavlovitch. Gesto aparentemente bem arriscado e loucamente audacioso, digno de um objetivo mais sério; e então? Petrashevski acreditava muito seriamente que, visado pela censura e acobertado pelo nome do grão-duque Michail Pavlovitch, este livreto lhe traria muita coisa. É o que o próprio Petrashevski me tinha dito. De fato, o nome do grão-duque os salvou em seguida das perseguições. O principal traço de todos esses senhores era de discutir ao infinito: discutir é uma coisa que se manifesta sobretudo onde o orgulho, a vaidade e a pretensão ganham das tendências do coração e da mente, onde não há nem paixão nem ideia. É por isso que nós, russos, somos em maioria debatedores impenitentes; nós discutimos sobre tudo com paixão, tagarelamos até não acabar mais e não nos interessamos a nada do que é real, porque nem

nos damos o trabalho de aprofundar mesmo que minimamente os assuntos dos quais nós falamos. - Usando seus direitos de anfitrião e de mais alto debatedor por excelência, Petrashevski foi entronizado entre eles. Seu ar venerável e cínico pode o impor na multidão; sua barba preta só por ela mesma já vale ouro; e quando ele se esquentava e debita suas mentiras, seus olhos pretos faíscam literalmente através de seus óculos. Falando de tudo e de qualquer coisa, esses senhores abordavam a política e as questões sociais, vindas a seu conhecimento por panfletos e publicações francesas, e enfim, a situação na Rússia. As discussões eram quentes e todas as tendências e todos os sistemas possíveis e imagináveis eram representados. A fim de preparar convenientemente as questões, eles se entendiam para dividir os assuntos; cada um se encarregava de estudar uma questão, de aprofundá-la na medida do possível e de fazer em seguida uma espécie de conferência. E iam revezando. Tol, por exemplo, se encarregou da teologia e da pedagogia. Petrashevski, da economia política e do socialismo. Lvov, das ciências naturais, etc. As conferências eram seguidas de debates. Em seguida, jantar, diversão e bebida. De modo que esses cavalheiros formaram uma associação das mais triviais, das mais inofensivas; e eles estavam satisfeitos, permeados de uma dose muito pequena de real curiosidade científica, uma forte dose de vaidade e uma enorme necessidade russa de farrear. Um objetivo prático digno desse nome não existia. Com exceção de Tol e depois de Speshnev, que veio depois, todos eram opositores determinados, sistemáticos, de medidas e de atos revolucionários. Eles tomavam sua conversa por ação. É verdade que acabaram abordando uma questão prática: “O que vamos fazer?” As respostas foram diversas, cada uma mais inepta que a outra; finalmente eles se apearam a isso: todos os membros do círculo permanecerão intimamente ligados uns aos outros e, em primeiro lugar, vão se ajudar na vida em qualquer caso, por exem-

plo, de tal forma que todos gritarão a uma só voz que Petrashevski é o primeiro economista do mundo, maior que Fourier, Saint-Simon e Adam Smith; que Shakespeare não chega aos pés de Dostoiévski; que Lvov supera Humbolt, e que Tol’ é o primeiro teólogo e pedagogo do mundo; e, em segundo lugar, eles se espalharão por toda a Rússia, e procurando por toda parte colaboradores e auxiliares, procederão a uma transformação radical da Rússia, difundindo as verdadeiras novidades que conseguirão consagrar. - Em 1848, nos primeiros dias da revolução no Ocidente, chegava a eles Speshnev, um homem notável sob muitos aspectos, inteligente, rico, culto, bem consigo mesmo, da mais nobre aparência, a qual está longe de ser rebarbativa, embora de uma frieza impassível, e que inspira confiança como toda força tranquila, um cavalheiro da cabeça aos pés. Os homens não podem se apaixonar por ele, pois ele é muito fleumático; e satisfeito de si mesmo no seu foro interior, ele parece não reivindicar a simpatia de ninguém; por outro lado, mulheres, jovens e velhas, casadas ou não, eram e, por pouco que ele quisesse, seriam loucas por ele. As mulheres não odeiam o charlatanismo e Speshnev gera um grande efeito; ele se destaca em se envolver em um tipo de impenetrabilidade. A história de sua juventude é um romance. Mal saído do colegial, conheceu uma jovem e bonita polonesa que, por ele, abandonou marido e filhos, arrastou-o com ela para o exterior, deu-lhe um filho e depois, tornando-se ciumenta, envenenou-se em um ataque de ciúmes. Que vestígios esse evento deixou em seu coração, eu não sei; ele nunca me falou sobre isso. Só sei que não contribuiu pouco para que ele se destacasse aos olhos do sexo feminino ao envolver sua magnífica cabeça com uma auréola de tristeza e romantismo. - Em 1846, Speshnev passava por leão da associação estrangeira, em particular da associação russo-polonesa de Dresden. Recebi todos esses detalhes da minha falecida amiga, Elizaveta Petrovna Jazykova e sua

filha; e a mãe, as filhas e todos os seus amigos, até uma condessa polonesa de 70 anos, estavam apaixonados por ele. Seu amigo, seu inseparável Seid, era o charlatão loiro Edmond Choeci. Mas não somente as senhoras, as jovens polonesas, principalmente do partido aristocrático de Czartoryscy eram loucas por ele, tanto é que ainda no exterior eu estava interessado em conhecer Speshnev e me esforcei para coletar todo tipo de informação sobre ele. Tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente em Irkutsk em 1859. Ele morava então com Lvov e Petrashevsky. Eu já tinha ouvido falar dele na Sibéria, primeiro por Tol e ainda mais pelos poloneses que retornaram ao seu país em 1857 e 1858 das minas de Nertchinsk e dos locais de deportação. Todos falavam dele com grande respeito, alguns sem a menor simpatia, enquanto falavam dos outros com pesar acompanhado de encolhimento dos ombros; quanto a Petrashevsky, falavam dele simplesmente com desprezo. Deve-se notar que todo esse pequeno círculo, com exceção em suma de Tol', mas incluindo SpeÓnev, não tolerava os poloneses. Todos responderam friamente à recepção calorosa e fraterna de parte deles. Essa frieza ainda aumentou quando as conversas começaram: os jovens russos, com toda a amplitude do pensamento russo que nada amarra, faziam-se de ateus, socialistas, humanistas no meio fanático e estreito dos poloneses. Devo lhes dizer que, precisamente nas fábricas de Nertchinsk, embora os poloneses deportados para lá fossem os mais sensatos, os mais talentosos, os mais notáveis tanto de caráter quanto pelo coração – e, sem dúvida, precisamente por essas razões - o fanatismo católico polonês atingiu seu paroxismo. - O polonês Erenberg foi o fundador do círculo polonês de Nertchinsk. Com ele, Speshnev deu a toda essa tendência, e depois a todos os seus compatriotas deportados, esse caráter de exaltação sonhadora e patriotismo místico, que em seus primórdios, era muito mais amplo e rico naquilo em que levava em si,

mas que, a partir de então, degenerou e se fechou no fanatismo católico polonês, de uma estreiteza desesperadora. Assim como os velhos crentes, como os judeus, os quais são convencidos de estar perecendo não pelo fato de ainda serem judeus, mas porque ainda o são muito pouco; da mesma forma os membros do círculo polonês se convenceram de que o que os perdia, não era o catolicismo nem mesmo o exclusivismo polono-judaico, mas a falta de catolicidade e exclusivismo nacional. Não vamos depreciar muito os poloneses, vamos defendê-los. Além disso, não cabe a nós, russos, depreciá-los. Nós fechamos com nossas próprias mãos todas as escolas e universidades da Polônia, tiramos deles todos os meios de se instruírem. Depois de tê-los pisoteado e vendido em parte aos alemães, nós os levamos a uma situação desesperadora onde a desastrosa obsessão nacional, um reflexo espontâneo, doentio, irritável, desesperado, tornou-se um fenômeno natural, necessário embora nefasto. Só é são, sensato e forte aquele que sabe se esquecer de si mesmo. Pensar em si, se cuidar e sofrer por si mesmo é o direito incontestável dos poloneses; a nacionalidade, assim como o indivíduo, que observa o processo da vida, da digestão, da respiração, só tem o direito de se preocupar consigo mesma quando é negada. É por isso que os poloneses, os italianos, os húngaros, todos os povos eslavos oprimidos colocam na frente, naturalmente e de pleno direito o princípio da nacionalidade; e talvez seja por isso que nós, russos, nos importamos tão pouco com nossa nacionalidade e a esquecemos com tanta vontade nas grandes questões. No entanto, este direito é ao mesmo tempo também uma doença, uma desastrosa e perigosa doença.

Fale de Goethe a um polonês, e ele imediatamente lhe dirá: “Mas nós temos certo poeta Mickiewicz”; de Hegel, e eles vão se gabar do grande filósofo polonês Trentkowski, do grande filósofo-economista Tchelchowski; uma vaidade nacional doentia os arruína, um pobre consolo na situa-

ção crítica em que estão. Em vez de olhar para frente, olham para trás, onde, exceto a morte, não encontrarão nada; em vez de regenerar sua vida nacional em contato com a vida mundial, separam-se dela como os judeus e se orgulham de uma espécie de vocação messiânica. Esse judaísmo os arruinará se nós, eslavos, e em primeiro lugar, nós, russos, não os arrancarmos dessa mórbida contemplação de si mesmos. Repito, enquanto russos precisamente, nós temos que nos mostrar particularmente indulgentes e pacientes com eles; gostando eles ou não, devemos, para nossa salvação comum, nos reconciliar e confraternizar.

15 de novembro. Krasnoiarsk.

Queridos amigos, agora devo deixá-los; a pessoa que se encarregou de lhes entregar esta carta chegou inesperadamente e está partindo em breve; de modo que o resto chegará a vocês mais tarde e espero que brevemente. Parece que já disse o suficiente para parar seus ataques contra Muraviev-Amursky e abalar, mesmo que apenas um pouco, sua fé cega em seus inimigos.

Minhas palavras vão convencê-los ou não? Vai depender do grau de confiança do qual vocês me julgam ser digno; pelo menos cumpri meu dever junto a vocês e à verdade; e aproveitarei a oportunidade mais próxima para cumpri-la até o fim, ou seja, para lhes enviar o fim desta carta. Mas

ainda tenho muitas coisas a dizer: completar a caracterização de Petrashevsky e seus companheiros; e em seguida, descrever o que Muraviev fez pelos camponeses da Sibéria Oriental, pelos condenados relegados, pelos colonos, pelos trabalhadores das minas de ouro, especialmente pelos *raskolniks* que ele chama de seus amigos, e depois explicar a você as relações dele com Petersburgo e fazer você sentir o quanto isso é doloroso para ele (mais doloroso do que todo o resto) que vocês, a quem ele estima profundamente, com cuja ação ele simpatiza tão calorosamente e a quem ele considera amigos, vocês se comportem como inimigos em relação a ele. - Finalmente, preciso também falar de mim. Vou lhes enviar também o meu retrato e o de minha mulher com uma carta para meu grande e fiel amigo Reichel. E agora, amigos ou inimigos, fiquem bem. Pode ser que voltemos a nos encontrar ainda na Rússia.

Seu fiel

M. Bakunin. -

Preciso dizer que esta carta, que compromete tão seriamente Muraviev diante da IIIª Seção, deve ser lida apenas por vocês, amigos, ou seja, Herzen e Ogarev, e em seguida destruída ou escondida de tal maneira que o próprio diabo não possa a encontrar? Quanto a isto e a todo o resto, eu conto inteiramente com a honra de vocês.

*O*utros assuntos para a vitória do socialismo revolucionário e do proletariado são abordados nessa quarta edição da revista. Esperamos que cada um e cada uma, trabalhador ou pesquisador, possa extrair as lições teóricas e estratégicas universais do bakuninismo para interpretar a realidade específica de cada país em cada momento histórico. Desejamos, por fim, uma boa leitura a todos e todas!